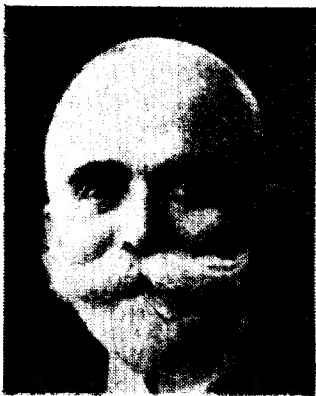
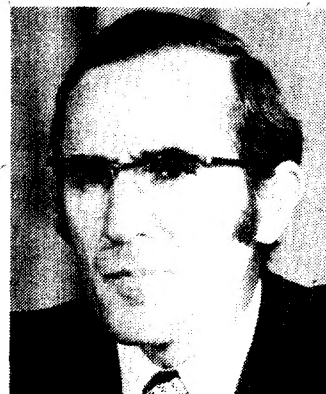




Bernardino Machado

CINQUENTA ANOS ENTRE DOIS HOMENS



Ramalho Eanes

... O general graduado António dos Santos Ramalho Eanes toma posse esta tarde, às 18 horas, do cargo de Presidente da República, para que foi eleito em 27 de Junho passado. Antes dele o último presidente escolhido pelos cidadãos portugueses havia sido, em Dezembro de 1925, o dr. Bernardino Machado, deposto em Maio de 1926 pelo «golpe» de que saíria a ditadura militar.

Ramalho Eanes toma posse esta tarde, pelas 18 horas, perante a Assembleia da República.

Juro por minha honra desempenhar fielmente as funções em que fico investido e defender e fazer cumprir a Constituição da República Portuguesa — esta a declaração de compromisso que o novo Presidente da República prestará perante os deputados, dando início a um mandato

previsto para cinco anos.

A cerimónia assistirá o Presidente da República cessante, general Costa Gomes, além de membros do Conselho da Revolução, do Governo, do corpo diplomático e de numerosas individualidades civis e militares convidadas.

Ramalho Eanes, que fará o percurso entre Belém e S. Bento em cortejo automóvel e escoltado por forças de cavalaria da GNR, deverá chegar à As-

sembleia da República cerca das 17.50, sendo saudado por uma guarda de honra constituída por militares dos três ramos das Forças Armadas.

Recebido pelo presidente interino da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes e por uma deputação dos partidos parlamentares, seguirá para o Salão Nobre de S. Bento, dirigindo-se depois para a sala de sessões onde ocupará lugar na mesa da pre-

sidência.

No exterior do Palácio de S. Bento deverá à mesma hora decorrer uma manifestação de apoio ao novo Presidente da República. Convocada pelo PPD com a adesão do CDS, a ela se associará também o PS depois de se ter acordado que a manifestação não teria «carácter partidário».

O trânsito nas imediações de S. Bento encontra-se condicionado desde as 14 horas.

Competência

do Presidente da República

A Constituição da República Portuguesa dedica três artigos à competência do Presidente da República — quanto ao funcionamento de outros órgãos, para a prática de actos próprios e nas relações internacionais. É esse articulado que seguidamente transcrevemos:

ARTIGO 136.º

Compete ao Presidente da República, relativamente a outros órgãos:

- Presidir ao Conselho da Revolução;
- Marcar o dia das eleições dos deputados, de harmonia com a lei eleitoral;
- Convocar extraordinariamente a Assembleia da República;
- Dirigir mensagens à Assembleia da República;
- Dissolver a Assembleia da República, precedendo parecer favorável do Conselho da Revolução ou, obrigatoriamente, nos casos previstos no n.º 3 do artigo 198.º;
- Nomear e exonerar o Primeiro-Ministro, nos termos do artigo 190.º;
- Nomear e exonerar os membros do Governo, sob proposta do Primeiro-Ministro;
- Presidir ao Conselho de Ministros, quando o Primeiro-Ministro lho solicitar;
- Dissolver ou suspender os órgãos das regiões autónomas, ouvido o Conselho da Revolução;
- Nomear um dos membros da Comissão Constitucional e o presidente da comissão consultiva para os assuntos das regiões autónomas;
- Nomear e exonerar, sob proposta do Governo, o presidente do Tribunal de Contas, o Procurador-Geral da República e os representantes do Estado nas regiões autónomas.

ARTIGO 137.º

1. Compete ao Presidente da República, na prática de actos próprios:

- Exercer o cargo de Comandante Supremo das Forças Armadas;
- Promulgar e mandar publicar as leis da Assembleia da República e os decretos-leis e decretos regulamentares do Conselho da Revolução e do Governo, bem como assinar os restantes decretos;
- Declarar o estado de sítio ou o estado de emergência, mediante autorização do Conselho da Revolução, em todo ou em parte do território nacional, nos casos de agressão efectiva ou iminente por forças estrangeiras, de grave ameaça ou perturbação da ordem democrática ou de calamidade pública;
- Pronunciar-se sobre todas as emergências graves para a vida da República, ouvido o Conselho da Revolução;
- Indultar e comutar penas.

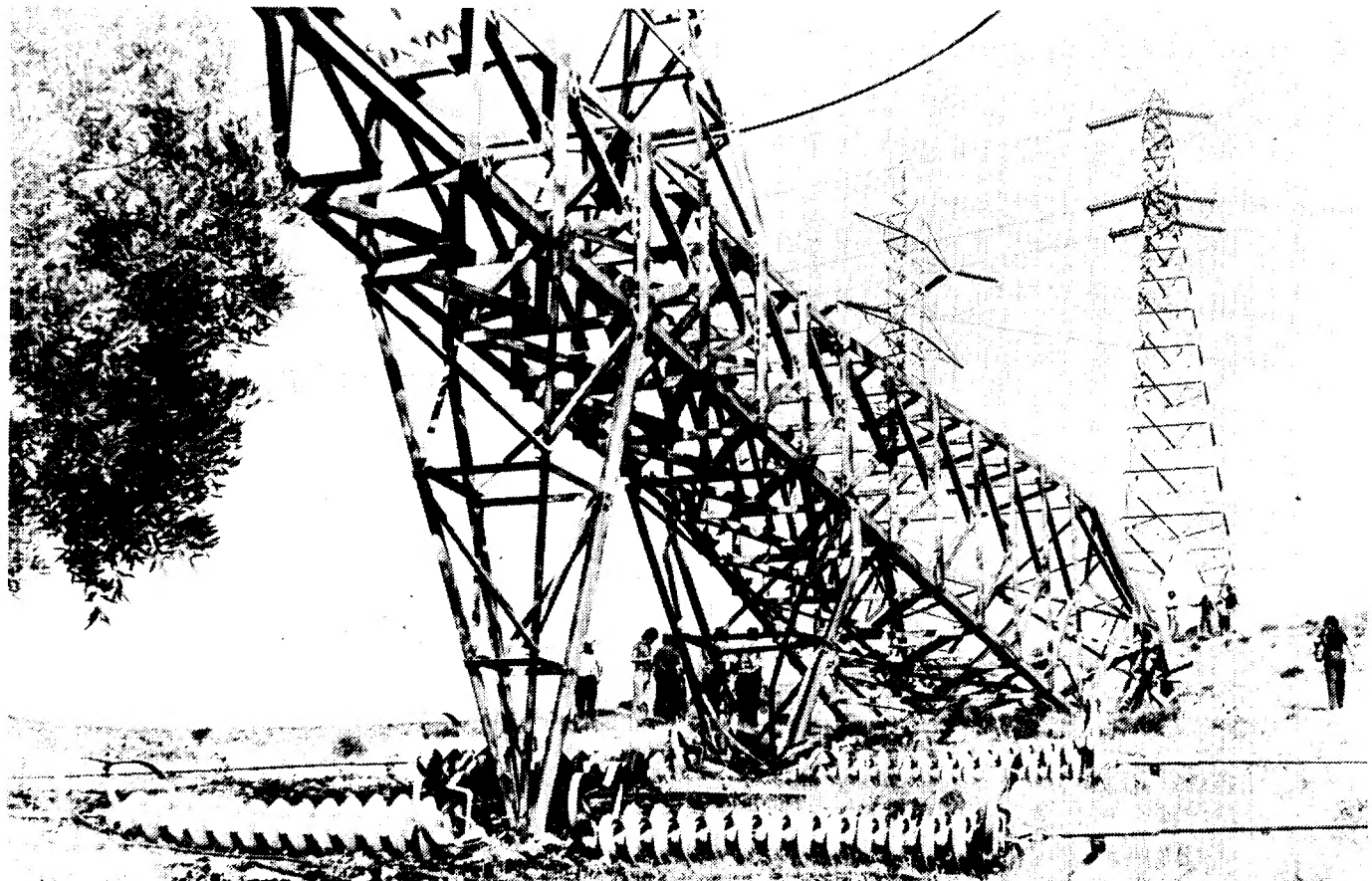
2. A falta de promulgação ou de assinatura determina a inexistência jurídica do acto.

3. O estado de sítio ou o estado de emergência não podem prolongar-se para além de trinta dias sem ratificação pela Assembleia da República.

ARTIGO 138.º

Compete ao Presidente da República, nas relações internacionais:

- Nomear os embaixadores e os enviados extraordinários, sob proposta do Governo, e acreditar os representantes diplomáticos estrangeiros;
- Ratificar os tratados internacionais, depois de devidamente aprovados;
- Declarar a guerra em caso de agressão efectiva ou iminente e fazer a paz, mediante autorização do Conselho da Revolução.



Duas torres da C. P. E. que transportam energia do Zêzere a Sacavém e de Sacavém a Porto Alto, e mais dois postes de cimento das C. R. G. E., foram derrubados ao começo da manhã por potentes cargas de plástico colocadas por «profissionais». O atentado foi a 20 km de Lisboa, na Auto-Estrada do Norte, mas o abastecimento permanece normal (Ler na pág. 20)

DELEGAÇÃO DO M.P.L.A. EM LISBOA

Temas das conversações: repatriamento de angolanos e regresso de portugueses

Chegou a Lisboa uma delegação da República Popular de Angola, chefiada por Paulo Jorge, membro do Comité Central do MPLA e adjunto da Presidência da RPA, para iniciar conversações com uma delegação portuguesa. Os temas fundamentais das conversações respeitam ao repatriamento dos angolanos que se encontram em Portugal e ao regresso de alguns portugueses que abandonaram aquele

território.

Por seu turno admite-se para breve (faz parte da agenda das duas delegações) a normalização das relações bilaterais.

O repatriamento dos angolanos, voluntário, poderá começar a fazer-se dentro de algumas semanas, sendo os encargos da operação da responsabilidade da RPA. A fase seguinte diz respeito ao regresso de portugueses que para tal entretanto se inscrevam ou es-

tejam inscritos. Em breve, serão divulgados os pormenores desta operação, nomeadamente quanto à forma como se procederá ao recenseamento dos angolanos residentes em Portugal e que atingem neste momento um número próximo dos 60 mil.

A propósito recorda-se que são considerados angolanos todos aqueles que, naturais de Angola, não tenham optado pela nacionalidade portuguesa.

MINISTRO
ALMEIDA
SANTOS
VISITOU
ONTEM O



(Pág. 20)

Nacional

Política de A a Z

UM PASSO SIGNIFICATIVO

Hoje, após um longo intervalo de menoridade cívica, um Presidente da República livremente eleito vai ser investido na mais alta função do Estado. Se recordarmos o que em Portugal se passou de 1926 a 1974, o progresso político, a transformação da vida portuguesa, o avanço social, são indiscutíveis. E a investidura do Presidente da República, seja qual for a leitura que se faça dos resultados eleitorais, marca um passo significativo numa institucionalização democrática da vida portuguesa que, sob variados aspectos, transcende e excede a mera democracia formal. Não se trata, aqui e agora, de semear ilusões, mas de precisar os limites e o sentido de acontecimentos e de textos. A «Constituição» que, como nos foi garantido ao longo da campanha eleitoral, o general Ramalho Eanes, como Presidente da República, se propõe respeitar, defender e impor, é uma «Constituição» progressista. Do seu articulado resulta a determinante legal de institucionalizar a Democracia e a possibilidade legal de encaminhar o país para o Socialismo. E este encaminhar não poderá reduzir-se, segundo a letra da «Constituição» a um propósito teórico diferido no tempo. A «Constituição» é clara: «Portugal é uma República soberana; baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na sua transformação numa sociedade sem classes.» Di-lo o Artigo 1.º E logo o Artigo 2.º define: «A República Portuguesa é um Estado democrático, baseado na soberania popular, no respeito e na garantia dos direitos e liberdades fundamentais e no pluralismo de expressão e organização política democráticas, que tem por objectivo assegurar a transição para o socialismo mediante a criação de condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras.»

Esta é a missão histórica do novo Presidente da República. Não é uma tarefa fácil. Nessa tarefa, e até em função do condicionamento presente, e não esquecendo a ambiguidade dos apoios eleitorais que pretenderam (e pretendem) contrariar a vontade popular, António Ramalho Eanes deverá ser ajudado. Ajudado a defender-se de «oportunistas» e de «aduladores». A livre imprensa tem o dever de lhe prestar colaboração útil. Dizia o Antero que a crítica era melhor que o entusiasmo. Deplorava o Camões a praga dos aduladores.

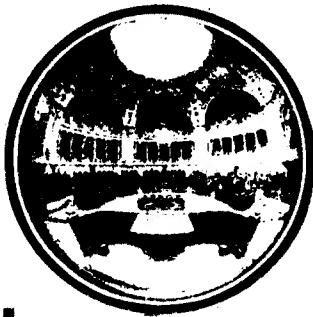
PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

Para cumprir, e fazer cumprir, a «Constituição», António Ramalho Eanes não poderá ser o Presidente da República de quantos se opõem ao «processo revolucionário» e mesmo dos distraídos e dos mal avisados (ou mal intencionados) que na imprensa condenam indecorosamente, ou se comprazem apenas em considerar obsoleta, qualquer referência ao «processo revolucionário». Democratas de recrutamento recente e saudosistas da «ordem» antiga, liberais transviados e reacçãoários de gestação recente, não suportam a palavra «Revolução» e alusão ao «processo revolucionário». Mas o Presidente da República, por força da lei, presidirá à «Revolução» e não só, por inerência, ao «Conselho da Revolução». E presidirá a um «processo revolucionário» que tem como suporte a «aliança entre o Movimento das Forças Armadas e os partidos e organizações democráticas», porque é essa aliança que «assegura o desenvolvimento pacífico do processo revolucionário» (Art.º 10.º, da «Constituição da República Portuguesa»).

Não se poderá considerar este preceito constitucional, do n.º 1, do Artigo 10.º, como um acidente formal num longo discurso. Efectivamente, estamos perante um preceito fundamental e que tem conteúdo. O n.º 2, do mesmo Artigo, preceitua: «O desenvolvimento do processo revolucionário impõe, no plano económico, a apropriação colectiva dos principais meios de produção. Entende-se melhor, à luz do articulado da «Constituição», porque são tão frequentes e tão virulentos, tão pretensamente anedotizantes e tão vis e simplistas, as diatribes que suscita a expressão: «processo revolucionário». O Presidente da República, como militar, como cidadão, terá que tirar da «Constituição» a razão e a força para defender o «processo revolucionário» e manter a «aliança» das Forças Armadas e do Povo. Dizendo melhor: a integração das Forças Armadas nas grandes tarefas nacionais de reconstrução e de construção.

PODER DOS TRABALHADORES

Não é para a Democracia formal e burguesa; não é para a «política» dos «políticos» que aponta a «Constituição da República Portuguesa» que António Ramalho Eanes se propôs defender nas suas declarações de campanha e que hoje jura cumprir. A «Constituição» aponta para o «poder dos trabalhadores» como garantia e concretização da autêntica democracia e da construção socialista. Criar as «condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras» é objectivo constitucionalmente definido no Artigo 2.º A função dos partidos políticos é importante mas não poderá ser entendida como exclusiva. A «Constituição» diz: «Os partidos políticos concorrem para a organização e expressão da vontade popular, no respeito pelos princípios da independência nacional e da democracia política» (n.º 3, Artigo 3.º). Onde nem é exclusiva a acção dos partidos políticos, nem deverá ser consentida a actividades daqueles que não correspondam aos princípios «da democracia política», os que se propõem o «regresso» e a «desforra», os que contestem o significado político do «25 de Abril» ou vilipendiam as consequências do acto histórico dos «Capitães de Abril». Donde o Presidente da República deverá estar atento à vontade popular mais do que à vontade dos «partidos políticos», e deverá ser sensível aos movimentos de base que encaminhem para a «criação de condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras».



Enquanto Mário Soares e Sá Carneiro abandonavam, juntos o hemicycle, o PS e o PPD votavam, juntos, na sessão de ontem da Assembleia da República. Coincidência?

Soares e Carneiro não regressariam aos debates (diz-se que conversaram longamente). António Arnaut (PS) e Jorge Miranda (PPD), acompanharam-se em declarações coincidentes. Resíduos de uma «convergência» nas presidenciais?

Que motivou mais esta

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Soares e Sá Carneiro conversam P.S. e P.P.D. votam juntos

acção conjugada dos dois partidos?

Responde Vital Moreira: contrariar «as regras do direito parlamentar» «arrogar-se o direito de alterar a ordem do dia».

«Mau princípio», dir-se-ia das bancadas do CDS, enquanto o deputado da UDP acompanharia os protestos anteriores.

Todas estas posições se justificavam. Na última sessão parlamentar, marcara-se, para ontem, a discussão da composição e forma de eleição da mesa da Assembleia. Era esta a agenda de trabalhos a que haveria que obedecer. Nac

o entendeu o PS, a despeito de ter sido o seu deputado José Luís Nunes, quem o propôs (e ontem significativamente ausente enquanto a discussão se processava). Não o entendeu, também, o PPD que, sem surpresa, o acompanhou. Resultado: a Assembleia passou a examinar, na generalidade, um Regimento que ainda não conhece pois dos duzentos e cinquenta artigos que compoem apenas sessenta foram apresentados.

«Decisão anti-regimental e anticonstitucional», diria um deputado comunista.

Mas a força da maioria PS-PPD prevaleceu e, enquanto Mário Soares e Sá Carneiro, ausentes, conversavam (ter-se-ão iniciado as anúnciadas consultas interpartidos?), os deputados presentes iam exanimando e aprovando quinze artigos do Capítulo I do Regimento da Assembleia da República, com excepção de dois pontos dos artigos 4.º e 8.º que baixaram à Comissão do Regimento para novo estudo (o primeiro por proposta do PCP, o segundo por intervenção da UDP).

«Mau princípio».

E.R.

COSTA GOMES NA DESPEDIDA DE C.E.M.G.F.A.

“Estamos perante situações difíceis”

«A época que se avizinha não é uma época fácil. Estamos perante situações difíceis, em que será preciso que as Forças Armadas, mais uma vez se conservem coesas, firmes e determinadas a fazer cumprir e manter a tranquilidade e os objectivos que estão consignados na Constituição portuguesa» — sublinhou Costa Gomes ao despedir-se ontem dos seus colaboradores do Estado-

Maiores-Generais das Forças Armadas.

A cessar o seu mandato, Costa Gomes criticou os que tentam desprestigiar ou caluniar a Revolução do 25 de Abril.

«Não era possível fazermos melhor — acrescentou — nem foi possível controlar os acontecimentos que se sucederam e que a maioria deles derivaram, no que respeitam à demo-

cratização do País, da influência das forças que, em liberdade, irromperam subitamente do povo português».

A concluir o Presidente Costa Gomes manifestou-se esperançado de que as Forças Armadas que «ao longo dos oito séculos da História, têm acompanhado a par e passo, e têm mantido, no mais alto grau, este patriotismo que se torna indispensável que seja actuante

para poder cumprir as missões que sempre lhe estiveram consignadas, estejam, num esforço convergente, preparadas para, no futuro, poderem continuar a cumprir as missões que vêm consignadas na Constituição».

RESPOSTA AO «DN»

Entretanto a Presidência da República emitiu ontem uma nota oficiosa, a propósito de um editorial de Mário Mesquita, director interino do «Diário de Notícias», sobre Costa Gomes, em que observa ser «muito difícil à Presidência da República aceitar lições de dignidade do director interino do «Diário de Notícias». Mais que não fosse, por ter sabido nunca ceder à mesquinhez e à leveza de ânimo que tornam a crítica fácil, mas a não absolvem de intenção».

A nota, depois de frisar que «será, evidentemente, mais fácil dirigir um jornal do que presidir aos destinos de um país», conclui: «com os elementos à vista, é ao povo português, que paga o «Diário de Notícias», que cabe julgar o procedimento de quem, longe de denegrir uma figura prestes a abandonar as suas funções, afinal a si próprio se diminui numa primeira página aberta a centenas de milhares de portugueses».

DECLARAÇÕES AO “MONDE”

A mais ampla coligação para o próximo Governo

O general Costa Gomes, que hoje termina o mandato que lhe foi conferido pelo MFA, como presidente da República, voltou a defender, em entrevista ao jornal francês «Le Monde», a necessidade de o primeiro governo definitivo ser constituído na base duma ampla coligação.

Segundo afirmou, a mais larga coligação é a única forma de garantir a estabilidade política em Portugal. Comentou o general Costa Gomes: «Levando em consideração as

medidas necessariamente populares que terão de ser tomadas, creio que o novo governo devia ter a mais vasta coligação política possível». E acrescentou: «Tal coligação seria a mais adequada solução, a única capaz de garantir a estabilidade política, necessária mais que nunca».

O general Costa Gomes, referindo-se aos partidos fascistas, afirmou também ao «Le Monde» não acreditar que eles possam regressar ao poder: «A grande maioria do povo português jamais aceitará o regres-

so da opressão, isolamento, exploração e obscurantismo», salienta. «O povo lutará se a sua liberdade for ameaçada».

Depois de considerar que a política externa portuguesa será coroada de êxito sendo diversificada, o general Costa Gomes salientou que Portugal reforçará as suas relações com a Europa Ocidental, ao mesmo tempo procurando estreitar os laços de amizade com as antigas colónias portuguesas, e lamentou os confrontos que provocaram muitas mortes em Timor e em Angola.

Magistrados procuram formar movimento unitário antifascista

A criação de um Movimento Unitário de Magistrados Antifascistas, MUMAF, foi proposta no decorrer de uma jornada de confraternização de magistrados, realizada em S. Pedro de Moel.

«Unir em torno de uma estrutura unitária progressista todos os magistrados, quer do Ministério Público, quer judiciais, dispostos a defender o progresso revolucionário, nomeadamente as conquistas dos trabalhadores já com consagração legal na Constituição», será um dos objectivos centrais do MUMAF.

Para que a constituição do MUMAF prossiga rapidamente, foi proposta a criação de núcleos em cada círculo judicial, devendo a sua formação ser comunicada ao juiz Celso Dengucho, da Marinha Grande,

a fim de os aderentes do Movimento poderem realizar uma reunião geral o mais rapidamente possível.

Outra das razões que estimulam a constituição deste movimento é a necessidade de ultrapassar uma certa divisão existente entre magistrados do Ministério Público e magistrados judiciais. O desvirtuamento que os preceitos constitucionais começam já a sofrer, constituem também importante objectivo do MUMAF.

«Ultrapassar uma perspectiva meramente reivindicativa de tipo económico... ou preocupações meramente literário-científicas normalmente presentes nas associações representativas dos magistrados portugueses» deve ser referência, como uma das palavras de ordem, dos defensores do MUMAF.

Socialistas e comunistas debatem R.D.A. em Aveiro

Orientado pelo seu militante Diamantino Lemos, a secção do Partido Socialista de Aveiro leva a efeito depois de amanhã, na sua sede, nova reunião subordinada ao tema «Impressões sobre a vida na República Democrática Alemã».

O debate, que é destinado a filiados, aderentes e simpatizantes iniciou-se com uma sessão, levada a efeito anteontem e na qual foram abordados os seguintes temas:

1 — A existência de partidos políticos e as relações entre si;
2 — apoio popular ao partido que governa;
3 — nível de vida das populações e relações humanas. A

sessão da próxima sexta-feira terá como ordem de trabalhos: 1 — Relações Igreja-Estado; 2 — Educação; 3 — Problemas Sociais.

Também no centro de trabalho do P.C.P., de Aveiro, teve ontem lugar, um colóquio sobre a R.D.A., dirigido por António Regala, secretário do núcleo, nesta cidade, da Associação de Amizade Portugal-R.D.A. A reunião versou os temas seguintes: assistência médica e social ao trabalhador e sua família; administração pública; indústria, agricultura, ensino e planificação quinquenal com participação dos trabalhadores.

post-scriptum

Em Rio Maior: Dia do Agricultor Livre ou Dia do Reaccionário Terrorista?

As forças reaccionárias preparam mais uma afronta ao povo laborioso e pacífico de Rio Maior.

A 13 de Julho do ano passado, começou aqui uma série de assaltos a sedes de partidos de esquerda e desde então vive-se em Rio Maior um clima de desconfiança, mesmo em relação a velhos amigos, esperando-se a todo o momento novas ofensivas dos reaccionários.

Pois este ano, precisamente a 13 de Julho, os saudos do velho regime vão comemorar o aniversário das suas proezas, num «Dia do Agricultor Livre» que não é outra coisa senão o Dia dos Reaccionários Terroristas. Será mais um duro golpe na dignidade de todos os rio-maiorenses autênticos, pois muitos desses senhores das mercedes, dos monopólios e dos latifúndios, nem sequer são naturais do concelho e têm feito o que lhes apetece, desde negócios ilícitos até ataques terroristas, servindo-se de Rio Maior como base estratégica, etc. As verdades serão ditas um dia.

Entre outras coisas, consta do programa um desfile de máquinas agrícolas pertencentes aos senhores da terra da região (nunca aos camponeses pobres). Ora eu pergunto: a população foi consultada para dar opinião sobre isto? As autoridades concelhias regionais e mesmo a nível nacional, já se esqueceram do que foi o 13 de Julho de 1975? Não vêem as pessoas que mandam na Câmara, nas forças militarizadas, que as comemorações do 13 de Julho constituem um ataque directo à sua dignidade?

Possivelmente, e isso seria o cúmulo, não só não vêem, como ainda são capazes de decretar feriado municipal, nem que seja só para o comércio fechar da parte da tarde.

Resta-se pedir a todos os autênticos rio-maiorenses democratas que repudiem estes festejos e ajudem outros rio-maiorenses mal esclarecidos a tomarem consciência da sua condição de trabalhadores, para que todos façamos do 13 de Julho um dia de luta contra os inimigos do povo trabalhador.

Um leitor de Rio Maior devidamente identificado

Viver à larga com o dinheiro de Angola

É por de mais conhecida a polémica que tem levantado o processo adoptado na descolonização, nomeadamente a de Angola. É sempre fácil criticar a posteriori... Se atendermos, porém, à complexidade do problema e dos interesses em presença, a verdade é que qualquer que fosse a solução tomada, muito dificilmente se conseguiria evitar situações semelhantes às que se verificaram e que, sem dúvida, vieram manchar o processo da descolonização.

O que me parece menos certo é atribuir-se a culpabilidade de tudo quanto de negativo se passou a três individualidades: almirante Rosa Coutinho, major Melo Antunes e dr. Mário Soares. É injusto! E não é verdadeiro!

Estes três homens, por muitos erros que lhes sejam atribuídos, tiveram uma virtude: a coragem de assumir cargos de tão grande responsabilidade em função do problema a solucionar. Estes homens não tiveram medo de se queimar. Estes homens não actuaram na sombra, «trabalharam às claras».

Os erros cometidos não podem ser atribuídos na totalidade a estes homens. E porquê?

Porque a maior parte dos erros que se fizeram sentir não foram mais que o reflexo da actuação de algumas dezenas de indivíduos bem colocados na vida e bem relacionados com a alta finança das ex-colónias. Foram esses indivíduos que, «actuando na sombra», alguns até fazendo-se amigos (na altura própria) dos movimentos de libertação, contribuíram para as situações dramáticas que se vieram a desencadear.

Esta afirmação é feita com conhecimento de causa, pois quem escreve estas linhas já vivia em Angola (Luanda) há alguns anos, desde quando para ali fora enviado no cumprimento do serviço militar. Depois acabou por lá ficar, enamorado por uma luandense com quem veio a casar. Reiniciou ali a sua vida profissional como empregado bancário e porque desempenhava funções no sector de operações com o estrangeiro, foi testemunha ocular de elevado número de fraudes ali cometidas, nomeadamente poucos meses antes da independência de Angola.

Por força das circunstâncias fui forçado a regressar a Portugal e com sérias dificuldades ser admitido num dos organismos bancários.

Curiosamente, vim a encontrar, também aqui, um certo «senhor» que conheci em Luanda, o qual me cedeu o cargo que desempenhava conseguiu em 1975, até à sua «fuga» de Angola, colocar alguns milhares de contos em seu benefício em vários bancos da Europa central e no Brasil.

E o mais grave é que esse senhor ocupa hoje um lugar de relevo na Banca. Até quando?

A.S. (funcionário bancário) — Lisboa

CENÁRIOS POLÍTICO-ECONÓMICOS NUM PORTUGAL RESTABELECIDO

MÁRIO MURTEIRA

Portugal reestabeleceu-se: isto é, estamos em vias de criar novo **estabelecimento** (establishment) depois da ruína, talvez mais aparente do que real, do sistema anterior ao 25 de Abril. Já é fácil separar os que estão **dentro**, os democratas, dos que estão **fora**, os marginais, incluindo os comunistas menos «europeus». Há um ano, mais ou menos, a tenda (estabelecimento) seria outra: abrigaria os socialistas (de várias tendências) contra os reaccionários (fascistas, ou simplesmente pró-capitalistas).

De um pluralismo socialista passou-se ao pluralismo democrático, mesmo anti-socialista e fascizante. Aqui entram facilmente o C. D. S., o M. R. P. P. e a A. O. C., estes como justa recompensa dos serviços prestados; a porta do P. C. P. é porém estreita como o buraco da agulha, e só conduz ao Limbo. Quanto ao Direito Constitucional, servirá — como sempre — a gregos e troianos consoante as relações de força que se estabeleçam no terreno. Sábios juristas, tão mal aproveitados desde 74, demonstrarão, atempadamente, a justeza das necessárias interpretações e adaptações.

Há um sabor amargo em tudo isto, ao menos para os que acreditavam na possibilidade, ainda que improvável, de uma revolução socialista em Portugal. Mas a sabedoria popular ensina que não é por muito madrugado que amanhece mais cedo. Ou seja: o socialismo é também uma longa paciência. Interessa então compreender bem de que **estabelecimento** se trata, como poderemos

mover-nos nele e eventualmente refazê-lo aqui e ali, para além do projecto dos seus arquitectos, nacionais e estrangeiros. Para isso, temos que delimitar a sua área, antes de examinarmos os respectivos compartimentos.

A área situa-se firmemente na N. A. T. O. e (para já) no âmbito geopolítico dos amigos desinteressados de dirigentes do P. S., que se dispõem a complementar as ajudas que estabeleceram o partido antes de servirem o restabelecimento do País todo. Dirigentes que são bons advogados da Rua do Ouro, e concebem a política económica como o trânsito que de Lisboa à Europa social-democrata levasse a derrota da esquerda, militar e civil, e a abdicação dos principais pontos do seu próprio programa partidário, em troca do fluir da ajuda financeira, panaceia para todos os males da nossa economia (1). É porém o nosso ouro que vai transitando alegremente ao sabor da incompetência e demagogia internas, fácil presa do frio cálculo e sólida experiência dos nossos interlocutores externos. Aliás, está para breve o momento em que escutaremos da Europa capitalista a mensagem da dura realidade: **ajuda-te que eu te ajudarei**.

É assim nesta área que teremos de mover-nos, e seria perigoso — mais em 76 do que em 75, com o nível do ouro aproximando-se vertiginosamente do zero — pensar que Portugal, digamos, no dia a seguir à Revolução, poderia milagrosamente encontrar-se libertado de todos os condicionais-

mos que nos ancoram nesta Europa. A questão é pois mais de luta de **posições** que de **movimentos**; tratemos então de abrir trincheiras.

É hoje sedutor especular sobre o **entrincheiramento** possível na Europa do Sul. Mas, no imediato, essa área, ou subárea frágil do estabelecimento social-democrata europeu, é apenas uma **potencial** de transformações, imprevisíveis, mas que nunca serão autónomas de movimentações políticas mais amplas à escala de um planeta cada vez mais indissociável nas suas partes componentes. Em 74 e 75, Portugal pareceu capaz de desempenhar algum papel motor nas transformações dessa zona (indirectamente, fê-lo de facto em África), mas, em 76, o melhor que podemos ambicionar, no imediato, é que este canto da ibérrica se não torne reboque demasiadamente pesado. Isto sucederia se, por exemplo, nos

préparássemos para servir de testa de ponte a algum modelo «brasileiro» ou latino-americano transplantado na Europa. Hipótese, ao que consta, que não está excluída do campo dos possíveis a curto prazo, os tais seis meses de que nos falam os «técnicos» (gostariamos, aliás, de saber técnicos em quê).

Ora, parece que o lado mais favorável da nossa inserção nessa Europa do Sul consiste na resistência daí resultante à **latino-americanização** do processo português — atente-se

no desequilíbrio crescente que as forças de direita têm vindo a conquistar entre nós, principalmente no xadrez militar. É, quanto a nós, ilusório falar de movimentação de massas como reserva inesgotável de energias revolucionárias: Polícia, terrorismo, desemprego e controlo reaccionário da Informação serão sempre meios extremamente eficazes de contenção popular. A superestrutura e a infra-estrutura não se encaixam tão mecanicamente como alguns supõem; a dita superestrutura pode ser mesmo sólida e determinante a longo prazo desde que as **forças da ordem** se encontrem bem seguras da ordem que protegem e imunes de qualquer vírus contestatário. Não foi essa a nossa própria experiência de largas décadas, e não terá sido — no fim de contas — o cansaço de uma guerra colonial sem futuro e o consequente desmoronamento do Estado, atrás das Forças Armadas, que nos permitiu o «intermezzo» de folia pré-revolucionária?

Aproveitando, então, um espaço europeu social-democrata, para escapar ao espaço «latino-americano» fascista, que nos restará de reais possibilidades de transição para o socialismo? Ou será que o arrojo do projecto constitucional não traduzirá, a breve prazo, mais do que a utopia saída daquilo que vindouros considerarão o ano delirante de 75?

Questão que cobre uma área

Continua na pág. 4

A LIÇÃO DE FORD E KISSINGER

MICHEL DEBRÉ

Por ocasião da última reunião da O.C.D.E. em Paris, Kissinger lembrou aos representantes dos países ocidentais reunidos em volta da mesa, que deviam «lutar contra a inflação». Em Porto Rico, Ford repetiu a lição ao dirigir-se aos *happy few*.

Tanto quanto se pode saber, ninguém interrogou o secretário de Estado nem o presidente para lhes perguntar: «E se o seu país desse o exemplo? Ford e Kissinger teriam respondido mostrando, com números, o declínio do movimento inflacionista nos Estados Unidos sublinharam a ordem monetária internacional, estabelecida depois da segunda guerra, por uma pretensa nova ordem que é a lei do mais forte. O outro foi sacrificado em benefício da moeda americana, ao mesmo tempo que o princípio dos câmbios fixos, salvo ajustamentos excepcionais, era substituído pelo curioso princípio dos câmbios flutuantes. A potência económica americana, a sua riqueza em matérias-primas e em fontes de energia, a fraca parte do comércio externo, no seu orçamento nacional, a sua capacidade de estabelecer — graças ao poder político que possui medidas proteccionistas directas ou indirectas, e justificava todas as práticas discriminatórias contra a concorrência externa, constituem as seguranças que lhe são dadas de aplicar livremente a política que escolheu. A capitulação dos outros países ocidentais é-lhes paga pelo direito de fazer dividas a essa instituição dita internacional e, na realidade, sa-

télite e serva da tesouraria americana, que se chama fundo monetário. Fabrica-se lá dinheiro, isto é, inflação, sob o nome de direitos especiais de tiragem, e entrega-se essa moeda em função de imperativos políticos fixados por Washington. Noutros termos, os Estados Unidos domaram os seus aliados, entre eles a França, que, durante muito tempo, resistira.

Mas o passivo dessa vitória é claro. Por um lado já não há, nem para os Estados Unidos nem para as outras nações, regras que sancionem o défice da sua balança de pagamentos devido ao gasto quase total das reservas: as dividas são durante longo tempo indolores mesmo quando muito perigosas. Por outro lado, a abundância de «liquidez internacional» aumenta a inflação. E a conferência de Porto Rico, orientada em palavras para a luta contra a inflação, inventou, primeiro em benefício da Itália desamparada, uma nova forma de moeda, uma espécie de superemissão.

Claro que a inflação mundial não cria as desgraças do mundo. Ao dar a falsa sensação de se atenuar, ela agrava-os, a ponto de só serem resolvidos por uma brutal mutação política.

A partir daí, não estou certo de que Ford e Kissinger estejam habilitados a dar lições aos seus parceiros. O fatal triunfo do papel-ouro, a depravação do Fundo Monetário Internacional, deveriam incitá-los a uma maior modéstia. No entanto, o erro dos dirigentes americanos não nos deve

impedir de ouvir as suas palavras. O pecador pode dar uma lição de moral. O delinquente pode lembrar o valor da lei.

A causa profunda da inflação do mundo ocidental provém da soma de dois factos: a aspiração dos cidadãos a um nível de vida sempre mais elevado, isto é, a um número sempre maior de satisfações pessoais, para um trabalho menor; e a competição mundial, militar, científica e industrial que exige gastos incessantes para dominar a concorrência e continuar na via do progresso. Para inclinar as aspirações individuais perante as exigências prioritárias da luta internacional pela vida, seria necessária uma autoridade que poucas democracias conhecem.

É bem claro o exemplo dos Estados Unidos. Eles sentem as exigências de uma potência dominante que deve estar na primeira fila da força, da conquista espacial, da investigação, das indústrias de ponta. É-lhes necessário ao mesmo tempo assegurar a prosperidade de todos os americanos e, em breve, a segurança de cada um deles. A ascensão constante da grande forças mundiais, a Rússia, a China, e o Japão, e a ascensão das aspirações internas, criam novas causas de despesa. Se uma dúvida sobre a sua capacidade monetária para fazer face a este vasto programa, levar os estrangeiros a trocar os seus dólares por outro, isso seria um insuportável constrangimento, mes-

mo para a nação mais rica, mais dinâmica e mais jovem do mundo. Que morra o ouro mas não o dólar! Os Estados Unidos sacrificam a ordem monetária à satisfação dos seus imperativos nacionais.

As outras nações do Ocidente, a França, a Grã-Bretanha, a Alemanha Federal, a Itália, etc., sentem tanto mais os efeitos da competição mundial, militar ou comercial, ideológica ou científica, quanto as desordens monetárias, agora não sancionadas, os acentuam. A aspiração a um melhor nível de vida não é menos viva para os cidadãos: ela é mesmo, por vezes, relançada por motivos de política interna. Que fazer então? Vivemos em democracia, e as democracias vivem no presente e esquecem o passado, excepto a Alemanha Federal, que ainda se lembra dos anos 20. Elas não ligam importância ao futuro, embriagam-se de ideologia como se a ideologia fosse uma droga. Sacrificam os instrumentos do seu poder e em breve da sua personalidade: a sua defesa, a sua influência externa, a sua investigação, a ajuda desinteressada. E eis que isto não basta, ou que o sacrifício não pode ser total. Então fabrica-se moeda. A subida dos preços torna mais caro o esforço colectivo e a satisfação dos desejos individuais. Ainda são estes que vencem.

Mas o mundo é implacável para os fracos. Nós europeus,

Continua na pág. 4

Geral

CENÁRIOS POLÍTICO-ECONÓMICOS

Continuação da pág. 3

imensa, sobre a qual talvez sobressaia uma interrogação decisiva: quem estará em condições de assegurar a direcção política responsável, mas não oportunista, da classe trabalhadora portuguesa em período de tal modo crítico e delicado? Não certamente um P. S. cuja base eleitoral é apenas minoritariamente «de esquerda», fracção, aliás, que cada vez mais se afastará da linha da direcção do partido, como as últimas eleições demonstraram. Não certamente grupelhos tipo M. R. P. P. ou A. O. C. onde o mais curioso consis-

te no quixotismo neurótico e o mais consistente nas infiltrações da política externa norte-americana. Restam o P. C. P. e as organizações ditas de extrema-radical. No estabelecimento que nos foi reservado, são claras as funções ou papéis, que lhe estão atribuídos: à extrema-esquerda compete enfraquecer o P. C. P., dividir a classe operária e, eventualmente, fornecer pretextos de repressão e encurtamento do leque político tomado como «democrático»; ao P. C. P. atribui-se o papel de trazer, na prática, à social-democracia os trabalhadores que o P. S. não

tem capacidade para enquadrar. Renunciando a este papel, visivelmente, o P. C. P. corre o risco de crescente marginalização dos órgãos de Poder, até à ilegalização. Já nos foi explicado, também, que não se deseja que milhares de comunistas patriotas e bem intencionados passem à clandestinidade, por culpa das maquiavélicas e golpistas cúpulas. O problema é destas, apenas: exige-se um acto público de contrição.

Chegamos, assim, ao ponto porventura essencial a curto e longo prazo: a poderosa máquina de militantes experi-

mentados, moral e humanamente preparados para todos os longos invernos necessários, será capaz de repensar, criativamente, e em efectiva sintonização de massas, o processo português e encontrar a estratégia que lhe faltou depois do 25 de Abril de 1974?

Para uns, pôr tal questão é automaticamente responder-lhe não. Para outros, separados do P. C. P. por questões de raiz filosófica mais do que de prática política, responder não significa a impotência perante o iminente regresso dos fósseis vivos, ou seja, dos herdeiros de Salazar.

(1) Ver o artigo — Ajuda externa e independência económica: balanço da experiência portuguesa recente — no n.º 4 (Julho) de Economia e Socialismo.

A LIÇÃO DE FORD E KISSINGER

Continuação da pág. 3

bem o vemos. Os Turcos tomam posse de dois terços de Chipre. E nós dizemos: *Perfeito*. Os Árabes resolvem a sorte do Líbano. E nós dizemos: *Perfeito*. Nos Estados africanos, aliados da Europa, há guerras civis e golpes de Estados ajudados do exterior. E nós dizemos: *Perfeito*. Ah, não pensemos que a «unificação europeia» seria um remédio para tudo. A Europa que nos prepararam será dominada por um total desinteresse dos problemas do mundo e dos verdadeiros valores que dominam a perspectiva das sociedades. Ela irá a reboque de uma política americana que o olhará com indiferença.

Só subsistem e subsistirão as nações que queiram, apesar da sua relativa fraqueza, representar uma força e não contem senão consigo próprias. A luta conta a inflação, ou melhor, conta o excesso de inflação, será nacional ou não existirá. Com efeito, cabe a cada nação medir o seu trabalho pelas suas exigências, as suas despesas pelos seus imperativos, de segurança. Cabe a cada nação assegurar o bom estado das suas finanças públicas; aumentar os seus lucros de um modo saudável; fazer uma boa repartição desses lucros e não se dividir durante muito tempo. Cada nação democrática deve ultrapassar a própria cri-

se a fim de evitar a amargura das perturbações sociais. Em suma, cada nação deve fazer o seu esforço e ter a sua fé. Mal dos povos e dos Estados cujos dirigentes, fazendo de ilusionistas, deixam margulhar o país no desprezo das disciplinas económicas e dos valores sociais.

A França começa a sofrer a inflação. Atiremos a Ford e a Kissinger a bola que eles lançaram para o nosso campo, e perguntemos-lhes se eles acreditam na verdade que a política monetária internacional de Washington autoriza os Estados Unidos a lançar mais bolas. Mas meditemos no conselho que eles acharam que deviam dar-nos. Se queremos que haja uma política da França e não só uma parada da França, se queremos que os franceses e as francesas tenham um futuro material e intelectual satisfatório, lutemos, com efeito, contra a inflação. O recente debate sobre o documento chamado Plano mostrou que a principal preocupação da maioria — e talvez de todo o Parlamento — era não ser chamado a apoiar uma acção realista, eficaz e de envergadura.

A palavra cabe ao governo. Gostariamos que a tomasse de pressão e que agisse com inteligência e coragem.

© Le Monde

PUB

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

RESTRIÇÕES DE ENERGIA ELÉCTRICA

INFORMAÇÃO AO PÚBLICO

1 — CARÊNCIA DE ENERGIA ELÉCTRICA

As actuais restrições no fornecimento de energia eléctrica resultam duma falta de energia e não da necessidade de poupança de divisas. Com efeito, neste momento o País está a importar o máximo de energia eléctrica que a Europa nos pode fornecer e a utilizar em pleno as centrais térmicas queimando combustível importado.

2 — CAUSAS DA CARÊNCIA DE ENERGIA

O ano que atravessamos é o mais seco dos últimos cinquenta anos e segue-se a dois anos também secos. Daí que as albufeiras não tenham conseguido encher em 1975 e muito menos em 1976.

Como o nosso sistema é predominantemente hidroeléctrico é particularmente afectado por um ano crítico como este.

3 — MEDIDAS TOMADAS

O Ministério da Indústria e Tecnologia, consciente da gravidade desta situação, desde o primeiro trimestre do ano tomou providências para evitar cortes de energia a todo o custo:

- lançou-se a construção duma nova linha de interligação com a rede europeia
- adquiriu-se um conjunto de dois grupos geradores com turbinas a gás
- aceleraram-se os trabalhos de montagem do novo grupo da Central Térmica do Carregado
- aceleraram-se os trabalhos de reparação em curso e em outros grupos térmicos.

Com estas medidas, e correndo à importação de energia, recurso natural em ano crítico, contava-se garantir o abastecimento ao País sem perturbação.

4 — AGRAVAMENTO DA SITUAÇÃO

A situação agravou-se, muito recentemente, devido fundamentalmente a dois factores:

- as centrais térmicas têm sofrido sucessivas avarias, devido a terem estado sujeitas a um trabalho quase ininterrupto que não permitiu as necessárias manutenções periódicas
- a seca atinge também os países da Europa, nossos potenciais fornecedores de energia criando dificuldades na importação desta, sobretudo a partir do fim de Setembro próximo.

Estes factores, associados ao facto de o consumo estar a crescer a um ritmo elevado, ao contrário do que sucedeu o ano passado, obrigam a racionar a pouca água actualmente existente nas albufeiras, de modo a podermos satisfazer os períodos de maiores consumos, até ao fim da estiagem, sem cortes demasiado drásticos.

5 — RESTRIÇÕES

Em face da situação teve que se recorrer a restrições nos períodos de consumo mais elevado, em que há necessidade de ter em serviço as centrais hidráulicas. As mesmas restrições no período compreendido entre as 0 e as 8 horas não trariam vantagem para a poupança de água, visto resultarem numa diminuição da produção térmica ou da importação.

Estas restrições não podem ser feitas sem afectar o sector industrial que representa cerca de 65% dos consumos totais. Sempre que possível diligenciou-se por salvaguardar a continuidade do fornecimento à indústria (sem prejuízo da redução do consumo), mas infelizmente isto não é viável nos casos em que o consumidor industrial não tem uma alimentação independente.

Apela-se para os consumidores no sentido de não desperdiçarem e de pouparem ao máximo a energia eléctrica, visto que essa energia será destinada a abastecer as actividades produtivas, tão importantes nesta época do relançar da nossa actividade económica.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

Fogo a bordo

Por volta das 18.30 de ontem eclodiu um incêndio na ponte de comando do navio de pesca Pedro Barcelos, que se encontrava em reparação na Sociedade de Reparções de Navios. O Pedro Barcelos que se previa dever estar pronto para sair para o mar dentro de oito dias, ficará retido até que seja

feita a reparação, admitindo-se, embora sem cálculos rigorosos, que os prejuízos causados pelo incêndio sejam da ordem dos 15 000 contos. Enquanto o navio estiver retido, a tripulação, que é composta por 61 homens, tem os seus vencimentos inteiramente garantidos pela empresa armadora.

A COMERCIANTES E PARTICULARES

IMPORTANTE

LEILÃO

De

MOBILIÁRIO, ADORNOS, PRATAS, QUADROS, ANTIGUIDADES e UTILIDADES

POR ORDEM DO EXMO. LOCATÁRIO QUE RETIRA, REALIZAMOS AMANHÃ 5.ª F.ª, DAS 5 AS 7 DA TARDE E À NOITE, DAS 21 AS 24 HS., E 6.ª FEIRA, DAS 21 A MEIA-NOITE, NA RUA CASTILHO, 65-4.º, Dt.º (tem Elevador)

PARA VENDA DO RECHEIO DE 12 DIVISÕES, QUE CONSTA PRINCIPALMENTE DE:

MOBÍLIAS COMPLETAS E MÓVEIS SOLTOS DE VÁRIOS ESTILOS, BONS MAPLES, CORTINADOS, CARPETES E PASSADEIRAS, BONS LUSTRES, ALGUNS MÓVEIS INGLESES E PORTUGUESES EM PAU SANTO, QUADROS DE BONS AUTORES, OBJECTOS D'ARTE DE ORIGEM EUROPEIA E ORIENTAL, DIVERSAS PRATAS, VARIADÍSSIMOS OBJECTOS DE UTILIDADE E TODA A GAMA DE BONS ELETRODOMÉSTICOS e demais bens que estarão em EXPOSIÇÃO AMANHÃ das 10 às 13 e depois das 15 horas.



SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ N.º 1
Telfs. P.P.C. (9 Linhas)
52929 - 51478 - 47018/9

AFRAFILHOS, Lda

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 51-D - R. Infanteria 16, 55-C - LISBOA

RELAÇÕES PORTUGAL-CHINA

Fontes próximas da diplomacia não vêem perspectivas imediatas

«A despeito da recente abertura de Pequim a alguns sectores políticos portugueses, não é de esperar um imediato estabelecimento de relações diplomáticas» — dizem fontes fidedignas ligadas à diplomacia portuguesa em Londres e Paris.

«Sob o ponto de vista dos políticos chineses existem agora condições mais favoráveis à normalização de relações do que há alguns meses atrás, condições estas onde desempenha papel determinante o resultado das recentes eleições presidenciais, onde Pequim vê o claro esboço de uma aliança P. S.-P. P. D.-C. D. S.» — adiantam as mesmas fontes.

Pequim está basicamente esperançada em que em Portugal o processo se encaminhe agora para a consolidação de uma democracia burguesa do tipo das sociais-democracias euro-

peias e que nessas circunstâncias fiquem criadas as condições para englobar Portugal no quadro das suas boas relações com o mundo capitalista.

As dúvidas que ainda subsistem em Pequim incidem sobre se esta viragem em Portugal será suficientemente profunda, no que pesa uma certa desconfiança relativamente ao Partido Socialista, considerado pela República Popular da China como situando-se excessivamente à esquerda.

É assim que neste caso, como aliás na maioria dos grandes problemas internacionais, Pequim emparceira a sua política externa com os Estados Unidos, o Mercado Comum e a N. A. T. O. e veria com satisfação uma aliança governamental do P. S. com o P. P. D. ou o C. D. S. (de notar aqui que, numa certa fase, Pe-

quim teve mesmo dúvidas quanto a uma certa tendência esquerdizante do P. P. D. I.).

A concessão de vistos de entrada a algumas personalidades portuguesas politicamente bem demarcadas da esquerda que Pequim teme, (entre as quais se enquadra o grupo que ontem seguiu para a República Popular da China) insere-se, por um lado, na necessidade de alargar as suas fontes de informação sobre Portugal e, por outro, em indicar uma certa abertura, preparatória da opinião pública para futuras iniciativas.

Tem-se, no entanto, como certo que o passo decisivo no estabelecimento de relações não será dado sem que o próximo Governo, através da sua actuação, forneça as garantias que os dirigentes chineses pretendem, e que podem resumir-se numa frase que forças de direita vêm repetindo frequentemente: a de que «a Revolução acabou». Porém, se isto não suceder já, Pequim saberá esperar, confiante em que as alterações que eventualmente se irão produzindo jogarão a seu favor.

Para avaliar da política ex-

terna chinesa relativamente ao nosso país há que recordar, entre outros exemplos (Chile, Sudão, República Popular de Angola), a presença de um representante da República Popular da China no funeral do ditador espanhol Franco.

«É significativa a rejeição sistemática das aproximações durante muito tempo tentadas por Melo Antunes. É que para Pequim, Melo Antunes é um homem demasiado à esquerda (um perigoso «social imperialista») e, portanto, um intelectual a não considerar. Em círculos diplomáticos chineses na Euro-

pa chegou a reinar um certo optimismo aquando do 25 de Novembro. Mas os acontecimentos posteriores não foram considerados positivos, ou seja, Pequim considerou que, apesar do rude golpe sofrido, a Revolução não havia sido aniquilada» — acrescentam ainda as fontes referenciadas, acentuando:

«Não esqueçamos que, para Pequim como para Washington, Paris, Bona ou Londres, o inimigo principal situa-se onde acaba o mundo capitalista e começa a Europa socialista».

PUB

O SINDICATO DO VESTUÁRIO E O CASO CORONADO

AOS TRABALHADORES DO SECTOR

Dia 12/7/76, pelas 2 horas da manhã, a Empresa da Coronado foi selada, por ordem do Ministro do Trabalho, ao fim de seis longos meses de conflito, como meio de resolução para reintegração das 36 trabalhadoras. Disse-nos o representante da Delegação do Ministério do Trabalho do Porto.

O Sindicato ao ter tido conhecimento da consumação do facto, alerta os trabalhadores que:

- 1 — O Sindicato, órgão de Classe, tudo tem feito contra o desemprego pela defesa dos postos de trabalho.
- 2 — Que toda a luta desenvolvida no processo CORONADO foi na defesa intransigente dos direitos dos trabalhadores permanentemente ameaçados em processos capitalistas.
- 3 — Que, tal processo, que gastando rios de tinta, destituindo delegados ministeriais, reprimindo a bastonada Dirigentes e Delegados Sindicais, que teve despachos desrespeitados, se verificou pela indefinição do Governo, quanto à ser Governo de e para trabalhadores ou Governo de e para capitalistas.
- 4 — Que o processo CORONADO se desenrolou e desenrola à volta da complexa e simples questão, resolução a favor dos trabalhadores ou resolução a favor do patrão.
- 5 — Que o Sindicato só entende a posição do Governo na noite do dia 12, como meio e não como fim da resolução do problema.
- 6 — A testemunhar tal afirmação, está a expressão n.º 95/C de 25/6/76, feita pela Direcção do Sindicato do Vestuário, que diz:

(Entendemos que a não se verificar bom êxito nas diligências ordenadas pelo despacho de 29/5/76, deve imediatamente ser decretada a intervenção governamental na Empresa).

- 7 — Desde logo, ao tomarmos conhecimento, a nossa posição foi de: junto da Delegação do Ministério perguntar por quanto tempo as portas estão encerradas? Qual a fase seguinte? A resposta foi a de que quarta-feira, dia 14, o patrão e Comissão de Trabalhadores vão negociar entre si para demarcação e decisão do futuro da CORONADO!...

EM SÍNTESE

Alertamos os trabalhadores de que a nossa posição perante a Selagem das portas da CORONADO não é uma resolução do problema.

O problema passa forçosamente e sempre pelo sagrado direito ao trabalho da totalidade dos trabalhadores.

Que o Governo não se deixe mais uma vez ultrapassar pelas forças capitalistas e reacçãoárias e reabra urgentemente a CORONADO no mais curto espaço de tempo. Ainda que pague tal como prometeu, o dinheiro dos salários em atraso, pois os trabalhadores têm fome e o direito inalienável do seu justo salário, pois tal atraso confirma em actos concretos o desrespeito que tal Governo tem para com os trabalhadores.

AOS TRABALHADORES PORTUGUESES

As trabalhadoras do sector a nossa Unidade e vigilância contra os inimigos dos trabalhadores que através da imprensa, por exemplo, do Jornal «O Comércio do Porto», pela voz do seu querido Luís de Carvalho, lança análises contra os trabalhadores e sua organização, para poderem assim preparar o terreno à exploração, e ao sofrimento.

UNIDOS E VIGILANTES CONTRA TODAS AS MANOBRAS DA EXPLORAÇÃO CAPITALISTA.

A DIRECÇÃO

CONSTRUA!

todos devemos viver "debaixo de telha.."

É altura de aproveitar as facilidades de crédito à construção civil concedidas pela Caixa, quer através dos contratos de desenvolvimento, quer do crédito habitual para habitações de preços moderados.

Dinamizando a construção, desenvolve a economia nacional, cria novos postos de trabalho e responde à imensa procura de habitação.

Construa, agora, casas para todos. Em todo o país. A facilidade de mais crédito é uma oportunidade a não perder! Consulte-nos sem demora!



CAIXA GERAL
DE DEPÓSITOS



OBRIGAÇÕES DO TESOURO 1976

Até 15 de Agosto

ainda pode comprar

O País tem de fazer o que você sózinho não pode fazer. Isto é: encontrar a resposta adequada e segura para a depressão económica. Já não é possível esperar mais. É indispensável renovar processos. Dinamizar os circuitos económicos. Reequipar e modernizar muitas unidades industriais. Criar e reconverter muitas outras. Produzir mais. Produzir sobretudo bens que hoje importamos em excesso. Para isso é preciso dinheiro. É necessário investir mais. Criar riqueza. Criar continuamente novos postos de trabalho. Forma justa e racional de responder com eficácia ao mais grave problema nacional: o desemprego. O Programa de Investimentos para 1976 ultrapassa os 40 milhões de contos. Ao Orçamento Geral do Estado cabe financiar mais de 22 milhões. Isto será tanto mais viável quanto maior for a participação do público na criação das disponibilidades necessárias. De tal modo que possa cobrir grande parte das despesas de Fomento Económico.

Em grandes e pequenos projectos. Na Habitação, nas Pescas, nos Transportes e Comunicações, na Agricultura e Pecuária, na Saúde, na Educação, na Indústria. Ajudando o País, você ajuda-se a si próprio. Constrói, também, o futuro dos seus. E ganha de imediato. Tem juros mais elevados. Não paga impostos. Tem garantia total de que o seu dinheiro lhe será devolvido. De resto, as Obrigações do Tesouro são a todo o momento, convertíveis em dinheiro. Vendendo-as. Em caso de necessidade basta que se dirija a uma instituição de crédito. E não perde juros. Muitas pessoas, como você, ficaram à espera. Hesitaram. Quiseram saber como «paravam as modas». Muitas, pediram o prolongamento do prazo de subscrição. Queriam investir sim, mas em segurança. Em clima de estabilidade social. Pois, tem essa oportunidade. Até 15 de Agosto. Até lá, compre Obrigações do Tesouro em qualquer instituição de crédito.



Juros das obrigações do tesouro

	1ºANO	2ºANO	3ºANO	4ºANO	5ºANO	6ºANO	7ºANO	8ºANO
OBRIGAÇÕES DE 1000\$00	10%	10%	11%	11%	12%	13%	14%	15%
OBRIGAÇÕES-OURO DE 500\$00	6%	6%	6%	6%	6%	—	—	—

Nacional

Um cidadão acima de toda a suspeita?

O cidadão José H. de Almeida Araújo, dirigente do Partido Liberal Português, partido proibido após os acontecimentos do «28 de Setembro», e sobre quem pendia um mandato de captura pela sua actuação naqueles eventos, viu anulado aquele mandato, por despacho do senhor Presidente dos Serviços de Apoio do Conselho da Revolução.

Almeida Araújo já se encontra de novo em Portugal, havendo abandonado portanto a «rota do sol», os cerca de quarenta quilómetros de costa mediterrânica, entre Marbella e Torremolinos, na vizinha Espanha, onde era normalmente visto, e parece que residia, entre milionários e vedetas do cinema internacional. Entre milionários e vedetas do cinema. Mas não só. O MDLP e o ELP haviam escolhido também aquele pequeno paraíso terrestre para repouso de alguns dos que arquitectam e executam os atentados bombistas em Portugal.

O dirigente do Partido Liberal encontra-se, assim, de certo modo, «ilibado» oficialmente das suas responsabilidades no «28 de Setembro». Mas estaremos de facto em presença de

um cidadão acima de toda a suspeita?

Almeida Araújo não é um cidadão qualquer. Era dirigente do PLP e fugiu do País após a abortada «manifestação da Maioria Silenciosa». Foi para Espanha, onde não se encontrou sozinho. Acompanharão-no outros dirigentes do PLP e do Partido do Progresso. Encontraram-se todos com os que, já antes, pelo 25 de Abril, consideraram melhor procurar outros ares. Todos juntos, constituíram uma organização clandestina e terrorista, o ELP. Mais tarde, depois do 11 de Março, com a chegada de nova vaga de outros inocentes cidadãos, com Spínola à frente, formaram uma organização política e militar mais poderosa, o MDLP, que tem tido a actuação que todos sabemos, mas que alguns fingem ignorar. Como assinalou um autor de uma dessas publicações surgidas ultimamente para dizer «a verdade sobre os dois movimentos clandestinos», das três grandes migrações, em 25 de Abril, pelo 28 de Setembro e pelo 11 de Março, «saíram indistintamente os elementos que iriam formar o que são hoje ELP e MDLP».

Há poucos meses, um jornalista de «O Jornal» fez uma viagem em serviço de reportagem à Espanha, e por lá andou «nos meandros do Movimento Democrático de Libertação de Portugal». Dessa viagem fez um relato e apresentou uma entrevista com Alpoim Calvão no seu jornal. Nesse relato pode-se ler, nomeadamente, sobre o cidadão José H. de Almeida Araújo:

«Entretanto alguém que ouvia a conversa — um jovem aristocrata português a passar por uma alegada crise financeira — sugeriu-me que falasse com Almeida Araújo, que, no entender do meu interlocutor, representava a outra face da moeda. Qual face? — perguntei eu, já a braços com a dificuldade de manusear uma moeda que, de acordo com os relatos sobre as várias correntes políticas portuguesas que se movimentam em Espanha, é multifacetada. Depois de uma análise da situação cheguei-me à conclusão de que, afinal, a moeda tinha mesmo apenas duas faces: o MDLP e o ELP.

«O jovem em questão ofereceu-se, então, para servir de intermediário entre mim e Al-

meida Araújo, a residir numa quinta, denominada «El Rocío» e sita a uns escassos quilómetros de Marbella. Para lá do portão de ferro, sobre um extenso ajardinado, um conjunto de pequenas construções, em estilo antigo, que rodeiam uma bela mansão. No interior, Almeida Araújo diria ao meu intermediário que não recebia jornalistas portugueses para não ser identificado com nenhum movimento político que não fosse o seu Partido Liberal.

«Entretanto, dias antes, havia jantado com alguém a quem falou do ELP com o que me foi descrito como profundo conhecimento de causa.»

Almeida Araújo, um cidadão acima de toda a suspeita? Ao fim e ao cabo, porque não? Sanches Osório, que foi responsável pelo menos pelo sector da informação do MDLP/ELP não se encontra desde há alguns meses tranquilamente entre nós? Não se prepara Spínola para regressar a Portugal?

MADEIRA

Dois mortos no 13

FUNCHAL, 14 — Dois operários encontraram ontem a morte, ao desabar o andaime onde trabalhavam.

Aconteceu no n.º 13 da Rua dos Álamos, eram cerca das 13 horas.

As vítimas, que foram transportadas em estado de coma para o hospital e ali viriam a falecer, são José Jesus Gonçalves, de 48 anos e Agostinho de Freitas, de 55. No acidente, ficou ainda ferido o José Fernandes, de 54 anos que, com os seus camaradas, procedia à pintura da fachada do edifício.

Os dois operários mortos no sinistro eram casados e ambos pais de 4 filhos.

Não escreva, vá...

Continua a registar grandes atrasos a mala aérea «expres-

so» para a Madeira. Pequenos volumes remetidos para o Funchal neste regime, no princípio do mês, não chegaram ainda aos destinatários.

Face às circunstâncias, os prejudicados interpretam a seu modo a sigla CTT: Continua Tudo Torto...

A «libertação» vai para um mês

Cerca de um mês depois de ter sido colocada na freguesia do Santo da Serra uma bandeira da Flama (a pretexto de que se tratava da primeira área «libertada» do arquipélago) a bandeira ainda lá está, flutuando ao vento, presa a uma árvore, a 20 metros do solo.

O facto serve para confirmar o total alheamento das autoridades responsáveis face às provocações de toda a ordem por parte dos separatistas.

IV ANEXO AO RELATÓRIO DO 25 DE NOVEMBRO

César Oliveira desmente e pede ao C.R. para ser ouvido

No IV Anexo ao Relatório Preliminar do 25 de Novembro de 1975, aparece o nome de César Oliveira como estando com outro civis presente em «diversos plenários da Unidade».

A propósito o citado enviou já ao presidente do Conselho da Revolução um texto em que ao mesmo tempo que explica as suas visitas a unidades solicita para ser ouvido em declarações sobre a matéria que

«tão levemente me é assacada de modo a ser publicamente reposta a verdade dos factos, sem o que me julgo no pleno direito de exigir que seja retirada imediatamente do Relatório qualquer referência à minha pessoa sob pena de recorrer às vias competentes para obter a reparação que é devida».

O texto assinado com a data de hoje manifesta-se em oito pontos. Assim, «é falso» afirma César Oliveira — «que tenha

participado alguma vez em «plenários» de qualquer unidade militar e, sobremaneira, em plenários susceptíveis de constituírem «causa próxima» do 25 de Novembro». Fez sim colóquios sobre História Social Portuguesa, mas «a convite de várias unidades e estabelecimentos militares» efectuados com a presença de muitos oficiais, colóquios esses em que, «na generalidade», estavam presentes «os respectivos comandos e para onde me deslocuei por meio de transporte oficial» fornecido pelas unidades. Todos estes colóquios foram realizados entre Abril e fins de Julho de 1975. Finalmente manifesta César Oliveira a sua «estraneza e profunda surpresa pela metodologia instrutória empregue pelos autores do Relatório, os quais contra todas as mínimas regras processuais aplicáveis, incluem o meu nome numa peça objectivamente incriminatória sem ao menos me terem ouvido, mandado comparecer ou, sequer, informado sobre eventuais referências à minha pessoa que outrém porventura houvesse feito».

Budismo Zen foi ao cartório

O 1.º Cartório Notarial de Lisboa recebeu a visita de três indivíduos que ali fizeram uma escritura através da qual é instituída, como entidade religiosa, a associação «Internacional de Kung Fu».

O seu fim principal — dizem os estatutos — é difundir o Zen e as práticas de meditação, reflexão e concentração, a fim de atingir um estado superior de compreensão e iluminação contemplativa. Destina-se ao estudo do Budismo Zen e do Taoísmo, através de práticas de artes orientais.

A hierarquia da «Internacional Kung Fu» compreende um mestre supremo (décimo dan) um mestre geral, um mestre de «dojo», um instrutor, um monitor, estudantes (avanzados) e discípulos (debutantes).

Todos os membros de acordo

com os estatutos, têm por dever prover à manutenção e conservação do templo e dos membros que se dediquem ao ensino e difusão do espírito do Zen.

Como se sabe, o Zen é uma seita budista com origens no Japão, que se expandiu a partir dos fins do século XII, e tem hoje milhões de aderentes em todo o mundo, incluindo os Estados Unidos da América e a Europa. Segundo esta doutrina, a alma é o objectivo de toda a meditação que conduz o homem a um estado

geral de «iluminação». O adepto da doutrina Zen tende a rodear-se do belo, para valorizar a «iluminação», e prefere a sobriedade, com um sentido de estética refinada, no seu dia a dia.

Iate holandês

naufragou em Leixões

PORTO, 14 — Ao princípio da madrugada e por motivos ainda não esclarecidos, foi de encontro a um rochedo na praia da Boa Nova, em frente à refinaria da Sacor, um iate holandês a bordo do qual viajavam sete tripulantes.

Solicitados os socorros para o local, seguiu o salva-vidas «Carvalho Araújo», da capitania de Leixões, que recolheu e trouxe para terra os tripulantes. Também compareceram os Bombeiros de Matosinhos, de Leça e de Leixões, tendo os

primeiros transportado ao hospital de Matosinhos em duas ambulâncias, os naufragos que são: Francine Swait, de 29 anos, enfermeira; Tonikue Kotterer, de 37 anos, Anouckhelene Kotterer, de 10 anos, Marc Vicent Kotterer, de 13 anos, Cornelis Pieter Kotterer, de 37 anos, arquitecto; Jack Van Duyn, de 26 anos, estudante, Olga Van Eighen, de 21 anos, estudante, todos da nacionalidade holandesa.

Nenhum deles necessitou de internamento.



Vencendo o Calor

O que poderá ser mais refrescante do que balancear-se sobre a água, acariciada pela brisa? E dar de vez em quando, um mergulho revigorante?

Mesmo que esteja no período menstrual, não há razão para ficar na praia, esperando enquanto as suas amigas se refrescam. Use a fácil protecção interna Tampax e junte-se a elas.

Os tampões Tampax não só lhe permitem nadar como também a deixam participar em qualquer actividade desportiva, confortável e confiantemente.

Quando devidamente colocados, eles expandem-se com suavidade, adaptando-se à sua forma anatómica. Você nem sequer os sentirá. A melhor maneira de vencer o calor é nadar. Garanta diariamente o seu banho, usando tampões Tampax.

A protecção interna em que mais mulheres confiam



PROTECÇÃO HIGIENICA PARA USO INTERNO
DISTRIBUIDOR: A. P. AGOSTINHO — LISBOA

O CASO DO VIDREIRO ASSASSINADO

Testemunha de acusação estava demasiado longe

PORTO, 14 — Começou a ser ouvida ontem a primeira testemunha de acusação do caso, que está a ser julgado no 2.º Juízo Criminal do Porto cujo réu, Ludgero Babo de Carvalho é acusado de ter assassinado a tiro o sindicalista vidreiro Almeida e Silva, na noite de 25 de Novembro. Trata-se de Fernando de Sousa Moreira, de 30 anos, também operário vidreiro, que da janela do sindicato presenciou parte dos acontecimentos, tendo conduzido os feridos ao hospital. O seu depoimento prosseguirá hoje, já que a sessão de ontem (sexta audiência) foi quase totalmente preenchida pelo declarante José Lino que, tal como na audiência anterior, confirmou ser o réu o autor dos disparos. «Nunca mais me esqueço do indivíduo que deu os tiros» — afirmaria a dado passo dos muitos esclarecimentos que prestou a instâncias dos advogados de defesa e acusação e do juiz assessor dr. César Marques. O tempo de duração dos acontecimentos, o número de tiros, o reconhecimento feito na P.J. e o tiro que foi disparado na sua direcção sem, no entanto, o ter atingido, foram os pormenores merecedores do mais aturado esclarecimento.

A testemunha Fernando Moreira, ao longo do relato dos acontecimentos dado ontem, afirmou não ter a certeza de ser o réu o assassino, dado que a distância a que se encontrava (da janela do sindicato) na altura dos acontecimentos, não lhe permitia ter uma ideia exacta do assassino.

UNIÃO DOS SINDICATOS DO PORTO

RUA SANTA CATARINA, 922-2.º ESQ.
TELEF. 380752/9 — TELEX 25321 USPORT P

Transportes colectivos de Lisboa, Porto e Coimbra

VERTICALIZAÇÃO DO CCT PROPOSTA

Em reunião realizada na sede da USP/INTERSINDICAL no passado dia 6 do corrente, em que estiveram presentes os sindicatos dos Electricistas do Sul, Escritórios de Lisboa, Metalúrgicos de Lisboa, Transportes Colectivos de Lisboa, Armazéns do Porto, Carpinteiros do Porto, Electricistas, Escritórios, Metalúrgicos, Gráficos, Pessoal do STCP, Rodoviários e de Garagens, Transportes Rodoviários do Porto, Federação dos Rodoviários, Trabalhadores da CCFL — Metalúrgicos, Trabalhadores do STCP (Comissão Coordenadora Pró-ACT) e Comissão Intersindical, foi decidido dar publicidade à seguinte proposta, aprovada por maioria, com um voto contra (Sindicato do Pessoal do STCP):

- 1- Considerando que neste momento existem ACT's já denunciados — caso do ACT, CCFL e Metropolitano e CCT vertical dos Rodoviários;
- 2- Considerando que face aos plenários já existentes de Norte a Sul do país no sentido da verticalização contratual;
- 3- Propõe-se que seja formado um grupo de trabalho constituído pelos delegados sindicais dos diversos sectores, a nível nacional, o qual reuniria todos os dados dos diversos ACT's de forma a concretizar uma proposta de contexto vertical nacional do sector rodoviário. A discussão será, posteriormente, efectuada por todos os trabalhadores;
- 4- Que esta proposta seja publicada nos jornais diários e dado conhecimento a todos os trabalhadores através de comunicados.

Porto, 6 de Julho de 1976.

OS SINDICATOS

Nacional

P.C.P. alerta Indemnização de monopolistas vai agravar dívida pública

«Reflectindo a orientação do Ministério das Finanças do VI Governo Provisório, e baseado certamente nos estudos e propostas elaborados por aquele departamento governamental, dirigido pelo dr. Salgado Zinha, acaba de ser publicado um decreto-lei do Conselho da Revolução, onde, a propósito de regular os princípios gerais a que devem obedecer as indemnizações aos accionistas das empresas nacionalizadas, se inclui o direito dos grandes monopolistas a serem, igualmente, indemnizados pelo Estado Democrático».

Assim abre uma nota da SIP do PCP em que se sublinha que «a orientação agora fixada» vem «confirmar as justas prevenções que ao longo dos últimos meses o PCP foi formulando contra o perigo de as forças políticas hegemónicas no VI Governo, PS e PPD, pretenderem, contra os interesses da economia nacional e do povo trabalhador, proporcionar chorudas indemnizações aos responsáveis por décadas de exploração, pela delapidação em proveito próprio das riquezas nacionais, pela colaboração activa com a ditadura fascista e por actos sucessivos de sabotagem e hostilidade contra a situação democrática conquistada em 25 de Abril».

O PCP toma posição contra estas medidas, frisando que se «trata de uma grave decisão política que não deixará de ter importantes repercussões económicas e sociais e de se reflectir negativamente na credibilidade e autoridade moral dos órgãos de poder que vierem a concretizar tais indemnizações», acrescentando:

«O PCP considera que do ponto de vista dos interesses populares e nacionais, não é possível encontrar razões económicas ou políticas que justifiquem tal decisão. As indemnizações previstas para os monopolistas só podem ter justificação na perspectiva dos que pensam que o caminho da recuperação da economia nacional passa pela concessão de «garantias» aos grandes capitalistas e ao imperialismo e na perspectiva dos que pretendem que os Mellos, os Champalimaud e outros tenham ainda algum papel a desempenhar

na sociedade portuguesa, tornando-se necessário «atrair-los» com estas indemnizações.

«O PCP considera que tais perspectivas são inconstitucionais e insiste em que uma nova dinâmica de rentabilidade e expansão para a economia portuguesa só é possível com base no papel motor do sector público e do interesse e esforço criador dos trabalhadores, no respeito por uma ampla margem de intervenção para a iniciativa privada não-monopolista».

«O PCP considera não ser legítimo que, a pretexto da justa e necessária regulamentação das indemnizações aos pequenos e médios accionistas — que assume carácter urgente, sobretudo para aqueles para quem os rendimentos dos seus títulos e acções são fonte exclusiva de uma vida minimamente digna — se procedam a injustas e desnecessárias indemnizações aos grandes capitalistas».

«Com base na orientação agora fixada neste Decreto-Lei, os grandes monopolistas ficam agora investidos na qualidade de credores do Estado Democrático. Mas a justa convicção dos trabalhadores portugueses é, pelo contrário, que não só o Estado Democrático nada lhes deve, como a nacionalização das suas empresas foi uma muito leve pena quando comparada com as suas actividades de exploração, com a sua cumplicidade na opressão fascista e com os seus crimes contra a economia nacional».

«Como consequência desta orientação, agravar-se-á enormemente a dívida pública e consideráveis recursos financeiros terão de ser afectados, em prazo maior ou menor, ao pagamento de tais indemnizações, quando os trabalhadores justamente reclamam que tais recursos sejam aplicados no desenvolvimento e progresso do País».

«O PCP alerta uma vez mais os trabalhadores e as massas populares para as grandes responsabilidades que não podem deixar de ser atribuídas ao PS na definição desta orientação de indemnizar os grandes capitalistas e que comprovam que um governo minoritário do PS, insistindo demagogicamente em pedir compreensão, sacrifícios e austeridade e falando em «salvação nacional», tenderá a executar uma política económica, financeira e social contrária aos interesses e aspirações do povo trabalhador e de conciliação com os grandes capitalistas e agrários».

OS FACTOS E OS NÚMEROS DA ECONOMIA

J. CÂNDIDO DE AZEVEDO

As exigências do capital ao Governo socialista

A direita e o capital tomaram a iniciativa política a quando, das eleições para a Presidência da República. E procuram conservá-la. O traço característico da política ofensiva que as forças da direita e do capital se preparam para lançar, é de natureza económica. É no terreno da economia que essas forças pensam poder vir a reforçar as suas posições políticas, e, se possível, económicas. A propaganda que têm desenvolvido à volta da necessidade de o próximo governo seguir uma política de «re-construção nacional», não tem outro objectivo.

A realidade é esta. A direita e o capital apostam nas dificuldades económicas, e na ignorância e confusão de largos sectores da população relativamente às origens dessas dificuldades e às vias para a sua superação, a fim de pressionarem desde já o futuro governo socialista, o primeiro não-provisório, a satisfazer as reivindicações do capital.

Tudo indica, de resto, que essas forças se preparam para desencadear uma vasta campanha, política e de bastidores, a nível civil e militar, para neutralizarem o carácter socialista e progressista do próximo governo, primeiro, e para o substituírem, depois.

O CAPITAL RECORRE AS PRESSÕES INTERNACIONAIS

Para a consecução dos seus objectivos, forças da direita e do capital mobilizam as suas hostes, recorrendo mais ou menos veladamente aos seus apoios internacionais. Neste domínio, as pressões que se farão sentir sobre o governo socialista vão ser de monta. Começaram, de resto, já antes da formação do próprio governo, com respeitáveis opiniões, até de organizações internacionais, sobre as vantagens de um governo de coligação que englobasse os «partidos democráticos», ou pelo menos um deles, o PPD.

O capital não tem fronteiras. Nada mais natural, pois, do que as consignas ultimamente dadas pelo presidente da confederação patronal, CIP, nomeadamente em Londres, onde aconselhou os investidores estrangeiros a remeterem para mais tarde a decisão de fazerem eventuais investimentos em Portugal, «quando a atmosfera política e económica se tiver clarificado», dirigindo antes os seus esforços no sentido de «influenciar e criar uma atmosfera mediante a qual os seus governos possam fazer ver a necessidade ao nosso governo de que a estratégia económica terá de inspirar-se em bases muito pragmáticas e realistas, e não ideológicas».

AS BASES «NÃO IDEOLÓGICAS» REIVINDICADAS PELO CAPITAL

Esta noção de estratégia económica inspirada em bases «muito pragmáticas e não ideológicas» é uma noção a reter, já que ela consubstancia o essencial da política económica, demarca o âmbito e dá o significado das exigências do capital e da direita ao governo socialista.

De facto, as forças da direita e do capital pretendem essencialmente que a estrutura económica e as relações de produção capitalistas não sejam alteradas substancialmente, e que aquelas que já o foram sejam restabelecidas desde que possível. Isto foi afirmado muito claramente pelo presidente da confederação patronal, quando, referindo-se às nacionalizações, declarou, em

momentos diferentes, que não as consideramos efectivamente irreversíveis. O que procuramos fazer é manifestar aos centros do poder a posição da iniciativa privada perante os factos. Reconhecemos realisticamente que, neste momento, não existem condições para corrigir situações nocivas fruto de decisões precipitadas.

A estratégia das forças da direita e do capital em relação às nacionalizações não oferece dúvidas: num primeiro momento, reclamam a entrega ao capital privado de várias empresas e sectores, como o cervejeiro, cujas nacionalizações são consideradas «disparatadas»; num segundo tempo e simultaneamente, procurarão que a Assembleia da República «confirme» as nacionalizações e que o governo ponha em prática um sistema de desnacionalização que poderia passar, numa primeira fase, pela entrega da gestão das empresas nacionalizadas a empresas privadas, que após dois ou três anos de provas de «boa gestão», «comprariam» ao Estado a empresa nacionalizada. O sistema poderá parecer um pouco simplista, mas foi dado em parte como exemplo ao «Le Nouvel Economiste» pelo presidente da CIP.

O CAPITAL CONTRA A CONSTITUIÇÃO

As exigências das forças da direita e do capital em relação às nacionalizações são perfeitamente inconstitucionais, já que o artigo 83.º da Constituição da República é muito claro, no seu n.º 1, quando diz que «todas as nacionalizações efectuadas depois de 25 de Abril de 1974 são conquistas irreversíveis das classes trabalhadoras», prevendo, no entanto, no seu n.º 2, que «as pequenas e médias empresas indirectamente nacionalizadas, fora dos sectores básicos da economia, poderão, a título excepcional, ser integradas no sector privado, desde que os trabalhadores não optem pelo regime de autogestão ou de co-operativa».

Apesar das exigências das forças da direita e do capital irem abertamente contra a Constituição, isso não preocupa muito essas forças, para quem hoje como no passado, em Portugal ou no reino de Walt Street, as leis só têm que ser respeitadas quando reforçam o seu poder político e económico. De resto, o CDS, partido estreitamente ligado ao grande capital, votou globalmente contra a Constituição da República.

O PPD disse «sim» à Constituição, mas na declaração de voto confessou muito claramente que «as proclamações sucessivas de igualdade e bem-estar para todos os portugueses em preceitos às vezes miudamente regulamentados ultrapassam as prudências do realismo e do bom-senso».

O presidente da CIP não esconde, de resto, as posições do patronato relativamente à Constituição, nem as exigências que o capital fará ao governo constituído, e que deverá governar de acordo com a Constituição em vigor; falando, com efeito, em Londres, na sede da Confederação da Indústria Britânica, o presidente da CIP declarou: «embora tenhamos uma Constituição que não é favorável à empresa privada, esperamos que o bom-senso e o realismo prevaleçam e que o novo governo, dentro dessas bases, enfrente e domine os nossos enormes problemas, considerando-os sobre um ângulo despojado de preconceitos ideológicos».

Isto significa, por outras palavras, que se espera que o novo governo, que será um governo socialista, não tenha demasia em conta a Constituição, não norteie a sua acção pela ideologia e pelo programa socialista e, com «bom-senso e realismo» actue o melhor possível de acordo com os interesses da iniciativa privada e do grande capital.

**EXCURSÕES
abreu**
em autopullman

TRADIÇÃO NA QUALIDADE

Se está interessado numa excursão de pequena duração (1,2 ou 3 semanas) peça-nos o livro (grátis) "EUROPA 76"

ANDALUZIA - 10 dias
Partidas: 19/6, 10/7, 21/8, 4/9 Esc. 6800S

ESPAÑA
ANDORRA E LOURDES - 11 dias
Partidas: 16/6, 21/7, 18/8, 8/9 Esc. 7900S

VERÃO AMENO - 21 dias
Espanha, França, Luxemburgo, Alemanha, Holanda, Bélgica e Inglaterra.
Partidas: 5/8, 9/9 Esc. 22170S

ESPAÑA E FRANÇA - 15 dias
Partidas: 11/7, 15/8, 12/9 Esc. 11400S

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 320021
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Seta, 2 • Telef. 27011/2
FARO Rua Cons. Bizar, 65 • Telef. 26035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

**SINDICATO DOS
ELECTRICISTAS DO SUL**
SECTOR FABRICANTES MATERIAL
ELÉCTRICO-ELECTRÓNICO
CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Delegados Sindicais do sector para uma reunião, dia 14 (Quarta-feira), às 20 horas e 30 minutos, no Sindicato dos Electricistas do Sul (Av.º Almirante Reis, 74-G, 4.º andar).
Com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:
Informações sobre as negociações do Contrato Colectivo de Trabalho.
12.7.76.

A COMISSÃO NEGOCIADORA

**DE FÉRIAS COM O
Diário de Lisboa**

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4\$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS A COBRANÇA

Trabalho

Empresas em autogestão apresentam projecto legal

Um projecto de decreto-lei para as empresas em autogestão e cooperativas foi entregue no Gabinete do Primeiro-Ministro interino e ao Conselho da Revolução por uma delegação de elementos do Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa e da Intersindical, segundo revela um comunicado do Secretariado das Empresas em Autogestão e Cooperativas.

No terceiro ponto do texto, o Secretariado das EAG-COOPS explica a necessidade de pôr em vigor tal legislação: «A promulgação da Constituição Portuguesa veio colocar

de forma ainda mais clara para os trabalhadores, de acordo com a matéria aí consignada sobre o assunto (Art.º 89) a necessidade e a vantagem de se definir legislação adequada aos problemas de maior importância para a vida daquelas empresas, mormente o que diz respeito à transferência dos bens patrimoniais das antigas empresas privadas para as novas unidades produtivas. Com isso punha-se cobro a um conjunto de peças jurídicas do tempo do fascismo a que o patronato se agarra com unhas e dentes com o objectivo de

retomar o controlo das empresas mais rentáveis, muitas delas recuperadas economicamente graças aos esforços e perseverança dos trabalhadores organizados».

Mais adiante, o Secretariado das EAG-COOPS pronuncia-se sobre a revalidação de credenciais, afirmando nomeadamente que o problema «tende a adiar as questões de fundo, com todo o prejuízo que tal facto acarreta, representando a sua existência uma ameaça constante sobre os trabalhadores, porquanto estes ficam absolutamente dependentes dos

órgãos do aparelho estatal, que, a todo o instante, poderão retirá-las e estrangular por simples via administrativa a vida das empresas em causa. Considera-se, no entanto, que os trabalhadores devem lutar pela obtenção de credenciais com validade até à saída da legislação referida, como forma ajustada de impedir a recuperação capitalista das suas empresas».

Salientando que a Revolução também pode ser defendida por legislação que vá ao encontro dos interesses dos trabalhadores, o Secretariado das EAG-COOPS refere o empenho dos cerca de 25 mil trabalhadores das EAG-COOPS (das quais 500 são cooperativas) na homologação rápida do projecto de Decreto-Lei, «cientes como se encontram da sua importância para a definitiva regularização das situações em que vivem e trabalham».

O projecto elaborado pelos trabalhadores regulamenta o processo inquisitorial mandado instaurar às empresas pelo Ministério da Tutela, cujas conclusões servirão de base «à determinação da eventual responsabilidade civil da empresa e dos seus agentes e da responsabilidade criminal destes e nele serão propostas fundamentalmente as medidas tendentes à definição económico-jurídica da empresa.» Depois do inquérito concluído o Ministério lavrará despacho e dará dele conhecimento aos trabalhadores.

No caso de ser manifesta a incapacidade de sobrevivência económica da empresa o Ministério pode propor a liquidação da empresa com a integração dos seus efectivos em empresa do sector público, se os trabalhadores não preferirem integrar-se nos sectores de propriedades previstas na Constituição Portuguesa.

O projecto contempla também a distribuição dos activos e passivos das empresas que ficarem em regime de autogestão ou passarem a cooperativas.

CONSERVAS

Agentes da P.S.P. chamados a colaborar com os patrões

O impasse nas conversações entre os trabalhadores e o patronato das indústrias de conservas mantém-se, não tendo sido possível, até agora, encontrar uma saída para a questão. Entretanto, prosseguindo a luta que tinham decidido, os trabalhadores conserveiros tiveram ontem de enfrentar a utilização de agentes da P. S. P. por parte dos patrões que em alguns casos procuraram, desse modo, desfazer a organização operária.

Segundo foi ontem afirmado numa conferência de imprensa dos trabalhadores conserveiros o patronato está a proceder a manobras de divisão dos trabalhadores, dizendo que estes estão a ser enganados pelo seu sindicato e que o processo de luta encetado não é uma questão de trabalho mas de política.

Deste tipo de argumentação, alguns patrões passaram facilmente ao apelo às «forças da ordem». De acordo com afirmações feitas na conferência de imprensa a que nos referimos, na fábrica Manuel Barroso o patronato tentou fazer um embarque de conservas dizendo aos seus empregados que o produto se destinava a Moçambique e que caso o embarque se não efectuasse ficaria sem dinheiro. A manobra patronal foi impedida por um delegado sindical. As autoridades compareceram de seguida no local a pedido do patrão.

Entretanto, face à situação, o Sindicato das Indústrias de Conservas do Norte distribuiu um comunicado sobre a luta actual, em que se verifica uma diminuição na produção da ordem dos 30 por cento, com impedimento da saída das latas de conserva das fábricas.

Assim, perante «este grave atentado contra a liberdade sindical e as manobras intimidatórias para as quais foram chamados a colaborar os agentes da P. S. P. não podemos deixar calados a nossa indignação e o nosso mais vivo protesto».

nação e o nosso mais vivo protesto».

E acrescenta o comunicado: «As forças da ordem foram colocadas ao serviço dos interesses do patronato e contra os interesses dos trabalhadores que apenas procuram que lhes sejam reconhecidos direitos que devem ser de todos os trabalhadores deste País. Não será tal actuação que impedirá que as operárias e os operários conserveiros prossigam na sua luta por melhores condições de trabalho».

AINDA

OS CONFLITOS

Segundo informações do Sindicato do Norte está a exceder todas as expectativas a adesão à luta, cifrando-se actualmente nos 90 por cento.

A redução laboral tem originado situações conflituosas entre trabalhadores e patrões, tendo sido agredida ontem a delegada sindical Isabel da fábrica Bonito Garcia, na Afurada.

Piquetes constituídos por homens e mulheres mantiveram-se alertas durante a noite passada, de forma a impedir qualquer tentativa dos patrões em fazer sair a mercadoria.

Entretanto, os industriais do Norte negam que se tenham recusado a negociar, tendo aprovado, ontem, por unanimidade, comparecer às negociações marcadas para a Secretaria de Estado das Pescas do dia 19.

N.R. — Uma gralha (lamentável, como todas) alterou, na notícia dada na nossa edição de ontem o nome da fábrica «Brandão». Assim diz-se que foi na fábrica «Botelhos» que o dirigente sindical Manuel Carvalho da Costa foi vítima de tentativa de agressão por parte do encarregado. A verdade é que essa tentativa de agressão, teve sim, lugar na fábrica «Brandão».

PÃO GRATUITO?

Patrões prevêem "lock out"

Representantes da Associação de Industriais de Panificação de Lisboa, Norte, Centro Baixo-Alentejo e Algarve admitiram ontem, em conferência de imprensa, a possibilidade de vir a verificar-se falta de farinha nos armazéns das padarias o que provaria, naturalmente, impossibilidade de fornecimento de pão. Para justificar esta hipótese, os representantes do patronato referiram que «já se começou a verificar uma certa pressão no crédito concedido pelas empresas fornecedoras».

A confirmar-se esta hipótese, o País poderá vir a ficar sem pão depois do dia 27, data para que estava prevista a distribuição gratuita do pão, como forma de luta dos trabalhadores da panificação para levarem o patronato a sentar-se à mesa das negociações. De qualquer modo, esta reacção por parte da associação patronal tinha sido prevista desde a decisão tomada, admitindo-se desde logo a possibilidade de «desaparecimento» da farinha.

Quanto às exigências dos trabalhadores para que seja negociado novo CCT, com aprovação das tabelas sala-

riaes, os representantes do patronato afirmam que a indústria de panificação não tem possibilidades económicas para fazer face a qualquer encargo mais que onere o custo do pão.

Na mesma conferência de imprensa o patronato informou que a sua posição é irredutível, por não lhe ser possível suportar aumento salarial que encareça o preço do pão.

Ainda na mesma reunião, os representantes da Associação de Industriais de Panificação defenderam-se do facto de o

pão português ser o de mais baixa qualidade de toda a Europa. Para eles, o facto de se ao facto de não haver o tempo necessário para que as farinhas levedem.

Ainda a questão salarial: «os trabalhadores da panificação têm direito a ser remunerados como qualquer outro sector», admitiram os patrões ontem.

A resposta a esta tomada de posição por parte da Federação de Sindicatos respectiva, será dada proximamente em conferência de imprensa.

Protestos contra a legislação sobre controlo operário

Algumas das recentes medidas de austeridade decretadas pelo VI Governo Provisório continuam a ser alvo do protesto e repúdio dos trabalhadores, organizações sindicais e partidos políticos.

Assim, os trabalhadores da Lisnave considerando que nem os trabalhadores nem as suas organizações foram ouvidos para a elaboração do projecto de decreto sobre o controlo operário, o que é uma violação à Constituição em vigor, repudiaram a actuação do VI Governo Provisório e exigem que seja cumprida a Constituição. Idêntica posição tomam os trabalhadores da Petrogal.

Por seu turno, a comissão executiva do Secretariado Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações e do Grupo Coordenador do ACT emitiram um comunicado conjunto em que repudiaram o projecto de

decreto-lei em questão, aulinhando as passagens do documento segundo as quais os órgãos de controlo não podem, contestar as chefias reconhecidas fascistas nem tomar posição contra o seu regresso a esses cargos e as comissões de trabalhadores são remetidas para um simples estatuto económico.

A Frente Socialista Popular assumiu igualmente posição de repúdio através de um comunicado do seu gabinete de imprensa, salientando que o diploma não serve a construção da sociedade socialista e permite a recuperação capitalista e a repressão sobre os trabalhadores.

Função Pública

legaliza

Sindicato

A mesa da assembleia constituinte do Sindicatos Trabalhadores da Função Pública (zona Sul) deu já início ao processo administrativo para legalização e registo daquele sindicato no Ministério do Trabalho, esperando-se que esteja concluído dentro de dias. O Sindicato da Função Pública está praticamente constituído, terminado que foi o apuramento final da votação na especialidade dos respectivos estatutos, realizada no dia 29 de Junho.

Esses resultados, que se encontram à disposição de todos os trabalhadores na sede do Sindicato, permitem manter na íntegra o projecto de estatutos anteriormente aprovado na generalidade (estatuto A, apresentado pela comissão directiva regional provincial).

CABOS ÁVILA

Arbitragem não vem material não sai

Os trabalhadores da Fábrica de Condutores Eléctricos Diogo d'Ávila continuam a impedir a saída para o exterior dos cabos ali produzidos, forma de luta que se prolongará até sexta-feira e que se destina a pressionar a entidade patronal a aceitar a fase de arbitragem nas negociações do acordo colectivo de trabalho da empresa, iniciadas em Maio.

A Administração dos «Cabos Ávila» tem recusado qualquer plataforma de entendimento favorável aos trabalhadores, rejeitando a hipótese de arbitragem por estes levantada depois de esgotadas todas as possibilidades de acordo através de negociações directas — segundo informação das comissões intersindical e de trabalhadores daquela empresa.

A obstrução à saída do material produzido foi decidida em plenário, como forma de luta perante uma eventual resposta negativa da Administração dentro do prazo que lhe foi concedido, e que expirou na

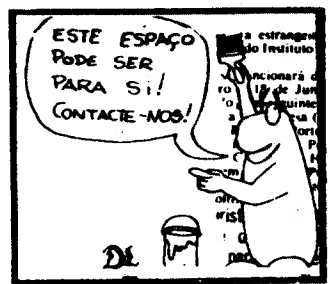
sexta-feira passada. O impedimento à saída de cabos manter-se-á durante uma semana, encontrando-se marcado um plenário para a próxima sexta-feira, para decidir sobre o prosseguimento da luta.

A intransigência patronal, segundo a comissão de trabalhadores da Diogo d'Ávila, insere-se num conjunto de manobras de recuperação capitalista que caracterizam o actual clima da empresa. Afirma a C.T.: «A administração, que antes do 25 de Abril utilizava todos os meios repressivos existentes na altura para reprimir os trabalhadores, neste momento utiliza outras formas não menos duras, emanando ordens e destruindo as poucas conquistas que os trabalhadores conseguiram. Aguardam com confiança o regresso do fascismo».

Exemplo disso seriam alguns factos referidos pela comissão de trabalhadores, em documento que nos enviou: a administração proíbe a cola-

gem de cartazes políticos nas instalações da fábrica, «dizendo ter acabado a política»; proíbe a concessão de vales aos trabalhadores sobre os salários, mas deve-lhes cerca de catorze mil contos de pagamentos não efectuados; assusta-os com a falta de matérias-primas, quando a maior parte destas se encontra retida na alfândega por falta de pagamento; responsabiliza técnicos pela má gestão da empresa, «quando sempre houve uma total concentração dos poderes de decisão nas mãos da Administração».

Além disso, a entidade patronal teria tentado intimidar delegados sindicais, desprezando as deliberações dos órgãos representativos do pessoal, e actua de forma divisionista. Com pouco êxito, segundo a comissão de trabalhadores, já que o clima de unidade entre os trabalhadores é um facto — essa é, afirma, «a arma mais forte para fazer frente a todas as manobras».



Grupo Desportivo Estoril-Praia

Rua do Viveiro — MONTE ESTORIL AVISO CONVOCATÓRIO ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Ao abrigo do Artigo 19.º dos nossos Estatutos, convoco para o dia 15/7/76, na nossa sede, às 21.30 horas com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- Apresentação e discussão do Relatório e Contas da Gerência de 1974-75 e parecer do Conselho Fiscal.
- Eleição dos Corpos Gerentes para 1976-77.

Não estando presentes à hora marcada nesta convocação os sócios em número suficiente para que a Assembleia possa funcionar legalmente, a mesma funcionará meia hora depois com qualquer número de sócios.

Monte Estoril, 30 de Maio de 1976.

O Presidente da Assembleia Geral

Dr. Honorato da Costa Ramos

Nacional

A divulgação do esperanto em Portugal foi proibida em 1936 e os veteranos do movimento pretendem, agora, retomar a actividade.

Ou porque a proibição produziu efeito, ou por outros motivos, o certo é que há milhares — senão milhões — de portugueses que não sabem ao certo o que é o esperanto ou por que motivos tem sido perseguido.

No entanto, quando há quarenta anos as associações esperantistas foram dissolvidas, o movimento contava com milhares de praticantes no País que mantinham larga e proveitosa correspondência com esperantistas de todo o mundo trocando ideias, estabelecendo amizades, permutando selos, postais e outros objectos colleccionáveis.

Em Portugal, sobretudo a partir de 1930, as classes trabalhadoras aderiram com entusiasmo a tão fácil acesso de comunicação linguística o que contribuiu para a perseguição que lhe foi movida pelos poderes constituídos.

As perseguições ao Esperanto e seus adeptos, aliás vêm de longe e têm sido levadas a cabo em vários países, principalmente na Alemanha nazi e no Japão imperialista.

Ouvimos Adolfo Nunes, decano dos esperantistas portugueses, que começou por recordar a tradicional hostilidade sofrida pelos pioneiros de todas as grandes ideias.

«Já o celebrado pacifista Aristides Briand, onze vezes primeiro-ministro da França, proclamava, para estimular o entusiasmo e ardor pelo socialismo nascente, que o Cristianismo continuava a viver depois de dezanove séculos, após ter atravessado 400 anos de perseguições. Galileu, perante o Tribunal da Inquisição, teve de abjurar da sua revolucionária e verdadeira teoria: movimentos da Terra. Ainda em 1806, Mercier, membro do Instituto de França, escrevia ser inadmissível que a Terra girasse em torno de si mesma «como um frango que se põe a assar num espeto»...

E o nosso interlocutor, citou ainda mais dois exemplos:

«O grande Chateaubriand, consagrado mestre da literatura francesa, declarou uma vez «Je ne me laisse pas éblouir ni par des bâtiments à vapeur ni par des chemins de fer. Tout cela n'est pas de la civilisation». Por sua vez, quando o sr. Puksas, concessionário em França do fonógrafo Edison, apresentava esta maravilhosa



Adolfo Nunes, decano dos esperantistas portugueses, fala-nos das perseguições iniciadas em Portugal em 1920, em plena «democracia»



Saldanha Carreira, professor de esperanto e grande impulsor do estudo da língua artificial, foi também um dos perseguidos pela polícia política



João Alves, que foi dirigente da «Antauen»: perseguido, preso e torturado pela P. I. D. E., pelo facto de ser esperantista

invenção, em 11 de Março, na Academia das Ciências, o académico Brouillard bradon:

«Julga que permitiremos que um ventríloquo venha trocar de nós?». O mesmo académico pontificou no seu relatório: «Jamais je n'admetrai qu'un vil métal puisse reproduire le noble son de la voix humaine».

«Ora — continuou Adolfo Nunes —, acusou-se Zamenhof, não sendo filólogo de ter criado uma língua, como se acusou Pasteur, não passando de químico, de ter ousado reformar a Medicina, ciência a que era absolutamente estranho. Mas Pasteur, com as suas famosas descobertas, respondeu a todos que tentaram denegri-lo. Com Zamenhof deu-se facto semelhante: com o seu maravilhoso Esperanto, num campo em que muitos linguistas falharam, concebeu um mecanismo de compreensão geral, que se tornou uma língua viva, simples e clara, que honra, ausculta e aproxima o pensamento universal».

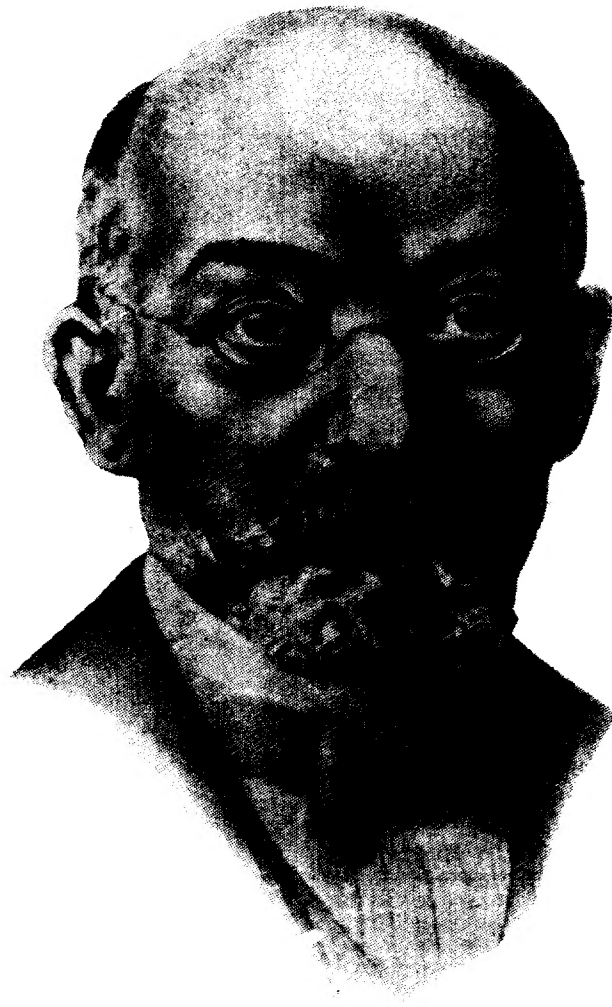
OS DETRACTORES DO ESPERANTO

Reportando-se aos ataques movidos contra o Esperanto, o nosso entrevistado disse-nos:

«O Esperanto tem podido sobreviver aos ataques dos seus adversários e à conspiração do silêncio com que se tem tentado abafá-lo. Em 1895, o aparecimento de dois artigos de Tolstoi no «Esperantista» provocou a intervenção da censura que proibiu a entrada daquela revista na Rússia. Esta foi a mais remota perseguição que se conhece. Mas têm sido muitos e variados os apodos dirigidos contra o Esperanto: diz-se que é uma língua de antipatriotas e de herejes, que é um instrumento do capitalismo ocidental, uma língua de judeus e comunistas, subversora da língua-mãe, da ordem e da pátria; afirma-se ser um agente do imperialismo cahuvínista; etc., etc. Tais dementadas insinuações anulam-se, por se contradizerem».

E continuou:

«Um jornal alemão, em 1904, chamara ao Esperanto «língua do anarquismo internacional». Sete anos mais tarde, A. Postnikov, presidente da Liga dos Esperantistas Russos foi preso por espionagem e diversos grupos de esperantistas foram encarcerados. Nesse mesmo ano, a polícia russa, apostada em desbaratar o movimento esperantista, proibiu a afixação de cartazes de propaganda com o pretexto de que os habitantes não os entendiam e prendeu o delegado da UEA (Asso-



Zamenhof, criador do Esperanto, foi incompreendido e perseguido: duas filhas suas morreram nos campos de concentração de Hitler

ciação Universal de Esperanto) e o dirigente do Grupo de Mukden (China), acusado de «revolucionário, por adorar Tolstoi e o Esperanto».

O jornal «Il Popolo d'Italia» estampou que a existência de uma rua Zamenhof, em Milão, insultava Roma!

Adolfo Nunes, muito bem documentado, concretizou alguns actos de perseguição ao Esperanto e seus adeptos cometidos pelo governo nazi.

«O nefando regime de Hitler foi bem explícito nos constantes anátemas lançados contra o Esperanto. Em decreto do Ministério da Educação, de 17 de Maio de 1935, lia-se «Uma língua artificial auxiliar das relações entre os povos, como o Esperanto, não pode ser tratada com amor por um Estado nacional-socialista. O seu uso conduz ao enfraquecimento dos valores essenciais que integram as qualidades da nação». Pouco tempo depois, em 26 de Junho de 1935, Reinhard Heydrich, que então substituiu Heinrich Himmler, informava o ministro do Interior de que «o movimento esperantista ultimamente desenvolve uma actividade intensa» e mencionava, como exemplo, que entre 36 pessoas presas três meses antes em Dusseldorf, por preparação de actos de perfídia, encontravam-se, pelo menos, 29 esperantistas. Por não ser possível controlar a correspondência dos esperantistas, geralmente suspeitos, Heydrich recomendou que os seus grupos fossem dissolvidos».

O Decreto n.º 29/36, de 18 de Fevereiro, dimanado de Martin Borman, rezava assim: «Porque a criação de uma língua internacional é contrária aos conceitos básicos do nacional-socialismo e pode finalmente servir apenas às potências supranacionais, o substituto do Führer proíbe todos os partidários e membros de organizações filiadas ao partido de pertencerem a qualquer espécie de grupos da língua artificial», Heydrich re-

solveu depois, infligir ao já desorganizado movimento esperantista o golpe de misericórdia: em 20 de Junho de 1936 decretava, em nome de Himmler, que todas as uniões da língua artificial e grupos federados deviam ser liquidados por iniciativa própria até 15 do mês seguinte. De resto, três anos antes a grande maioria dos esperantistas germânicos tinham perdido três quartos das suas bases com os ataques formulados contra duas das principais organizações: GLEA (Associação Esperantista dos Trabalhadores Alemães) e a SEA (Associação Socialista de Esperanto).

Segundo Adolfo Nunes, a principal inspiração das perseguições aos esperantistas levadas a cabo pelos dirigentes nazis encontra-se no «Mein Kampf», do famigerado Hitler, onde se lê: «Muito tempo ainda, enquanto o judeu não se tornar o dominador dos outros povos, quer queira quer não, deve falar a língua deles, mas logo que estes sejam seus servos, todos devem aprender uma língua universal (O Esperanto, por exemplo), de forma que, por este meio, os judeus possam mais facilmente governá-los».

«Já durante a Primeira Guerra Mundial» — prosseguiu o nosso interlocutor —, «pessoas e organizações influentes na Alemanha não perdiam o ensejo de atacar o Esperanto, quer por julgá-lo concorrente da hegemonia da língua alemã e prejudicial, portanto, à influência cultural no estrangeiro, quer por mostrar-se um decisivo instrumento nas mãos de judeus e de comunistas. Karl Vossler, professor de linguas novilatinas, escrevia, em 1925, na sua obra «Geist und Kultur in der Sprache», p. 185: «Na gramática e dicionário do Esperanto penetrou o internacional-bolchevismo e comunismo». No começo de 1928 um deputado nazi insinuava no parlamento bávaro: «Não é por acaso que existe similitude entre a estrela verde, símbolo do

Quarenta anos perseguido (I)

O

VO

Esperanto, e a insignia soviética». Mas os nazis não se limitaram à mais feroz e sistemática destruição da engrenagem esperantista no 3.º Reich; levaram-na a todos os países que ocuparam. Desde Junho de 1936, quando Martin Borman decretou a proibição do Esperanto, a abominável Gestapo prendeu esperantistas, confiscou-lhes livros e documentos e infligiu sofrimentos aos seus possuidores. Os livros redigidos em Esperanto foram queimados, incluindo obras de figuras de grande relevo mundial na literatura, política, filosofia e demais ramos da cultura. Nos campos de concentração de Dachau, Auschwitz e Treblinka acumularam-se os cadáveres do maior genocídio de que fala a História. Neste último pereceram Ida Zimmermann, cunhada de Zamenhof, Sofia e Lidja Zamenhof, filhas do autor do Esperanto.

Embora apodados de comunistas na Alemanha nazi e noutros estados de regime similar, e por isso perseguidos, o certo é que os esperantistas na Rússia de Estaline não gozaram de maior benevolência, ao contrário do que vem sucedendo nos últimos vinte anos onde, neste grande País, o Esperanto já desfruta de honras de leitores e até de cátedra nas universidades. O nosso entrevistado, socorrendo-se do livro de Robert Conquest, «The Great Terror. Stalin's Purge of the Thirties», editado em Toronto, em 1968, cita que este autor na passagem em que se refere à grande depuração de elementos hostis ao regime ordenada por Estaline, incluiu os esperantistas na quinta e última categoria dos indesejáveis: «civis com contactos com o estrangeiro». Deste modo, atingiu número elevado os esperantistas presos e até fuzilados».

E Adolfo Nunes esclarece: «Só a partir de 1954/55 o movimento esperantista na União Soviética começou a ressurgir. Mantém larga correspondência com o estrangeiro, devendo citar-se a calorosa re-

SINDICATO DE GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO, TRANSPORTES E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

Abrangendo os distritos de Beja, Castelo Branco, Évora, Faro, Leiria, Portalegre, Santarém e Setúbal

Avenida Almirante Reis, 45, 1.º — Telef. 83 93 18 / 84 86 33 — LISBOA - 1

ASSEMBLEIA GERAL CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 31.º alínea J), dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral deste Sindicato, para reunir em Sessão Extraordinária, no próximo dia 28 do corrente mês de Julho, pelas 21 horas, na Sociedade de Instrução e Beneficência a Voz do Operário, sita na Rua Voz do Operário, 9 a 17, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único: Deliberar sobre a integração do Sindicato nos Sindicatos Rodoviários.

Informam-se os associados que para tomarem parte nos trabalhos da referida Assembleia é indispensável a apresentação do respectivo cartão de sócio, devidamente actualizado.

Lisboa, 12 de Julho de 1976

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

José Duarte

Nacional

OS
(e proibido)

esperanto

Ita a Portugal

cepção que ali tiveram aqun-
do de recente visita, esperan-
tistas de vários países filiados
na S.A.T. (Sennacieca Asocio
Tutmondo).

Antes de se referir às perse-
guições verificadas em Portu-
gal, mais duramente sentidas
no regime salazarista, o nosso
interlocutor acentuou:

— O Esperanto é uma língua
e, como qualquer idioma, pode
expressar a linguagem do bem,
da fraternidade e do amor e
também pode servir de por-
ta-voz à desordem, ao desen-
cadear da agitação. Mas a
Lingua Internacional, mais do
que qualquer outra, está virada
para o ideal da compreensão
da pacificação que a enforma
e pelos princípios de humani-
dade que a norteiam.

SALAZAR E O ESPERANTO

E prosseguiu:
«Por muito estranho que
pareça, as perseguições come-
çaram em Portugal em plena de-
mocracia! Foi em 23 de Setem-
bro de 1920 que se realizou no
Sindicato dos Metalúrgicos, a
Esperança, a inauguração da So-
ciedade Esperantista «Antaüen».
O início do seu primeiro curso
de Esperanto, dirigido por Gui-
lherme de Castro, estava mar-
cado para o dia seguinte e co-
meçou, de facto, com a pre-
sença de 24 alunos. Alguns mi-
nutos depois surgiram dois
policiais que, por sinal, falavam
Esperanto. Não obstante verifi-
caram que se tratava de um
curso da língua internacional,
a casa foi cercada e alunos
e professor foram detidos e en-
carcerados, figurando entre
eles uma criança e uma jovem.
A uma comissão da Portugala
Laborista Esperanto-Federacio
que diligenciou intervir, o che-
fe da Polícia respondeu que as
detenções eram legais por es-
tarem proibidas reuniões à por-
ta fechada! Vivia-se então sob
a legislação repressiva do co-
ronel António Maria Baptista,
presidente do Conselho de Mi-
nistros, que criou um tribunal

especial que arbitrariamente
podia exilar para Angola os
suspeitos de revolucionários,
bolchevistas, etc. O jovem es-
perantista Américo Vilar e Joa-
quim Gonçalves, membros da
Lisboa Verda Stelo foram os
primeiros samideanos presos e

condenados. Decorridos al-
guns dias, a Polícia deteve
mais esperantistas, resultando
inúteis os protestos e pedidos
a seu favor. Depois da
proibição decretada em 1936,
as associações foram encerra-
das, alguns esperantistas deti-

dos e os livros apreendidos
nas residências destes ou nas
sedes das associações, foram
queimados. Saldanha Carreira,
nome que os esperantistas por-
tugueses muito respeitam pelo
entusiasmo e espírito de sa-
crifício com que sempre se de-

dicou ao Esperanto, não foi
poupado pela Polícia, sofrendo
prisão, vexame e a perda dos
seus livros. Em dada altura,
mais precisamente em 1951, o
ministro Trigo de Negreiros, a
pedido do coronel Armando
Larcher, permitiu a abertura
das associações esperantistas,
mas o ministro da Educação,
Pires de Lima, proibiu os cur-
sos com o pretexto de que «o
ensino do Esperanto não está
autorizado nem sequer previs-
to em Portugal».

Adolfo Nunes terminou o seu
depoimento informando que os
estatutos da actual Associação
Portuguesa de Esperanto foram
aprovados pela Inspeção
Geral do Ensino Particular, cu-
ja comunicação é datada de
15 de Março de 1971.

SOCIEDADES CULTU- RAIS E RECREATIVAS DO BARREIRO PERSEGUIDAS DURANTE O FASCISMO

Ainda sobre as perseguições
movidas pelo antigo regime
português contra os esperan-
tistas ouvimos o antigo es-
perantista barreirense, Abílio Bal-
tasar, que referiu ao que se
passou naquela laboriosa vila:
«No período que decorreu
dos anos de 1930 a 1936 o mo-
vimento esperantista desper-
tou grande entusiasmo na po-
pulação do Barreiro. Conta-
vam-se duas associações e
núcleos de Esperanto nas so-
ciedades de recreio e cultura
«Os Penicheiros», «Os France-
ses» e «22 de Novembro». Em
1936 a polícia política encer-
rou as associações esperantistas,
apreendendo os livros, e as
sociedades recreativas que
mantinham núcleos de propa-
ganda esperantista foram afec-
tadas com a suspensão do
apoio que regularmente rece-
biam das autarquias locais pa-
ra execução dos seus objecti-
vos culturais, deixando algu-
mas delas, por tal motivo, de
manter as suas bandas musi-
cais. O mesmo sucedeu no La-

vradio, Alhos Vedros e Santo
António da Charneca. Além da
prisão de vários esperantistas,
verificaram-se violações da
correspondência em Esperan-
to, muitas vezes até apreendi-
da, incluindo revistas e jor-
nais».

Outro esperantista veterano,
José dos Santos Ferreira, um
dos fundadores da Laborista
Esperantista Asocio «Antaüen»
foi preso em 1930, jun-
tamente com os seus compa-
nheiros Irmundo Barros e os
irmãos Mário e Fernando Rapo-
so. Motivo: conversavam na
Praça da Armada, em Alcânta-
ra, e eram portadores da revista
esperantista «Sennaciulo».

«Conduzidos à esquadra
próxima — explicou-nos — as
nossas casas foram, entretan-
to, devassadas, o que causou
natural desassossego às
famílias. O que se passou em
casa dos irmãos Raposo pode-
ria ter dado aso a tragédia. A
família, composta pelos pais e
mais duas filhas, só deu pela
presença de dois polícias, já
alta noite, quando estes se en-
contravam junto deles. O chefe
da família, homem de rija
têmpera, em grande exaltação,
dispôs-se a enfrentar a polícia
ante os clamores das duas fi-
lhas e da mulher o que levou
os agentes a abandonarem a
casa. Não foram a tribunal mas
os insultos, durante o tempo
que estiveram presos, foram
constantes».

DELGADO E O ESPERANTO

Ouvimos, por último, João
Alves, também dirigente da
«Antaüen». Procurado pela
polícia durante dois anos, veio
a ser preso em 1936, numa sex-
ta-feira, dia 13, facto que a
polícia lhe lembrava frequente-
mente para o convencer, du-
rante as sovas que lhe aplica-
va, que o dia da sua prisão
lhe ia ser fatídico se não con-
fessasse o que ela queria. Teve
a sua casa devassada e os li-
vros de esperanto e outros des-
truídos. Incriminado como re-
volucionário, a sua actividade
esperantista pesou fortemente
no ânimo da polícia, de tal for-
ma, que o tribunal deslocou-se
a Angra do Heroísmo, onde es-
tava desterrado, condenando-o
a dez anos de prisão, pena que
acabou por ser elevada a treze,
talvez para dar cumprimento
aos fados: preso numa sex-
ta-feira, dia 13...

«Fui miseravelmente massa-
crado e torturado, vindo à bai-
la, nos interrogatórios a cir-
cunstância de ser esperantista.
Foram vários os estratagemas
que a polícia usou para arran-
car-me a confissão de algo que
pudesse comprometer camara-
das. Dada a minha resistência
física, de que eu próprio fiquei
admirado, a polícia, ao cabo
de bastantes dias de tortura,
enveredou por uma artimanha
que teve desfecho curioso; um
agente, manifestando-se con-
dido pelo meu estado físico,
prontificou-se a fazer chegar
às mãos de quem eu indicasse
qualquer missiva minha, garan-
tindo que tudo se passaria em
segredo. Embora não acreditas-
se no providencial espírito
misericordioso do agente, en-
treguei-lhe uma carta dirigida
ao meu amigo Mariano Pereira,
director do jornal «Vida So-
cial», do qual era colaborador,
na qual lhe fazia um apelo para
que intercedesse junto de al-
guém que contivesse as tortu-
ras da polícia porque sentia es-
tar no fim das minhas forças.
E o apelo resultou: Mariano Pe-
reira falou com Humberto Del-
gado, então oficial da Aero-
nautica e com fácil acesso às
instituições do regime, mas
Mariano Pereira sabia quanto
aquele oficial condenava os
processos inquisitoriais usa-
dos pela polícia. Depois da dili-
gência de Humberto Delgado
não mais me tocaram».



Um exemplar do «Portugala Esperantisto», órgão do Movimento Esperantista Português, proibido em 1936

Estrangeiro

Aumenta o número dos partidários do socialismo

HILAIRE OKOBE (correspondente do "Etumba", de Brazzaville)

MOSCOVO, JULHO (APN) — «Um dos traços mais importantes do período que atravessamos é o facto de as mudanças se realizarem, na Europa, em pleno agravamento da crise geral do capitalismo. As massas cada vez estão mais convencidas de que o capitalismo é uma sociedade sem futuro, por isso se multiplica o número de partidários da outra via, a via socialista». Esta verificação objectiva foi feita por Leonidas Brejnev, secretário geral do CC do PCUS, na tribuna da Conferência dos Partidos Comunistas e Operários da Europa, realizada em Berlim, capital da RDA, de 29 a 30 de Junho de 1976.

O chefe da delegação soviética, cujo discurso foi largamente apoiado e comentado pelas massas e pela imprensa mundial, aproveitou a ocasião para fazer uma profunda análise da vida internacional, avaliar o equilíbrio das forças, contrariar o perigo que a corrida aos armamentos representa, insistir no reforço da paz, no papel das massas no processo revolucionário e ainda no internacionalismo proletário.

Claro que a constatação feita por Brejnev sobre o agravamento da crise geral do capitalismo, não é obra do acaso. Sabe-se desde as primeiras crises do capitalismo dos séculos XIX e XX, que o mundo dito «livre» era construído sobre areias movediças. Nos últimos tempos, a situação piorou bastante. Alguns índices socioeconómicos provam-no à sociedade. Aqui, os operários lutam pela melhoria das condições de vida e de trabalho; ali, os preços galopam; além, as possibilidades de um emprego estável e com garantias diminuem e vão-se desvanecendo. A indústria, sem fontes que a enriqueçam em matérias primas baratas, faz com que a produção baixe: é a recessão económica. Claro que o ocidente sofre do seu próprio sistema socioeconómico.

O problema é tanto mais inquietante quanto a doença que há muito corroi os países capitalistas altamente industrializados, não deixa de ter repercussões desagradáveis na economia ainda frágil dos países em vias de desenvolvimento da

África, Ásia e América Latina.

Temos de nos convencer que essa doença provém do exacerbar das contradições internas da sociedade burguesa, caracterizada entre outras coisas por uma acumulação desavergonhada dos lucros e por uma manipulação em vasta escala dos capitais, pelos grandes monopólios industriais e financeiros. Por exemplo, o produto bruto de certas companhias multinacionais ultrapassa de longe o de certos países industrializados da Europa. Estes lucros acumulados só favorecem os burgueses detentores desse gigantesco meio de manipulação dos capitais.

Na sua gangrena, o capitalismo produz reincidências cuja amplitude social se resume na desagradável das condições de vida dos trabalhadores. Percentagens e estatísticas publicadas provam que de Abril de 1975 a Abril de 1976 os preços da Comunidade Económica Europeia aumentaram em média 12,5 por cento.

Não há dúvida de que numa sociedade em que o capital dita a lei os dias melhores não são seguros para os trabalhadores, sem que haja combate pela criação de uma economia baseada na propriedade social dos meios de produção, de uma economia socialista, garantida por um desenvolvimento harmonioso e uma estabilidade do emprego e dos preços. É esta convicção que faz com que o número dos partidários da via socialista se multipliquem.

O melhor exemplo dessa multiplicação é hoje dado pelo nascimento da República Socialista do Vietname. O povo vietnamita, unido apesar das sequelas do colonialismo na parte sul do território, decidiu continuar na via do socialismo desenvolvendo o sector de Estado e as explorações colectivas.

Recém saída de uma guerra imposta pelo imperialismo e seus lacaios, a República Popular de Angola dá sérios passos para a consolidação do poder político e do sector público. Depois de nacionalizar os domínios industrial e social, Angola nacionaliza as duas grandes tipografias para a reestruturação do circuito de informação, necessária a esta etapa de reconstrução nacional.

Também convém notar o fac-

to de Madagascar ter aprovado «a carta da revolução socialista malgache», que prevê a transformação radical da sociedade. As comunas camponesas, por exemplo — as toconolona — transformam-se a pouco e pouco em órgãos locais do poder popular.

O povo congolês, guiado pelo seu partido de vanguarda, entrou resolutamente na via do desenvolvimento não capitalista. Diz-se no relatório do PCT no congresso geral de 27 a 30 de Dezembro de 1974 que «é possível edificar no coração da África uma sociedade socialis-

ta e que a nossa qualidade de africano ou de negro não se opõe de modo algum a tal coisa. O nosso partido não nega a especificidade das sociedades africanas, mas acha que é possível e salutar que cada uma realize a sua passagem para o socialismo».

Os exemplos citados e tantos outros por esse mundo, corroboram o carácter verídico da análise feita pelo secretário geral do CC do PCUS, Leonidas Brejnev, no discurso da conferência de Berlim.

(Novosti)

Gearhart esteve em Angola mais tempo do que disse a defesa

FRESNO, CALIFORNIA, 14 (UPI-ANOP) — Não foram três ou quatro dias que Daniel Gearhart esteve em Angola. Foram diversas semanas, antes de haver sido detido — declarou David Bufkin, de 39 anos, o homem que o recrutou como mercenário.

Numa entrevista agora dada e divulgada pela Associated Press, Bufkin afirma que acompanhou Gearhart a Angola, juntamente com outros mercenários por ele recrutados, incluindo os norte-americanos Gary Acker, de 21 anos, e Gus Grillo, de 27.

Bufkin afirma que o seu próprio papel como mercenário foi o de piloto, aos comandos de um pequeno avião de observação encarregado de relatar as posições e o movimento das tropas cubanas destacadas em Angola.

«Quando chegámos a São Salvador, a primeira missão de Danny (Gearhart) foi uma patrulha de grande penetração no território inimigo, para obter informações secretas. A patrulha completou a penetração e Danny regressou com a informação que fora buscar» — conta o recrutador de mercenários, que prossegue:

«Mais tarde, Danny foi englobado numa patrulha britânica de reconhecimento. A sua missão nessa patrulha, efectuada em «Land-Rovers», era aproximar-se das posições ini-

migas na zona de Tomboco, estabelecer contacto com o inimigo e regressar com informação sobre a força e posições do mesmo.

«A patrulha de Danny estabeleceu contacto, travou luta e regressou para relatar as posições.

«Entre essas patrulhas, foi encarregado de estabelecer porções do perímetro de defesa em redor de São Salvador e treinou tropas negras para auxiliar a defender a cidade, que estava a ser assaltada».

São Salvador era então o quartel-general da F. N. L. A., dizendo o contratador de mercenários:

«Danny fez muito bom trabalho e foi louvado pelo comandante Peter Macaleese. Foi um louvor verbal e foi acompanhado por um bônus em dinheiro. Os mercenários não ganham medalhas. Ganham dinheiro e uma palmada nas costas.

«Gearhart e Grillo estavam na segunda patrulha, em «Land-Rovers», com uma série de mercenários portugueses. E Acker e um canadiano estavam na terceira patrulha. Ambas as patrulhas atravessaram a pon-

INGLATERRA

Relatório sobre o "Caso Lonrho" põe em causa um primo da rainha

Londres — Um escândalo na «city», de Londres, atingiu um parente da rainha: Angus Ogilvy, marido da princesa Alexandra de Kent. Ogilvy teve de pedir a demissão de todos os seus cargos de administrador de sociedades, em consequência da publicação de um relatório do Ministério do Comércio que o acusa de ter sido «negligente» com os accionistas cujos interesses devia defender.

O caso Lonrho — consórcio mineiro e industrial com interesses diversos no mundo — instalara em 1973, época em que Ogilvy pediu a demissão do seu posto no Lonrho. Uma parte do conselho de administração ergueu-se então contra os métodos do «director executivo», Tony Rowland, acusando-o de agir de modo demasiado autoritário, isto por ter realizado operações várias sem informar os accionistas.

Ao mesmo tempo, a direcção da Lonrho fora posta em causa porque alguns administradores haviam recebido indemnizações substanciais que lhes tinham sido pagas, não no Reino Unido mas em «paraísos fiscais» como, por exemplo, as ilhas Caiman. Entre eles, lord Duncan Sandys, reembolsou mais tarde estas remunerações. Foi esta atitude que levou Heath, então primeiro-ministro, a denunciar «a face desagradável e inaceitável do capitalismo».

Nada disto impediu afinal de contas os accionistas de manter Rowland no seu posto. A Lonrho continua pois a aumentar o seu império industrial e comercial. O primeiro resultado da publicação do relatório do inquérito é, de resto, o ter feito subir as acções da Lonrho, no Stock Exchange.

O relatório dos inquiridores designados pelo Ministério do Comércio não denuncia, de resto, nenhuma infracção muito concreta, a não ser, talvez, o facto de a Lonrho ter mantido os financeiros com a Rodésia, país que era objecto de sanções económicas decididas pela ONU.

Os inspectores contentam-se com críticas a certos membros do conselho de administração, entre os quais se contava Ogilvy. Este protesta vigorosamente contra as alegações de que é alvo, e queixa-se por não lhe ser possível atacar nos tribunais essas alegações. Como, porém, não quer que caia o menor descrédito sobre a família real, Angus Ogilvy achou que a «única solução decente» era, para ele, pôr fim às suas actividades na «city».

(Le Monde)

Ensino Particular

- Prazo normal de Matrículas no Ensino Primário até ao dia 15.
- Jardim de Infância, continuam as inscrições.
- Educadores e Professores formados, Psicólogo, Francês (Prof.ª de Nacionalidade), Música e Ginástica por professoras diplomadas.
- Formação integral dos homens de amanhã.

C.ª Sá de Miranda
Rua Alexandre Braga, 17
Telef. 4 53 10 / 53 75 32

ASSOCIAÇÃO DE CULTURA E INSTRUÇÃO DO COBRE

Certifico que, por escritura de 10 de Janeiro último, lavrada de fl. 56 v.ª a fl. 61 do livro de escrituras diversas n.º 31-C do 2.º Cartório da Secretaria Notarial de Cascais, a cargo da notária Dr.ª Maria Inês Pita Teles de Melo Meneses e Castro, foi constituída uma associação, tendo em vista as actividades formativas, recreativas, desportivas, sócio-culturais e económicas, com a denominação em epígrafe.

A Associação tem a sua sede no Bairro do Cobre, ou Bairro da Encosta da Carreira, na freguesia e concelho de Cascais. O objecto da associação é a realização de actividades recreativas, desportivas, sócio-culturais e económicas e outras permitidas por lei que facilitem a melhoria das condições de vida em geral dos seus associados.

A Associação compõe-se de determinado número de associados classificados e admitidos pela direcção, mediante proposta subscrita por dois socios, como segue:

- 1.º Efectivos, que são todos aqueles que erigiram e fundaram a Associação;
- 2.º Auxiliares, todos aqueles que, através de uma contribuição mensal, mereçam ser assim considerados.

A perência da Associação é exercida pela direcção e pelo conselho fiscal, eleitos em assembleia geral.

O mandato para cargos gestores é de dois anos, renovável sempre que proposto e aprovado pela assembleia geral.

É certidão parcial que fiz extrair e vai conforme à parte transcrita, e declaro que nada há em contrário ou além do que nela se narra e transcreve.

Secretaria Notarial de Cascais, 1 de Março de 1976. —
A Ajudante, Luísa Dionísia Costa de Campos Alves Pires.

FÉRIAS NA MADEIRA

1 SEMANA

SÉRIE «A» todas as DOMINGOS

PARTIDAS:

Julho 4, 11, 18 e 25

Agosto 1, 8, 15, 22 e 29

Setembro 5, 12, 19 e 26

SÉRIE «B» todas as SEMANAS

PARTIDAS:

Agosto 3, 10, 17, 24 e 31

SÉRIE «C» todas as SEMANAS

PARTIDAS:

Julho 16, 23 e 30

Agosto 6, 13, 20 e 27

Preço especial de 2.880\$

INCLUINDO:

- Viagem em avião a jacto TAP
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita turística
- Assistência de delegado

* a vantagem dos vossos especiais

abreu

Fundada em 1940

LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 320021

PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921

COIMBRA Rua de São, 2 • Telef. 2701/2

VARO Rua Costa Eixo, 15 • Telef. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL

CONVOCATÓRIA

DELEGADOS SINDICAIS DO SECTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Convocam-se os Delegados Sindicais do Sector da Construção Civil para uma reunião a efectuar na sede do Sindicato (Av.ª Almirante Reis, 74-C-4.º andar), na próxima (Sexta-feira) dia 16 às 20 horas, com a seguinte:

ORDEN D TRABALHOS

- 1 — Informações
- 2 — Dar cumprimento ao ponto 3 da proposta aprovada na reunião geral do sector no dia 28/6 (Coliseu dos Recreios), cujo texto se transcreve: «Que semanalmente se façam reuniões de trabalho, com todos os Delegados Sindicais e a Comissão Negociadora a fim de coordenar o trabalho a nível do Sindicato e nas empresas, para uma futura luta a desenvolver quando as condições de unidade do sector sejam consideradas melhores que as actuais».

12.7.76

A COMISSÃO NEGOCIADORA

Estrangeiro

FORMAR GOVERNO

Tarefa complicada para Andreotti

ROMA, 14 — (ANOP e R.) — O primeiro-ministro designado Giulio Andreotti inicia hoje a tarefa de formar um Governo numa das situações políticas mais difíceis em Itália, criada pelas eleições de Junho, das quais nenhum partido surgiu com uma maioria conclusiva.

Andreotti, a quem foi dada essa incumbência ontem à noite, pelo presidente Giovanni Leone, conferenciou imediatamente com o secretário do seu próprio Partido Democrata-Cristão, Benigno Zaccagnini, e com dirigentes desse agrupamento político no Parlamento.

A sua tarefa tornou-se ontem ainda mais complicada com a demissão de toda a chefia nacional do Partido Socialista, incluindo o secretário Francesco de Martino, a seguir aos desaires sofridos na consulta ao eleitorado.

Os demócratas-cristãos precisam dos socialistas como associados numa coligação para dispor de maioria no Parlamento.

Contudo, até agora, os socialistas têm-se oposto vigorosamente a mais colaboração com os demócratas-cristãos a não ser que os comunistas fiquem associados, de qualquer forma, ao Governo devido aos ganhos que obtiveram nas eleições.

A demissão da chefia socialista poderia, todavia, abrir o caminho para um compromisso quanto a essa exigência.

Espera-se que Andreotti consulte os dirigentes de todos os partidos, com excepção do Movimento Social Italiano, um grupo neofascista, a fim de tentar elaborar um programa.

O RAPAZ MARAVILHA DA POLÍTICA

Andreotti é um homem em quem o Vaticano confia e que os comunistas vêem com alguma esperança.

Enquanto jovem era considerado «o rapaz maravilha da política» e prestou serviço em Governos italianos durante mais tempo que ninguém, sendo basicamente um conservador, embora com alguns amigos em sectores inesperados.

Assim, uma facção do Partido Socialista é a favor da sua nomeação preferindo-o a outros demócratas-cristãos.

Também o dirigente parlamentar comunista Alessandro Natta afirmou recentemente a seu respeito: «Em certo sentido é o demócrata-cristão que nos oferece melhores garantias».

Andreotti tinha apenas 28 anos quando o falecido primeiro-ministro Alcide de Gasperi o fez seu protegido e o nomeou para subsecretário da chefia do Governo. Isto passou-se em 1947.

Hoje, com 57 anos, o político demócrata-cristão ocupou já por duas vezes o posto de pri-

meiro-ministro e foi ministro ou subsecretário em 22 gabinetes.

Católico praticante, Andreotti tem tido a confiança do Governo desde os seus primeiros passos na vida política, como presidente da Associação de Estudantes Universitários Católicos, não muito bem acolhida pelo regime fascista. Mon-senhor Montini, agora Papa Paulo VI interessou-se grandemente na altura pela Associação.

Sendo um homem de grande sentido de humor, Andreotti é também jornalista e escritor activo.



O demócrata-cristão Giulio Andreotti, incumbido ontem de formar governo em Itália

Plano de reconciliação de sírios e palestinianos

CAIRO, 14 — (R.) — Ministros árabes dos Negócios Estrangeiros, reunidos no Cairo para fazerem outra tentativa para acabar com a guerra civil no Líbano patrocinaram um plano para reconciliar a Síria e os palestinianos.

Contudo, a sua iniciativa sofreu um desaire poucos minutos depois de ser aprovada ontem, à noite, por unanimidade. Os palestinianos convocaram imediatamente uma conferência de imprensa durante a qual exprimiram dúvidas acerca da sinceridade de Damasco.

Isso levou observadores diplomáticos do Cairo a crer que

não se poderá esperar para breve o termo da luta no Líbano e que serão necessárias mais diligências conjuntas dos árabes.

Os ministros aprovaram um plano saudita para reconciliação entre sírios e palestinianos e acolheram com agrado «a vontade manifestada pela Síria e pela Organização de Libertação da Palestina (OLP) de começarem imediatamente a trabalhar para normalizar as suas relações».

Numa série de resoluções, os ministros reafirmaram apelos anteriores e infrutíferos para um cessar-fogo no Líbano.

Os ministros árabes, que estiveram, várias vezes, em situações de impasse durante a sua sessão de dois dias, concordaram que o primeiro obstáculo para se conseguir a paz no Líbano era a disputa sírio-palestina, que surgiu a seguir à intervenção militar de Damasco naquele país, em Maio.

Entretanto, a despeito das tentativas dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Liga Árabe reunidos em sessão no Cairo, para reconciliar as posições antagónicas, recrudescer a luta no Líbano entre sírios e palestinianos.

Tropas e tanques sírios abriram caminho combatendo na histórica cidade de Baalbek, no Leste durante o dia de ontem, enfrentando esquerdistas e palestinianos em violentos combates nas ruas, em que ambos os lados sofreram pesadas baixas.

No campo palestiniano de Tel Al-Zaatar, nos arredores de Beirute cercado por forças de direita, William Hawi, comandante militar do Partido Falangista, da direita, foi ontem morto a tiro quando a luta na área entrou na quarta semana.

Combates continuaram também no Norte do Líbano onde forças de direita se acham a poucos quilómetros da entrada Sul de Tripoli, o reduto esquerdistas. Os sírios segundo os palestinianos, ameaçam as entradas Norte da cidade.

O jornal oficial palestiniano «Falastin Al-Thawra» afirma hoje que a União Soviética exigira a retirada imediata de forças sírias do Líbano.

Carter proclamado esta noite candidato à presidência

NOVA IORQUE, 14 (R) — A convenção do Partido Democrático dos Estados Unidos proclamará esta noite Jimmy Carter como seu candidato para as eleições presidenciais em Novembro próximo.

O momento de triunfo para o agricultor de amendoim, de 51 anos, da Geórgia, assinalará uma nova era para um partido anteriormente profundamente dividido, decidido agora a não permitir outro republicano na Casa Branca.

O senador Hubert Humphrey, velho estadista do partido e em tempos um rival possível, não deixou dúvidas a

noite passada de que apoiaria Carter.

Num discurso adiado quase cinco minutos por uma ovação de pé pelos 3000 delegados, declarou: «Será eleito um demócrata — e o seu nome é Jimmy Carter».

Delegados na sala da convenção, decorada a vermelho, branco e azul, manifestaram ruidosamente a sua aprovação. Participando nos aplausos encontrava-se Jacqueline Kennedy Onassis que assistia à sua primeira convenção desde que o falecido presidente John Kennedy foi nomeado em 1960. Houve uma calorosa re-

cepção também para o senador George McGovern, candidato dos demócratas em 1972, derrotado por esmagadora maioria pelo presidente Richard Nixon na eleição daquele ano.

A nomeação de Carter esta noite constituirá o ponto culminante da convenção de quatro dias.

O antigo governador da Geórgia passou a maior parte do dia de ontem no seu hotel reflectindo sobre a escolha de um candidato vice-presidencial e escrevendo o seu discurso de aceitação.

Alguns analistas políticos reduziram a sua lista de seis possíveis candidatos vice-presidenciais para dois — encorajados por um demócrata eminente que afirmava estar bem informado. Mas ontem à noite Carter ordenou aos seus informadores para a imprensa que declarassem não ter sido tomada qualquer decisão.

Os dois senadores mencionados com mais frequência por analistas políticos são: — Walter Mondale, do Min-

Novo presidente no Uruguai?

MONTEVIDEU, 14 — (R.) — Aparicio Gomez, um advogado conservador, de 72 anos, deve ser nomeado hoje novo presidente do Uruguai pelo Conselho da Nação, segundo revelaram fontes bem informadas.

O Conselho, um grupo militar-civil criado recentemente, foi encarregado de escolher um sucessor para Alberto Demichelli, nomeado presidente interino, em 12 de Julho, após as Forças Armadas deporem o seu protegido civil Juan Maria Bordaberry.

O novo chefe de Estado prestará juramento em 25 de Agosto, data do 151.º aniversário da independência do Uruguai. Cumprirá um mandato de cinco anos, após o qual os tradicionais Partidos Colorado e Blanco poderão escolher um candidato conjunto nas eleições para a Presidência. Após mais cinco anos, os dois Partidos poderão apresentar candidatos rivais.

Bordaberry, que governou com o apoio das Forças Armadas durante três anos, foi obrigado a demitir-se porque se opôs ao plano dos militares para restaurar a legalidade dos dois Partidos.

A China entrega hoje o caminho-de-ferro construído em África

LUSACA, 14 — (R.) — A China entrega hoje formalmente um caminho-de-ferro de 1860 quilómetros — o seu maior compromisso de auxílio no estrangeiro — à Tanzânia e à Zâmbia.

O caminho-de-ferro tanzano-zambiano (Tazara) é fruto de seis anos de trabalho pela China que gastou 369 milhões de kwacha (7,5 milhões de dólares) na sua construção através de vastas áreas de mata.

O vice-primeiro-ministro chinês Sun Chien, que chegou ontem a Lusaca, fará formalmente a entrega ao presidente zambiano, Kenneth Kaunda, e ao presidente tanzaniano, Julius Nyerere, numa cerimónia em Kipiri Mposhi, terminal zambiano da linha a 200 quilómetros a Norte da Capital.

O presidente do Zaire, Mobutu Sese Seko, e o presidente do Botswana, Seretse Khama, estarão também presentes, bem como o ministro chinês das Relações Económicas, Fang Yi.

A presença do presidente Mobutu é significativa devido ao encerramento há mais de um ano da principal via de exportações do seu país, o caminho-de-ferro de Benguela, pela guerra civil de Angola.

la. A linha é ainda atacada regularmente por guerrilheiros que se opõem ao Governo angolano.

O Zaire está agora a exportar a maior parte dos seus produtos por via férrea através da Zâmbia e da Rodésia para portos sul-africanos, mas o acesso ao Tazara permitir-lhe-á evitar uma dependência excessiva em relação a uma única rota de saída.

O caminho-de-ferro está já a desempenhar um papel vital no comércio de importação e exportação da Zâmbia que sofre presentemente a sua pior recessão económica em 11 anos de independência.

Os comboios azuis e brancos chineses começaram a transportar cobre, principal fonte de divisas externas do país, para Dar-es-Salam em Outubro passado.

A noite passada o presidente Kaunda deu uma recepção ao vice-primeiro-ministro chinês e aos presidentes africanos visitantes.

Observadores disseram que parecia provável que, com a presença em Lusaca de quatro chefes de Estado africanos desde ontem, a oportunidade fosse aproveitada para efectuar uma cimeira informal sobre problemas da África austral e central.

Caleidoscópio

WASHINGTON, 14 — (R.) — O presidente Gerald Ford voltou hoje à Casa Branca para festejar o seu 63.º aniversário natalício, após assistir a um jogo de basebol em Filadélfia.

Durante o jogo, os 63.974 espectadores cantaram «feliz aniversário», felicitando assim o presidente, a pedido dos locutores.

MANÁGUA (NICARÁGUA), 14 — (R.) — Inundações generalizadas, provocadas por chu-

va torrencial, na costa Atlântica da Nicarágua, deixaram 10.000 pessoas, pelo menos, sem lar e sem alimentos.

MEQUIM, 14 — (R.) — Pi Ting-chun, de 62 anos comandante das forças comunistas concentradas no continente chinês defronte da ilha da Formosa, em poder dos nacionalistas, morreu quando cumpria o seu dever, segundo foi anunciado hoje.

As circunstâncias da morte não foram reveladas, mas ob-

servadores em Pequim conjecturam que poderá ter perdido a vida num desastre.

CALI (COLÓMBIA), 14 — (R.) — Ficaram feridos dez polícias e mais de 150 pessoas foram presas durante confrontos que ocorreram ontem em Cali e na cidade de Bucaramanga, no nordeste da Colômbia, entre guardas e estudantes protestando contra um aumento das passagens nos autocarros revelaram as autoridades.

Espectáculos

Crítica
de
Teatro

CARLOS PORTO

Mágicas são as crianças

As Músicas Mágicas, de Catherine Dasté. Tradução: Márcia Breia. Encenação: Glicínia Quartir. Colaboração: Wanda Ribeiro (coreografia), Paulo Brandão (expressão musical), Carlo Guerreiro (construção de instrumentos). Intérpretes: Alexandre Passos, Augusto Figueiredo, Gilberto Gonçalves, Jorge Nascimento, Luís Lima Barreto, Márcia Breia, Orlando Costa, Raquel Maria. Teatro da Cornucópia.

Teatro do Bairro Alto (às 4.ª-feiras e sábados, pelas 16 horas). Julho 1976.

Há um teatro para crianças. Deve haver? Lemos num livro recente, o seguinte: «Ela (Ariane Mnouchkine) é hoje praticamente a única a manter intacta a exigência de um teatro popular comunicável a todos, abolido em especial a escandalosa dicotomia: teatro para adultos — teatro para a infância.

Um espectáculo do Théâtre du Soleil só atinge total sentido com a presença de muitas crianças» (1).

Na actual situação do teatro, uma proposta deste género é utópica embora possamos considerar que alguns espectáculos, além dos de Mnouchkine, se tenham aproximado desse ideal. Os espectáculos do Théâtre du Soleil são o resultado, aliás provisório, de morosas e difíceis investigações sobre a linguagem teatral: no caso do espectáculo citado («L'Âge d'Or») tratava-se de um trabalho feito sobre a comédia dell'arte e ainda sobre o uso da máscara e a utilização das capacidades acrobáticas dos actores. Aceitando, pois, a escandalosa dicotomia de que fala o crítico francês, podemos, pelo menos, estabelecer, dois princípios: os espectáculos infantis não podem ser indiscriminados, quer dizer, devem responder a diferentes tipos de sensibilização, de acordo com as idades dos espectadores; os espectáculos infantis devem estar maximamente abertos à participação das crianças. Que algumas dezenas de miúdos sigam com toda a compostura um espectáculo que dura uma hora ou mais, talvez seja sinal do seu interesse — talvez seja sinal do contrário.

O espectáculo do Teatro da Cornucópia com a peça de Catherine Dasté — uma das mais cotadas especialistas francesas — coloca-se evidentemente a um nível bastante superior do teatro que se faz para as crianças do nosso país: não é a qualidade que está em questão mas sim a própria concepção do espectáculo. A história de C. Dasté é a história

de uma trupe de circo arruinada: alguns dos seus elementos partem à procura das «músicas mágicas» através dos quais poderão reconstituir o seu instrumento de trabalho. A história leva as personagens a vários pontos do mundo que o cenário e os figurinos sinalizam com humor e engenho (é o aspecto mais interessante do espectáculo). Teria sido possível, parece-nos, fazer participar a miudagem nessa descoberta, pô-los a discutir os sítios onde ir, optar através de uma votação em que os próprios espectadores dissessem onde procurar as «músicas mágicas». Seria, claro, outro espectáculo, visualmente menos rico (porque não se disporia de elementos que definissem os respectivos países) mas, quero crê-lo, de uma outra importância como função lúdica, como expressão de vivências, como catalisador de comunicação.

Eis como vemos o teatro infantil, a ter de existir: partindo



de um texto muito esquemático, de um pré-texto, que serviria apenas como esboço que os pequenos espectadores manejariam a seu bel-prazer. Parece-nos que algumas das técnicas utilizadas por Augusto Boal podiam ser aplicadas com proveito no teatro para crianças. Referimo-nos em especial àquelas que Boal chamou respectivamente Dramaturgia Simultânea, Teatro-Imagem, Teatro-Debate. Qualquer destas técnicas implica a participação dos espectadores e representa um esforço possível no sentido de transferir para o público os meios de produção teatral, como diz o artista brasileiro. No caso das

crianças, seria, mais modestamente, um meio de fazer do teatro infantil um jogo que correspondesse à necessidade criativa das crianças, à necessidade inata das crianças de estarem em jogo (e não se limitarem ao papel passivo de espectadores).

Pouco à vontade nos momentos em que imitam os artistas de circo, os actores do Teatro da Cornucópia, com Augusto Figueiredo e Orlando Costa à frente, procuraram dentro dos limites do espectáculo ir até junto do público, estar com ele.

(1) Alfred Simon — «Les Signes et les Songes» — Ed. de Seuil.

PUB

ASSOCIAÇÃO DE PEQUENOS E MÉDIOS COMERCIANTES DOS CONCELHOS DO BARREIRO E MOITA

Sede: Rua Aguiar, 212 — Barreiro — T. 2073113

CONVOCAÇÃO

Nos termos da alínea B do art.º 52 dos estatutos desta Associação convocamos a Assembleia Geral para reunir dia 19 de Julho, pelas 21.30 horas, na nossa sede com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Eleição dos corpos gerentes para o biênio de 1976/77

Barreiro, 5 de Julho de 1976

A Comissão Organizadora

Guerra Junqueiro levado à cena pela Casa da Comédia

O Grupo de Trabalhadores de Teatro da Casa da Comédia prepara para breve a estreia de uma recolha de textos de Norberto Barroca e José Raymond a partir de «A Velhice do Padre Eterno», «A morte de D. João», e «Pátria», a que deu o nome de «Horas de luta», baseado na obra de Guerra Junqueiro.

Com este trabalho, o grupo procura transpor para o palco uma fase de agitação social na vida do poeta, coincidente com a queda da monarquia e o advento da Primeira República.

O Grupo de Trabalhadores de Teatro da Casa da Comédia, que apresentou «Os encantos de Medeia», de António José da Silva (o judeu), integrado numa campanha de dinamização junto dos estudantes, levou entretanto a cabo uma digressão por várias localidades da margem sul do Tejo. Como seus objectivos, define: divul-

gar textos portugueses que reflectam uma consciencialização sociopolítica da nossa História ou que estejam directamente ligados às raízes mais puras da nossa cultura; construir tanto quanto possível desde a base, e em trabalho de grupo, os seus espectáculos (recolha de textos, dramatização, encenação, cenografia, cabeleiras e adereços, composições musicais, etc.) para uma partici-

pação mais profunda e mais viva ao serviço do teatro e da literatura portuguesa; descobrir e desenvolver as capacidades de expressão artística, nas crianças dos 7 aos 12 anos, para o que orienta e motiva uma oficina no Infância Popular do Bairro, em colaboração com o clube de Teatro Casa da Comédia, com artes plásticas, fantoches, iniciação musical e jogo dramático.

Ataque a Entebbe: um filme e um livro

As casas editoras e as firmas cinematográficas americanas não perdem tempo e exploram a actualidade sempre que esta tem foros de sensacionalismo.

Cinco dias após a operação realizada por uma unidade israeliana em Entebbe, já a Universal Pictures anunciava que tal operação será filmada, e a obra intitular-se-á «Rescue at Entebbe». O filme será realizado por George Roy Hill. Por sua vez, a editora Bantam

Books, de Nova Iorque, vai lançar um livro que relata os factos ocorridos em 3 e 4 de Julho no aeroporto ugandês. A redacção da obra foi confiada a Uri Dan, correspondente militar do jornal israeliano «Maariv», e a William Stevenson, autor do «best-seller» «Um homem chamado Intrépido». O livro estará à venda a... 19 de Julho.

© («Le Monde»)

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
E COMO ADJUDICATÁRIA
BAYER PORTUGAL, S.A.R.L.
(Telefone 4 21 94)

AVISO

Campanha de desinfestação e desratização no interesse da Saúde Pública deste Concelho

- Os produtos insecticidas e raticidas utilizados nesta campanha são completamente inofensivos para pessoas e animais domésticos, durante ou depois da sua aplicação tal como efectuada pelo pessoal especializado da firma adjudicatária.
- Os produtos e métodos estão aprovados pela Organização Mundial de Saúde e pelas autoridades portuguesas competentes.
- Peça-se à população deste Concelho, no seu próprio interesse que não danifique ou retire os postos de desratização que estão devidamente sinalizados.
- Solicita-se ainda à população que colabore nesta campanha informando os serviços da adjudicatária ou da Câmara, dos locais onde ocorram infestações de moscas ou ratos dentro das áreas objecto dos contratos entre a Câmara Municipal de Sintra e a adjudicatária.

NEO-ARTO
P da ESPANHA (metro PALHAMA) Tel. 77 09 69

grupo 4

O CÍRCULO
DE GIZ
CAUCASIANO



Todas as noites
às 21 e 15
Sábados e domingos
às 15 e 30 e 21 e 15
Descanso à 2.ª feira

SOCIEDADE «ESTORIL»

LINHA DE CASCAIS

AVISO

CARTAZ HORARIO H 38

Por motivos técnicos imperiosos, a partir do dia 13 de Julho (noite de segunda para terça) e até aviso em contrário, são suprimidos os comboios n.ºs 18 e 15, com partida de Cascais às 4 horas e de Cais do Sodré, às 4.30 horas, respectivamente.

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

PROGRAMAS: OS QUE VÊM E OS QUE NÃO VÊM

Prossegue a manobra. Que o mesmo é dizer, prossegue o escândalo. A Televisão Portuguesa está a perder todo o crédito, junto do povo português. Melhor dizendo: está, dia após dia, a aumentar o seu descrédito.

A dança das rubricas teve ontem mais um episódio no seu já longo folhetim. Anunciada uma discussão sobre a imprensa regional, ela não veio por impedimento de elementos que nela participariam. Para substituí-la, uma produção da UNESCO: «Guerra à Guerra».

Achamos altamente louvável esta preocupação da RTP de participar na grande luta pela paz, na tal guerra à guerra. Achamos que a mesma RTP desencadeasse desde já uma guerra à desordem da sua programação. Urgente, meus senhores, urgente ponham a casa em ordem.

Nestas coisas, como em todas as coisas, há responsáveis. A quem pertence a responsabilidade de tudo o que está a acontecer na Televisão Portuguesa? Será que, à falta de falarmos da responsabilidade de pessoas, teremos de falar da irresponsabilidade da organização — ou da desorganização — se preferem?

O certo é que o pagode continua e ninguém lhe põe cobro. Sucodem-se as rubricas substituídas, sucedem-se as rubricas substituidoras. E não se sabe por que artes de berliques e berloques num programa de António Vitorino de Almeida, pronto para ir pró ar há loooooongas semanas, continua na prateleira...

Terá ido ao ar?

É tempo de mudar de vida, meus senhores. A gente assim não se governa.

LETRAS COM TODOS

A propósito de negritude, os dois intelectuais conversam. Conversam amavelmente. Astemáticas, as problemáticas, e por aí adiante, tão contentes de estarem ali a conversar... Luta de classes e tudo. Coisa em bom.

Já agora, porque não ficaram os dois intelectuais amavelmente conversando à mesa do café ou no bar da Faculdade? Para quê tamanha exibição no trapézio voador diante de dois milhões de pessoas incapazes de lhes apreciar as cambalhotas?

Tempo perdido, meus senhores. Pena. A Gulbenkian talvez lhes cedesse uma sala...

TOMÁ LÁ FOTO

Plenário da Intersindical a que a Imprensa responsável deu a devida importância. E o caso não era para menos. Estava — e está — em causa o futuro de milhões de trabalhadores deste País.

A Televisão disse, a propósito, meia-dúzia de palavras descoloridas. Com a amabilidade de as fazer acompanhar de duas fotografias.

Não é uma Televisão: é a simpatia em pessoa. Daqui proponho um jogo à Intersindical: convidem para orador, numa das próximas sessões, um representante da CAP — o Aguiar, o Meneses ou outro que apareça muitas vezes. Há-de ver que a Televisão man-

da câmara solícita.

Jogo absurdo? Para a Intersindical, sim. Para a Televisão, não.

SOBRE A GUERRA

Já dissemos: o filme para substituir o «confronto» chamava-se «Guerra à Guerra». Fabricado pela UNESCO e estragado pela RTP. Sem palavras, longamente sem palavras (desnecessárias, acredito) e com descuidos técnicos do locutor — coitado também ele apanhado na ratoeira da desorganização...

Filme comprido mas não suficientemente esclarecedor, sobre as causas das guerras, em geral, e sobre as duas últimas, em particular. Da autoria da UNESCO, organismo internacional, de que participam uma data de nações capitalistas, não se encontrava muito à vontade para determinar o inimigo. Porque já não basta apontar os crimes, os horrores do fascismo: importa dizer que esses são os horrores do capitalismo. Nos bairros de Nova Iorque, Chicago, Tóquio, Londres, Paris, Berlim Ocidental — continua a fome, a tortura, a degradação, o crime dos campos de concentração. O desemprego, o racismo, a prostituição, etc., etc. são outras maneiras de fornos crematórios. Apenas a fogo mais lento. Mas as razões e a crueldade são as mesmas.

A propósito dos países africanos, e outros altamente subdesenvolvidos foi dito — e bem — que muitos deles não possuem sequer o indispen-

sável para viver. Certo. Faltou só dizer o nome do culpado: o colonialismo, o capitalismo internacional, o imperialismo. Este é o grande inimigo da libertação dos povos. Nenhum povo conseguirá jamais libertar-se conservando-se, ao mesmo tempo, na dependência do imperialismo. A natureza do imperialismo não é ajudar: é explorar. São ilusórios quaisquer «auxílios desinteressados» do imperialismo, pela simples razão de que o imperialismo não é uma associação de beneficência. Quem lhe pedir emprestado, paga. Paga e com juros.

O imperialismo oferece técnicos de gestão capitalista e nunca de administração socialista.

O imperialismo oferece obra feita, não ensina como fazer.

O imperialismo oferece material de guerra, não oferece tractores, debulhadoras, guindastes, teares, charruas.

Hoje, isto não se pode deixar de dizer quando se pretende fazer guerra à guerra. Combater a guerra é combater o imperialismo. O resto são flores. Na campina.

P.S. Permitam-me que transcreva, sem as gralhas verificadas, o último parágrafo da minha crónica de ontem: *Como se vê, no Telejornal não se perde a ocasião de lançar, por interposta pessoa, o veneno anti-soviético. Cia, cia!, dir-lhe-á o marinheiro sensato e conhecedor dos escolhos.*

Assim vale. — M. C.

Hoje



«The Sweeney»

I. PROGRAMA

17.45 Abertura e Transmissão directa da cerimónia da posse do Presidente da República.

20.00 Educação Permanente.

20.15 Vamos Jogar no Totobola — prognóstico para o próximo concurso.

20.30 Telejornal — 1.ª edição.

21.05 «Estranho Jogo» («Drole de Jeu») — um filme realizado por Pierre Kast com Maurice Garrel, Barbara Laage, Michèle Girardon, Edith Garnier, Ursula Kubler e Rémy Longa. Ano de produção: 1967.

23.05 Telejornal — 2.ª edição. Inclui o resumo filmado da etapa do dia da Volta à França em Bicicleta.

23.25 Fecho.

II. PROGRAMA

20.00 Abertura e «O Mundo de Wood House» — série filmada.

20.25 Perspectiva. Programa dedicado às Artes Plásticas.

20.50 «Sweeney» — série filmada. Com John Thaw no episódio «Sábado à Noite». Para impedir a fuga dos assaltantes de um banco, Regan é chamado pela Brigada que descobriu o assalto em curso.

21.45 Telejornal.

22.15 Sabe o que há no Palácio da Ajuda? — programa apresentado e realizado por Rui Ferrão

23.10 Fecho.



DESTAQUES

I PROGRAMA

«Estranho Jogo» (21.05)

II PROGRAMA

«Sweeney» (20.50)

Amanhã

I. PROGRAMA

19.00: Abertura e Naika e Barba Papa — rubrica apresentada pelo Dep. Programas Juvenis e Infantis; 19.25: «Segredos do Mar Vermelho» — série filmada; 19.55: TV Peko — actualidades teatrais por Igrejas Casero; 20.30: Telejornal — 1.ª edição; 21.05: Momento Político — com o enq.º Tito de Morais, secretário de Estado do Emprego; 21.35: História dos Jogos Olímpicos; 22.40: Telejornal — 2.ª edição que inclui o resumo filmado da etapa do dia da Volta à França em Bicicleta; 23.05: Fecho.

II. PROGRAMA

20.00: Abertura e série filmada «A Mulher Vestida de Branco»; 20.25: E Em Toda a Parte Aprendemos... Palácio da Bolsa. Um dos principais monumentos da cidade do Porto e a sua importância comercial. Realização de Adriano Nazareth; 20.50: O Caso Rosenberg (II parte) — «O Julgamento». Uma peça de Alain Decaux na tradução e adaptação de Vitor de Carvalho. Cenógrafo: António Casimiro. Realização de Oliveira e Costa; 22.10: Telejornal; 22.40: Fecho.

«TRÁS-OS-MONTES»

5.ª SEMANA

Um filme a cores de António Reis e Margarida Cordeiro, interpretado pelos habitantes de Trás-os-Montes.

Em exibição no cinema Satélite, de 2.ª a 6.ª feira — sessão às 19 horas.

50% de desconto para estudantes.

Apoiado pela Direcção Geral de Acção Cultural.

NATURA

FOI POSTO A VENDA O N.º 262
REFERENTE A JULHO

Se deseja evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinala já esta utilíssima revista da Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos seus ensinamentos recuperais mais bem-estar e alegria de viver.

Director e Proprietário: Dr. Indiveri Colucci.

Do sumário destacamos os seguintes artigos:

- Política Pró-Saúde e Interesses contra a Saúde
- Que o silêncio se quebre, com o reconhecimento oficial da Escola Naturopática
- Apoio Oficial à Naturopatia em Espanha
- Nemesis Médica (A Expropriação da Saúde)
- Uma campanha que prossegue
- De novo a grave questão das Afeções Reumáticas
- Brutal «Tratamento» das crianças agitadas
- Acidentes de trânsito e terapêutica Natural
- A sua Saúde depende do estado dos seus pés
- Eto., etc.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a esta administração:

Rua Antero do Quental, 35, 1.º, Dt.º (ao Intendente)
Telef. 55 64 98

Assinatura Anual, 180\$00; Semestral, 80\$00

Estrangeiro e Ultramar, 250\$00. Número Avulso, 17\$50

SE ADQUIRIR UM NÚMERO A TÍTULO DE EXPERIÊNCIA FICARÁ LOGO NOSSO ASSINANTE

PALMA DE MAIORCA

AGORA
VÓOS ESPECIAIS
DIRECTOS
TAP

1 SEMANA

PARTIDAS:
Julho 14, 21, 28
Agosto 4, 11, 18, 25
Setembro 1, 8, 15, 22

Preços excepcionais desde *

3.420\$

* a vantagem dos vossos especiais

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Seta, 2 • Telef. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telef. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

1 SEMANA EM PARIS

PARTIDAS (avião especial TAP):

Agosto: 3, 10, 17 e 24

Preços excepcionais desde *

5.490\$

* a vantagem dos vossos especiais

abreu

fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Seta, 2 • Telef. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telef. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

II FESTIVAL DE MÚSICA

DA COSTA DO SOL

QUINTA-FEIRA, 15 DE JULHO DE 1976—AS 21.30 H.

CINE-TEATRO S. JOSÉ — CASCAIS

ALVARO SALAZAR ■ Maestro

HELENA SÁ E COSTA ■ Piano

ORQUESTRA DO T. N. DE S. CARLOS

PROGRAMA: STRAVINSKY — Suite n.º 2

MENDELSSOHN — Concerto n.º 1 para piano

J. FRANÇAIX — Concertino para piano

DEBUSSY — Ibéria

PREÇOS A: 20\$00 e 30\$00

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 12-B - Rua Macau, 8

Desporto

A FORMOSA EXCLUÍDA DOS JOGOS

Atletas de Taiwan participam com as cores da bandeira olímpica

A Assembleia Geral do Comité Olímpico Internacional COI aprovou esta noite uma decisão do seu Comité Executivo pedindo à Formosa para não competir como República da China nos Jogos Olímpicos que se iniciam no sábado.

Ao abrigo do proposto compromisso, esclareceu Lord Killanin, presidente do COI, a Formosa não competirá sob nenhum nome, nem República da China nem Formosa.

O Comité, disse Lord Killanin, condenou unanimemente o governo canadense pela sua decisão de não permitir a entrada dos atletas formosinos como representantes da República da China.

A delegação deve dar ainda hoje uma resposta à sugestão do COI sugerindo a sua participação sob bandeira olímpica.

Os atletas da Formosa aceitarão participar nos Jogos Olímpicos de Montreal desfilando com a bandeira olímpica — declarou ontem um membro da Comissão Executiva do Comité Olímpico Internacional.

«Os representantes da Formosa não têm outra alternativa. A ausência seria contrária aos seus interesses e desfilarem sob a bandeira dos cinco elos olímpicos colocará a seu lado a opinião pública mundial» — acrescentou o informador.

Por seu turno, Henry Hsu, re-

presentante da Formosa no COI, disse:

«Os nossos atletas vieram para participar nos jogos e esse é o nosso desejo. Agora esperamos saber quais são realmente as condições».

Entretanto, o congresso da Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA), que abriu terça-feira na presença de Lord Killanin, presidente do COI rejeitou o pedido de readmissão da Formosa. Em 1974 em Porto Rico a FIBA decidiu, efectivamente, admitir a China Popular, excluindo automaticamente, de membro a Formosa em virtude dos representantes de Pequim não aceitarem sentar-se à mesma mesa.

Os países africanos ainda não tomaram decisões quanto à sua atitude nos jogos de Montreal.

Durante uma reunião celebrada terça-feira com a presença dum comissário da Organização de Unidade Africana preferiram aguardar a decisão do COI acerca da Formosa antes de se pronunciarem por sua vez.

Segundo uma fonte chegada ao Conselho Superior do Desporto Africano, o enviado da OUA seria portador duma mensagem recomendando os países africanos que deixem os jogos para protestar contra

a presença da Nova Zelândia.

Entretanto Bill Holley, responsável pela delegação neozelandesa, que compreende 87 atletas, exprimiu a esperança de que as coisas se arranjam e que seja posta de parte a ameaça dos africanos de boicotar os Jogos Olímpicos antes mesmo que comecem. «Li nos jornais que Tanzânia não viria. Mas a sua desistência não foi anunciada oficialmente. Portanto, ainda é possível que os tanzanianos venham a Montreal. Faço votos que todos os países inscritos venham. Pela nossa parte, não retiraremos voluntariamente.

RAINHA ISABEL INAUGURA OS JOGOS

A rainha Isabel II, da Inglaterra, iniciou uma visita de treze dias ao Canadá, durante a qual inaugura os Jogos Olímpicos.

Vinda dos Estados Unidos no iate real «Britannia», Isabel II chegou à Nova Escócia num dia de nevoeiro, acompanhada pelo príncipe consorte, Filipe de Edimburgo.

RETIRA-SE UM JAPONÊS CANDIDATO A MEDALHA

Os ginastas japoneses sofreram um duro golpe: o campeão do mundo Shigeru Kasamatsu

foi hospitalizado em Montreal para submeter-se a uma operação do apêndice.

O Japão perde, assim, um dos seus mais seguros aspirantes a uma medalha de ouro.

O abandono do campeão do mundo debilita, ainda, fortemente o Japão na prova por equipas, e precisamente num desporto que, para os japoneses, conta ainda mais do que a Natação ou o Atletismo para os norte-americanos.

Os japoneses, devido à hospitalização de Kasamatsu, dispõem somente de seis ginastas, querendo isso dizer que nenhum deles se pode lesionar se o Japão quiser alinhar com uma equipa completa.



Os atletas portugueses já se encontram no Canadá prontos a darem a sua colaboração nos Jogos Olímpicos. Dois deles, Carlos Lopes e Fernando Mamede seguiram acompanhados das respectivas esposas (na gravura).

CICLISMO: VOLTA A FRANÇA

Bracke ganhou o contra-relógio Martins subiu ao 12.º lugar

Ferdinand Bracke, embora todos saibam, há muito tempo, que ele é um dos melhores especialistas do contra-relógio da sua época, causou uma certa sensação ao impor-se, não só ao seu compatriota Maertens mas a todos os favoritos do «Tour» na 17.ª etapa disputada entre Fleurance e Auch.

Nesta tirada, o belga Van Impe, demonstrando ter-se recomposto dos esforços que desenvolveu nos Pirenéus, assegurou a 4.ª posição a 51 segundos de Bracke, ganhando tempo a todos os seus adversários mais directos.

Outro facto a assinalar: Poulidor, 6.º da etapa e primeiro dos franceses, subiu um lugar na classificação geral, trocando com o italiano Riccomi. Por outro lado o «decano» da volta recuperou 1.45 em relação a Delisle de quem o separaram apenas 30 segundos. Entre os dois franceses o terceiro lugar irá decidir-se certamente na escalada do Puy de Dome.

Finalmente Zoetemelk, embora a contas com um furúnculo que praticamente não o deixa tomar posição no selim, realizou uma boa prova (10.º lugar a 2.06 de Bracke) mas concedeu, mesmo assim 1.55 ao camisola amarela, cuja margem de segurança é agora de 4.33.

De assinalar, ainda que Maertens teve a arrelia de um furo logo no início da prova, o que lhe custou pelo menos o 2.º lugar na etapa, conquistado pelo roldador norueguês Knut Knudsen, batido entretanto por Bracke apenas por 8,2/10.

Thevenet não conseguiu melhor do que o 40.º lugar nesta tirada. O vencedor de 1975, que rivalizou o ano passado com Merckx, neste mesmo percurso, gastou mais 4.33 do que Bracke para cobrir os 38,750 km.

Mais longa 1350 metros em relação ao traçado de 1975 mas conservando todas as dificuldades tradicionais, designadamente uma subida particularmente dura a 11 quilómetros de Auch, esta corrida foi muito menos rápida do que há um ano. Merckx realizou nessa altura uma média de 45,137 km/h Bracke rolou hoje a 43,315 km/h. Desta vez, porém, a prova disputou-se já com as posições bem definidas, ao passo

que no ano passado situou-se logo na primeira semana da volta.

Quando o camisola amarela, muito aplaudido, concluiu a sua prova, o veterano corredor belga (37 anos festejados em Maio) compreendeu enfim que tinha ganho e deu livre curso às lágrimas. Lágrimas de alegria que marejaram igualmente nos olhos do seu director desportivo, o antigo campeão de França Henri Anglade.

A classificação da etapa: 1.º Bracke, (Belg.), 52.41,6; 2.º Knudsen (Nor.) 52.49,8; 3.º Maertens (Belg.) 52.52,2; 4.º Van Impe; (Belg.) 53.32,9; 5.º Pollentier (Belg.) 53.42,4; 6.º Poulidor (Fr.), 53.45; 7.º Pronk (Hol.) 54.06,3; 8.º Bertoglio; (It.) 54.03,5; 9.º Pesarrodona (Esp.), 54.33,9; 10.º António Menen-

dez (Esp.). 54.33,9; 11.º Zoetemelk (Hol.), 54.47,9; 12.º Hazard (Fr.) 54.50,6; 13.º Vercelli (It.), 54.53,3; 14.º Legeay (Fr.), 54.53,9; 15.º Viejo (Esp.) 54.55,8; 25.º Martins (Port.) 56.05,6.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

Classificação geral individual, após a 17.ª etapa: 1.º Van Impe (Belg.) 88h 28.06; 2.º Zoetemelk (Hol.) a 4.33; 3.º Delisle (Fr.), a 11.25; 4.º Poulidor (Fr.) a 11.55; 5.º Riccomi, (It.) a 11.57; 6.º Pollentier (Belg.) a 13.03; 7.º Maertens (Belg.) a 13.28; 8.º Galdos (Esp.) a 14.20; 9.º Bertoglio (It.) a 14.24; 10.º Pesarrodona (Esp.) a 15.46; 11.º Lopez-Carril (Esp.) a 17.41; 12.º Martins (Port.) a 18.07; 13.º Panizza (It.) a 18.09; 14.º Ocaña (esp) a 19.57; 15.º Bellini (It.) a 22.03.

FUTEBOL: DIVISAS EM QUESTÃO

Mortimer vai assinar Alves continua à espera

Enquanto o inglês Mortimer se prepara para assinar contrato de trabalho com o Benfica, como preparador principal das suas equipas de futebol, resultando daí uma considerável saída de divisas do País, o futebolista profissional João Alves, do Boavista, continua a aguardar a revogação de uma portaria que o impede de se transferir para Espanha, transferindo com isso, para Portugal, uma mão cheia de milhares de contos em divisas estrangeiras.

O próprio futebolista das luvás pretas e menino bonito dos que gostam de ver no meio campo alguém com arte, subtilidade e técnica, acaba de acentuar, em declarações a um jornal desportivo, que a transferência a efectuar-se será a contento de todos: o homem, o clube e o País. Numa altura destas, efectivamente, talvez sejam superiores em termos globais as vantagens da entrada de divisas do que as desvantagens da saída de um dos melhores, se não o melhor, dos profissionais da selecção nacional de futebol.

Alves esteve ontem em Lis-

boa para tratar da questão junto do Sindicato e continua a alimentar esperanças de que seja revogada a parte da portaria que impede a transferência. Segundo a disposição contrária, os jogadores profissionais não podem sair do País, nem autorizados pelo clube, antes de terem cumprido três anos na mesma entidade profissional. Ora, há contratos de trabalho por períodos inferiores a três anos...

O BELENENSES NA SUÉCIA

A equipa profissional do Be-lenenses encontra-se em Gotemburgo, na Suécia, aguardando o jogo de sábado em Vaxjo com o Oesters seu parceiro de série na Taça Intertoto.

Há vários elementos ainda lesionados, em resultado do encontro anterior, que venceram, nomeadamente Freitas, Quaresma, Vasques e Gonzales. Os dois primeiros devem estar em ordem no dia do jogo enquanto a recuperação dos dois últimos é mais problemática.

CONCURSO DO TOTOBOLA DÁ UM AUTOMÓVEL... E DOIS MILIONÁRIOS ESTA SEMANA + UM TOYOTA COROLLA



Nem tudo o que acontece na vida é, naturalmente, obra de surpresa. Ou ainda será surpresa que o Totobola, no concurso de domingo passado (o n.º 45), tenha feito mais dois milionários e haja oferecido um automóvel «Toyota Corolla 1200»?! Este coube a uma simpática premiada — MARIA ANTÓNIA PEREIRA — de 26 anos de idade e residente no Laranjeiro (foto acima documentando o momento em que o carro entrou na sua posse) que nos confidenciou que o automóvel vai servir (em parte) de suporte económico para o seu casamento. Aos nossos leitores lembramos que o Totobola oferece mais três carros iguais nos três próximos e últimos concursos desta época.

Dois milionários e não um como chegou a anunciar-se. Efectivamente no concurso 45 houve dois concorrentes que acertaram os treze símbolos da «chave», embora só um fosse detectado no escrutínio. Ambos solicitaram o anonimato: um com apostas simples e outro com apostas múltiplas, foram surpreendidos (surpresa agradável, portanto) com mais de 1 050 contos na algibeira (prémio provisório, claro!) que lhes serão entregues decorrido que seja o prazo de reclamações. O de apostas simples reside em Linda-a-Velha e apenas permitiu que se diga que tem 42 anos, casado, duas filhas e é empregado de escritório (sem emprego, neste momento); o outro, o que jogou com um sistema de 256 apostas múltiplas, reside em Gondomar e tem direito ao valor de mais oito «dozes». O prémio individual dos «dozes» (109) é de dezanove contos — nada mau!

Nacional

Reitores reuniram-se nos Açores

Regressou ontem ao princípio da tarde, a Lisboa, o director-geral do Ensino Superior, prof. Armando Rocha

Trindade, que presidiu, nos Açores, à reunião periódica dos reitores e directores dos estabelecimentos daquele grau

de ensino do País, a qual se destina a discutir problemas de organização e política universitária, relacionados com o Ensino Superior e Investigação Científica.

Participaram na reunião os reitores e directores da Universidade Nova de Lisboa, Universidade do Minho, Universidade de Aveiro, Instituto Universitário de Évora e Instituto Politécnico da Covilhã.

Em declarações à ANOP, à chegada, o prof. Rocha Trindade começou por referir que a região açoriana fora escolhida para a reunião porque o seu Instituto Universitário é «a mais nova instituição do Ensino Superior do País já em funcionamento».

Prosseguindo, disse: «Foram tratados uma série de pontos relativos à política geral do Ensino Superior, foi feita uma visita bastante completa ao Instituto Universitário dos Açores, e houve um contacto com as instituições e pessoas que vão trabalhar em directa colaboração com o Instituto, através de programas de desenvolvimento comum.»

O director-geral do Ensino Superior citou, a propósito, a instituição denominada Plano Pecuário dos Açores: «Um plano extremamente ambicioso, do desenvolvimento das potencialidades agro-pecuárias da região, com um papel directo de intervenção no Instituto Universitário, em colaboração e apoio ao mesmo.»

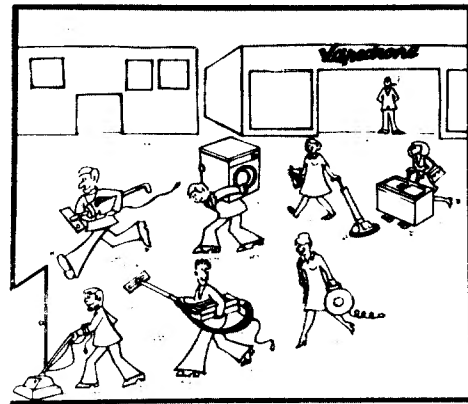
Disse, depois, que «o resultado da visita é extremamente positivo», tendo ficado perfeitamente convencido que o «Instituto Universitário dos Açores tem excelentes potencialidades para arranque e estabilização, tendo os responsáveis da Comissão Instaladora e as populações compreendido plenamente que se trata de uma Universidade com um sentido novo:



UMA NOVA BASE — a nova «BASE TEINANTE» (FILTRANTE) de «GUERLAIN»; ligeira, fluida, transparente; a «BASE TEINANTE» maquilha de maneira natural, dando ao rosto luminosidade e cor saudável. Filtrante, esta base de «GUERLAIN» deixa passar as radiações que douram a pele e é ainda uma protecção invisível contra os efeitos nocivos do sol — uma causa de envelhecimento. (EXISTE EM CINCO CORES)

GRANDE CAMPANHA DE TROCAS

Vapedrone



sensacional

Trocamos qualquer máquina de lavar roupa, mesmo estragada pela sensacional Hoovermatic !

A Hoovermatic lava seis quilos de roupa em oito minutos !
A sua velha máquina de qualquer marca vale dinheiro na troca!

Aproveite esta grande campanha de trocas
Hoover/Vapedrone

VISITE-NOS EM LISBOA:

- VAP 1 - Rua da Vitória, 54
- VAP 2 - Rua D. Estefânia, 26
- VAP 3 - Av. Almirante Reis, 82-A

DEMONSTRAÇÕES HOOVER NA VAP 2 - R.D. ESTEFÂNIA, 26

1 mesa com tampo de vidro Ø 100 e estrutura cromada - 4 cadeiras de encantar com estrutura cromada, assento e costas em poliéster transparente

5.787s

Mesa "STAND" de 90 x 60 estrutura em aço cromado tampo em termolaminado branco. Cadeira com estrutura de aço cromado assento e costas em napa - 3 cores

1.764s

Beliche ou 2 camas 80 x 190 com escada, espaldar, estrado de rede em estrutura de aço. Sofá + cama com estrado de rede e estrutura em aço pintado.

3.906s

9.050s

ESTÚDIO PARA JOVENS
1 guarda fatos com 2 portas; 1 escrivaninha
1 base com 2 portas - 1 mesa cabeceira
1 cama com 3 lados de 90 x 190

QUARTO DE CASAL
Guarda fatos com 3 portas - toucador
mesa de cabeceira - cama de 140 x 190 revestimento em poliéster

12.429s

MOVEL LIVING (2.56x2.26)
Cristaleira electrificada bar. box TV.
3 armários com portas
2 gavetas e 3 gavetões

23.220s

CANDEIROS DESDE **427s5**

Maples revestidos em veludo com estrutura cromada
Mesa de centro rectangular com estrutura cromada e tampo de vidro fumado. 117x55

1.890s

Conjunto triplico com 3 mesas de apoio, estrutura cromada e vidros esfumados

2.032s

2.232s

2.025s

MINI-PREÇOS

3K
MÓVEIS

LISBOA
Rua D. Estefânia, 47 Telef. 53 97 89
PORTO
Rua de Camões, 215 - 223 Telef. 2 34 98
Rua Dr. Alfredo Magalhães, 5 Telef. 2 34 98

ATENÇÃO Este material é, exclusivamente vendido nas nossas Filiais aqui indicadas.

Geral

M.C.S. compra biblioteca de Carlos Ferrão

O ministro da Comunicação Social foi autorizado por decreto-lei, a celebrar um contrato de compra dos livros que constituem a biblioteca do jornalista Carlos Ferrão, pela importância de 600 contos, a qual ficará patrimonial do M.C.S. e será designada por Biblioteca Dulce Ferrão, por vontade expressa do seu possuidor, em homenagem à sua defunta mulher.

A biblioteca engloba obras raríssimas: edições *princeps* de quase todos os nossos autores que escreveram a partir da segunda metade do século XIX, enciclopédias, dicionários, história de Portugal, filosofia, literatura portuguesa antiga, etc.

O preâmbulo do diploma refere que é, contudo, na parte política que a biblioteca constitui obra rara, se não mesmo única no nosso país: abrange todo o período dos finais da monarquia e história da República, constituindo um repertório de quase toda a literatura política escrita sobre Portugal.

Escultura de Gordillo

Na Galeria Gordillo, à Rua Nova de S. Mamede, 17-A, está patente ao público uma exposição de escultura do artista Alberto Gordillo. Pode ser visitada todos os dias úteis, das 11 às 14 e das 15 às 19 horas, até 31 do corrente.



1.º PROGRAMA

15.00: Noticiário na tarde; 18.00: Resumo do programa — música portuguesa; 19.00: Cultura e actualidade, por Luís Pereira de Sousa; 19.30: Música variada; 20.00: «Jornal da Noite»; 20.30: Melodias; 21.00: Contraponto; 00.00: «Último jornal» as Olimpíadas através dos tempos; 00.30: Jazz; 01.00: «Música na noite».

2.º Programa

16.30: Selecção da ópera «Kowantchina», de Mussorgsky; 17.25: Música de câmara: Quinteto em fá menor, para piano e quarteto de cordas, de César Franck; 18.05: Um poema sinfónico: «Uma Voz no Deserto», de Ernst Bloch; 18.34: Transcrições pianísticas de Liszt: fantasia sobre temas da ópera «D. João», de Mozart, Coro das Fiandeiras, da ópera «O Navio Fantasma», de Wagner; 19.00: Música do século XX: Noite transfigurada, de Schomberg; Suite de bailado «Retrato de D. Quixote», de Petrassi; 20.00: Pequenas obras de grandes compositores: Marcha Turca, de Mozart; Nocturno n.º 4 em fá maior, op. 15 n.º 1, de Chopin; Fuga em lá bemol maior, de Brahms; Peça em forma de Habanera, de Ravel; Largo, de Haendel; 20.30: Quinteto em si bemol maior, op. 34, de Weber; 21.00: Música de cena: O Martirio de S. Sebastião, de Debussy; 22.20: A sinfonia n.º 7 em lá maior, op. 92, de Beethoven; 23.00: Intercâmbio musical: intérpretes polacos — em gravações cadidas pela Radiodifusão Televisão Polaca: «Amor e vida de uma mulher», ciclo de «lieder», op. 42, de Schumann; 23.25: Música sinfónica: concerto em mi menor, de Mendelssohn; Morte e Transfiguração, de Richard Strauss; 00.20: Solos de piano: Sonata n.º 2 op. 39, de Weber; 00.10: Fecho.

3.º Programa Nacional e Regional (294 m)

16.00: «Variante»; 16.15: Casos ao acaso; 17.10: Vamos ao médico; 17.30: Teatro em Variante; 18.00: Contacto; 21.00: Música, só música; 21.30: «Quanto o telefone toca».

3.º Programa Local (187,5 m)

18.00: «Entardecer»; 19.30: Romance duma cidade; 20.00: «Entardecer» Cartas a ninguém; 21.00: Fecho.

4.º PROGRAMA

16.00: Música variada; 17.00: Canções; 18.00: Apenas música; 19.00: Em órbita; 20.00: Noticiário, orquestras; 21.00: Concerto; 22.00: Noticiário, Auditório; 24.00: «Prisma»; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Noticiário; 16.05: Sequência da Trade; 18.00: Trechos seleccionados; 18.15: Palavra do Dia; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Programa da Liga dos Amigos da Rádio; 20.00: Objectivo; 21.00: Espaço musical; 21.30: O Som da Noite; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temassivos; 23.00: Trifónico; 23.30: Textos e Pretextos; 02.00: Encerramento da estação.

gal até hoje.

A venda será feita com reserva de uso da biblioteca até à morte do alienante, que conta 79 anos de idade. A verba será paga em prestações anuais de 60 a 120 contos, até 1981.

Trabalhadores da "República" rejeitam propostas do M.C.S.

Numa carta enviada ao Conselho da Revolução, os trabalhadores do jornal «República» responsabilizam «o actual Ministério da Comunicação Social pela forma como os trabalhadores terão de acautelar em segurança os seus potos de trabalho e o seu futuro. De facto, — afirmam — o ministro da Comunicação Social procedeu para estes trabalhadores como se fosse inimigos da liberdade, pretendendo aplicar a trabalhadores verdadeiramente antifascistas medidas de deportação».

A maioria dos trabalhadores recusou a solução de emprego

que lhe foi apresentada impositivamente pelo ministro Almeida Santos. Consideram que os princípios do direito ao trabalho, sendo pois inconstitucionais. O dr. Almeida Santos havia notificado os trabalhadores de que deveriam em curto prazo, assinar um «acordo de rescisão voluntária de contrato», comprometendo-se o ministério a encontrar-lhe colocação. Apenas três trabalhadores aceitaram o despacho do ministro. Todos os outros defendem a reabertura do jornal e publicação do «República» como diário.



tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo o vento era fraco e havia neblina no litoral a Norte do rio Tejo.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS

Máxima 34°

FIGUEIRA DE CASTELO ROD.

Mínima 10°

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO 20°
COIMBRA 20°
PORTALEGRE 25°
LISBOA 24°
FARO 34°
FUNCHAL 23°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

5.58 3,9 m 11.22 1,0 m

18.14 4,1 m 23.51 1,0 m

Dia 15

6.39 3,8 m

18.54 4,0 m 12.01 1,1 m

Dia 16

7.20 3,6 m 0.31 1,1 m

19.35 3,8 m 12.42 1,3 m

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco soprando durante a tarde moderado de Noroeste na Faixa Costeira Ocidental; nevoeiros locais pela madrugada no Litoral a Norte do Cabo Carvoeiro



AMANHÃ

NAScer AS 6.24
OCASO AS 21.01



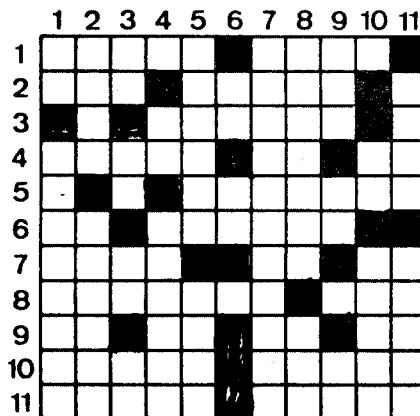
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11 417

HORIZONTAIS:

- Fortaleza. Murcha.
- Arara. Velha.
- Garra.
- Ornamento que os reis medos e persas punham na cabeça. Berilo (s.q.). Idem.
- Insucesso.
- Artigo definido. Nau de guerra.
- Alvo. Atmosfera. Miriara.
- Apareceis. Coragem.
- Érbio (s.q.). Cidade da antiga Caldeia. Apelido. Zomba.
- Pândega. Género de palmeiras muito semelhante ao das que produzem tâmaras.
- Cidade de França. Cures.



VERTICAIS:

- Basta. Clarim.
- Reza. Cortar com serra.
- Rádio (s.q.). Amónio (s.q.). Porco. Distar.
- Grama. Ladrão.
- Recinto fechado junto aos currais para recreio do gado. Lavras.
- Contracção da preposição de com artigo. Artigo definido (ant).
- Obscureceses.
- Aguardar. Fileira.
- Animal doméstico. O sono das crianças. Viração.
- Item. Pena capital.
- Treme. Um dos doze signos de zodiaco.

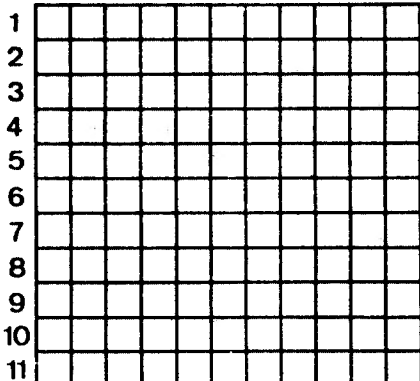
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7577

HORIZONTAIS:

- Vila e conselho do distrito de Faro. Pessoa indolente (fig).
- Irral Luz da Lua.
- Fecho as asas para descer mais depressa. Antiga medida de capacidade. Arara.
- Aqui. Invólucro. Amónio (s.q.).
- Equipar. Olvida.
- Por longe.
- Fechar. Vagueiam.
- Nascimento de um astro. Ilha do Pequeno Belt.
- Medida de superfície. Liga. Oferecer.
- Compaixão. Viração. O mesmo que almoceira.
- Cidade do Japão. Membro de ave.



VERTICAIS:

- Bocado pequeno. Filtrado.
- Preparar com ópio. Enganos.
- Boi selvagem. Nome de planeta.
- Vê. Viatura. Antes de Cristo.
- Pândega. Larva das feridas dos animais.
- Lírio. Prefixo de privação.
- Virar em socorro de alguém. Época.
- Artigo definido (ant.). Estimara. Pertences.
- Transpira. Propaga.
- Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Lavram.
- Fio de latão. Habitas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 416

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- DAS. AGULAS.
- Reno. Rasas.
- Nómad. Sra.
- Ases. Moçara.
- Acusas. Ce.
- Ase. Pa.
- Sm. Tordo.
- Ide. Acém. CD.
- Limto. Baca.
- At. Oregão.
- Rosna. As. Rã.

- NÃO. Vilar.
- Aros. Dito.
- Semeassem.
- NASCEM. Ion.
- Doa. Atra.
- Amar. Coe.
- Ursos. Te. Ga.
- la. POMBAS.
- Assacar. Ao.
- Sarre. DCC.
- Sãa. Rodara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7576

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- Garcia. Apaga.
- Acordaremos.
- Ama. Noa.
- Assolar.
- Aa. Ala. Ca.
- Aviar. Sagan.
- Ló. Arc. Sa.
- Assoava.
- Aso. Ota.
- Destravaram.
- Áreas. Arame.

- Ca. Saale. Dã.
- Aca. Avó. Aer.
- Roma. Asse.
- Irás. Sota.
- Ad. Saras. Rs.
- Ato. Romã.
- Ar. Lasca. Va.
- Pena. Voar.
- Amor. Atra.
- Coa. Cãs. Am.
- As. Banal.

PROVERBIO: Das águas não nascem pombas

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C-1

TODA A NOITE

ALVALADE
Aviz, Avenida de Roma, 56-B/C (Telef. 715370)

ARREIRO
S. Jorge, Largo do Leão, 3-A/B (Telef. 534027)

AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28/30 (Telef. 40536)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (Telef. 312116)

BENFICA
Vitez, Estrada de Benfica, 373-B (Telef. 780548)

BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (Telef. 631958)

CAMPO DE OURIQUE
Lobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (Telef. 688807)

CAMPO PEQUENO
Campo Pequeno, Avenida Júlio Dinis, 10, lojas 18 e 19 (Telef. 771661)

GRACA
Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 31 (Telef. 864351)

LUMIAR
Centim, Rua do Lumiar, 77 (Telef. 790480)

PENA
Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (Telef. 42829)

SANTA CATARINA
Modelar, Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Pogo Novo) (Telef. 603896)

XABREGAS
Grifó, Rua do Grilo, 25 (Telef. 385264)

TURNO C-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Alentejo, Avenida da Igreja, 28-B (Telef. 712682)

ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis, 46-B (Telef. 821653)

AREIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-8 (Telef. 801478); Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12 (Telef. 727721)

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14 (Telef. 41845)

BAIXA
Barral, Rua Augusto, 225 (Telef. 361534-5)

BELEM
Remisio, Rua dos Jerónimos, 14-C (Telef. 631899)

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 578-E (Telef. 702532)

CAMPOLIDE
Central, Rua General Tabor, 17 (Telef. 680304)

MADROGA
Nunes Simões, Rua Queilhas, 1 (Telef. 661275)

PICHELEIRA

Merluz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (Telef. 720703-728395)

OLIVAIS SUL

Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, lote 300 (Telef. 311091)

SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Avenida Ressaio Garcia, 7-A (Telef. 571451)

SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160/162 (Telef. 761035)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 2113953)

CARCAVELOS

Central, toda a noite

S. DOMINGOS DA RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085), até às 22 horas

PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng.º Bonnevillle Franco (Tel. 2435147), toda a noite

NOVA OBRAS

Leal, até às 22 horas

OBRAS

Oeiras, L. Henrique Paiva Conceiro (Tel. 2430485), até às 22 horas

PAREDE

Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204), toda a noite

AMOREIRA

Amoreira, até às 22 horas

ESTORIL

Parque, Arcadas do Parque, (Tel. 1), toda a noite

CASCAIS

Cascais, R. Conde de Monte Real-Bairro Caisas, (Tel. 282407), até às 22 horas; Militariedade, R. Regimento 19,

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marques de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); Campos, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 930072); Clabell, R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551)

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, lote D (Tel. 9710231)

VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17 C (Tel. 974161)

QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045)

CACÉM

Guerra Rico, Aguaiava

MEM MARTINS

Quilma, Est. Mem Martins 285 - (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA

Simões, Estefânia (Tel. 2930832)

COLARES

Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gemeiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 243100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020)

ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 8-B (Tel. 2750242)

BAIXA DA BANHEIRA
A Ilha, Est. Nacional, 178-B (Tel. 2040302)

BARREIRO

Pimenta, R. Cons. Joaquim António Aguiar, 259 (Tel. 2073012)

COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)

MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTUJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 2310156)

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)

SETUBAL

Soromenho, P. Machado Santos (Tel. 22691); Alice, P. do Quebedo (Tel. 23743)

SEIXAL

Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

TURNO 1
Até às 22 horas

Clerigos, R. dos Clerigos, 36 Cruz, R. de Costa Cabral, 1082; Maia, R. do Campo Alegre, 192; Botelho, R. da Alegria, 863; Estácio, R. da Bandeira, 120; Guarani, R. Pedro Hispano, 367; Menezes de Lima, P. Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227; Lida-dor, R. do Lida-dor, 171

TODA A NOITE

Campos, R. Padre Luis Cabral, 943; Foz, Monte dos Burgos, R. do Monte dos Burgos, 802; Aliança, R. da Conceição, 2; Alves Moreira, Av. Rodrigues de Freitas, 167

COIMBRA

NAZARÉ — Rua Ferreira Borges, 135 (Telef. 22605); **SANTA ISABEL** — Av. Sá da Bandeira, 28 (Telef. 24916); **SO-LUM** — Rua Carolina Michaelis, 20 (Telef. 72120)

cinemas

cinemas

cinemas

CASTIL

T. 530194 17.00, 19.00 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos
Sylvia Kristel a 2ª

EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
um filme de Francis Giacobetti

Aviso ao público: este filme contém cenas eventualmente chocantes

IMPÉRIO

T. 555134/5 17.00, 19.00 e 21.15

XIII CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA
Cinema no Feminino

HOJE:
O SOLDADO DAS SOMBRAS

um filme de Jean Luc Godard, com Anna Karina

Não acons. menores 18 anos

POLITEAMA

T. 326305 13.45, 17.15, 19.15, 21.30

Uma comédia em bikini
Não acons. men. 18 anos

MALANDRICES AO SOI
c/ Landro Buzanca

VOX

13.45, 17.15, 19.15, 21.15

Não acons. men. 13 anos

Um espectáculo para toda a família

2ª Semana
O ASSALTO DOS DOBERMANS

CARLOS MANUEL

Tel. 2930394 21.15

Interdito a men. 18 anos

MR. MAJESTYK
Charles Bronson

D. JOÃO V

Tel. 971794 21.15

LA BAMBINA — UMA NOVA FORMA DE AMOR...

S. LUIS

Maiores de 18 anos

18.30 e 21.30

LOLA MONTES
de Max Ophüls

PALACIO FOZ

18.00, 21.00

LILITH E O SEU DESTINO
LILITH

Realização: Robert Rossen (Estados Unidos, 1964)

Interpretes: Jean Seberg e Walter Reilly

Um filme que constitui uma aula implacável contra as trevas e as profundidades

Interdito a menores de 18 anos

CINE-TEATRO LIDO

Lido 21.15

(Int m. 18 anos)

EMANUELE NEGRA

CINESTUDIO

15.30, 21.30

Não acons. m. 13 anos

BOBBY

2ª semana

DANCINGS

MINA — Dancing com atracções, 7-13, (Tel. 364859, 368197). Marta Monica Strip-tease.

CASINO DO ESTORIL — Jogo autor-

izais. T. 264621/264946

CALEIDOSCÓPIO

18.00, 21.15

Um dos maiores filmes da história do cinema

QUO VADIS
com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov, Leo Genn

Um filme de Melvin LeRoy
Não aconselhável a menores de 13 anos

7ª semana

EDEN

T. 320768 13.45, 17.15, 19.15, 21.30

A suprema violência das Artes Marciais

O INVENCÍVEL
com Bruce Lee

Grupo C 914 anos

Hoje às 13.45, 17.15 e 19.15 últimas exhibições do filme

ELENA SIM, MAS...DE TROIA

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

3ª semana enchenes

se todas as mulheres fossem como

A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA

Tinha saído a «sorte grande» a todos os homens

APOLO 70

T. 763319 13.45, 17.15, 19.15, 21.15

Jerry Lewis é

O HERÓI DO REGIMENTO

um filme de George Marshall

Para todos

Hoje às 24 horas: a comédia

NÃO FAÇAS ONDAS
de Joseph Marenchick

Grupo D 918 anos

CASINO ESTORIL

T. 264521 17 e 21.15

OS ESCANDALOS DA CIDADE
c/ Daniel Gelin e Sylvia Kristel

Não acons. men. 18 anos

S. JORGE

T. 554153/4 17.30, 19.30, 21.30

Não acons. menores 18 anos

Um assalto espectacular!

POLÍCIAS E LADRÕES
(Cops and Robbers)

As 17.30, 19.30 Últimas

O MONSTRO DO PANTANO

AVIS

T. 47163 17. 19. 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

TRINITY COW-BOY INSOLENTE

com Terence Hill, Bud Spencer

ESTÚDIO

T. 555134 17.00, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

INSÓLITO DESTINO

Um filme de Lina Wertmüller

4ª semana

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

MENINAS BEM

3ª semana

MUNDIAL

T. 538743 21.30 Noite de estreia

Não acons. m. 13 anos

AVENTURA E AVENTURA

com Lino Ventura e Aldo Maccione

O maior êxito de Claude Lelouch

ROMA

T. 727776 17.00, 19.00 e 21.15

Int. men. 18 anos

EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
Sylvia Kristel

Este filme contém cenas eventualmente chocantes.

RESTELO

T. 610875, 727711 17.00, 19.00, 21.00

Não acons. a men. 13 anos

O LEÃO E O VENTO

UNIVERSAL

Tel. 774402 21 h.

14.30, 20.30 (Para todos)

A QUIMERA DO OURO

17, 22.30 (Para todos)

OS TEMPOS MODERNOS

Sábado (10) às 00.30 (Para todos)

LUZES DA CIDADE

CONDES

T. 322523 13.15, 17.15, 19.15, 21.30

Não acons. men. 18 anos

SOLDADO AZUL

um acontecimento fora de serie

c/ Andice Bergen, Peter Strauss

BERNA

T. 776097 13.45, 17.15, 19.15, 21.15

Para todos

Os grandes sarilhos de um polícia em Saint-T

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654511/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORDANO, 44
TELEF. 321154/5, 320211/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. OIBOA TELEF. 12363
LISBOA-PORTUGAL

Advogado defende-se à bala no "hall" do tribunal

Sob a ameaça de agressão um advogado de Lisboa reagiu à bala, atingindo no peito o seu opositor. Os factos passaram-se ontem, cerca das 13 horas, no «hall» do Tribunal da Relação. A vítima encontra-se internada no hospital de S. José.

O advogado é o dr. Gabriel Ribeiro Rocha Souto, de 52 anos, casado, residente na Rua D. Estefânia. O ferido é João Fernando dos Santos Vicente, de 40 anos, morador na Estrada de Benfica.

Segundo apurámos, o dr. Rocha Souto agora detido, era advogado da mulher da vítima. As posições assumidas pelo causídico não tinham a simpatia de Santos Vicente.

De acordo com as declarações do advogado à Polícia

não era sua intenção disparar, mas apenas dissuadir o outro das ameaças de agressão que lhe dirigira. Da parte do Santos Vicente teriam surgido mesmo ameaças de morte.

O incidente explica-se melhor se se atender ao facto de a vítima se encontrar envolvida num processo por abandono de mulher e filhos.

Entretanto, e ainda de acordo com os depoimentos do advogado, neste caso arguido, ele teria carregado o seu revólver calibre 32 diante de Santos Vicente, para o intimidar, mas este avançou mesmo assim e foi então que a arma se disparou. A ideia do dr. Rocha Souto ao armar o revólver — confessa o próprio — era disparar para o ar em caso de necessidade.

Rapaz de 14 anos mata à faca no Rossio

Tem o aspecto de um rapaz de 14 anos, o autor de um homicídio perpetrado na madrugada de ontem, no Rossio. A vítima foi José António Silva Antunes, de 23 anos.

O motorista de «táxi» que transportou a vítima ao hospital admitiu, na ocasião, que o assassino não teria mais de uns 14 anos de idade. A polícia envida esforços no sentido da

sua captura.

Sabe-se que o mesmo motorista, cuja identidade não foi revelada, não teve dúvidas em relacionar a vítima e o agressor com o grupo de jovens drogados que frequentam a Praça D. Pedro IV.

Esta teoria, encontra um certo apoio no facto de ter sido encontrada na posse da vítima uma seringa hipodérmica.

Plenário de moradores da Freguesia do Socorro

A Comissão de Moradores da freguesia do Socorro apela para a presença massiva dos moradores da freguesia no plenário que se realiza hoje, pelas 21 horas, no Teatro Adóque,

ao Martim Moniz, com a seguinte ordem de trabalhos: 1 — Resumo do que tem sido a actividade da Comissão de Moradores; 2 — Apresentação das contas; 3 — Eleição de novos elementos.



O ministro da Comunicação Social, dr. Almeida Santos, visitou ontem à tarde as instalações da Renascença Gráfica — «Diário de Lisboa» e discutiu, com os trabalhadores, questões relacionadas com a reestruturação da imprensa, no que diz respeito ao nosso jornal. O diálogo foi franco e aberto de parte a parte e o ministro mostrou-se favoravelmente impressionado com a produtividade da Renascença Gráfica, com a sua capacidade de trabalho e com a austeridade da sua gestão. Recorda-se que, apesar das perseguições de que foi vítima ao longo da vigência do regime fascista, e de todos os problemas gerais que afectam a Imprensa, o «Diário de Lisboa» é o jornal que se encontra mais próximo do equilíbrio como o próprio ministro reconheceu.

Timor-Leste será amanhã 27.ª província da Indonésia

JACARTA, 14 — (ANOP/AP) — O Parlamento Indonésio concluiu o debate sobre a integração de Timor Leste no país, devendo ser amanhã aprovado em plenário o projecto de lei sobre a integração — informou um porta-voz.

O Governo tinha apresentado ao Parlamento no passado dia 7 de Julho o projecto sobre a integração de Timor Leste, depois de ter enviado, a 24 de Junho, uma missão de estudo à antiga colónia portuguesa.

A lei aceita Timor Leste na qualidade de 27.ª província da Indonésia, tal como é, o desejo da Assembleia Popular e do Governo Provisório do território, manifestado através de uma petição entregue ao presidente Suharto em 7 de Junho último.

Timor Leste tem uma população de 600 mil pessoas e foi flagelada em Agosto do ano passado por uma guerra civil entre a Frente Revolucionária

de Timor Leste Independente (FRETLIN) e as forças pró-indonésias.

Entretanto, foram bem sucedidas as negociações sobre Timor Leste decorrentes entre o dr. José Vilas-Boas, adjunto do director-geral dos Negócios Estrangeiros Políticos do M.N.E. e representantes pró-indonésios do Timor Leste. Chegou-se a «um acordo quanto a um certo número de questões respeitantes ao antigo território português» — indica um comunicado publicado pela Embaixada da Indonésia em Banquecoque.

Segundo o comunicado, «as conversações prolongaram-se por cinco dias na capital tailandesa, tendo abrangido uma larga gama de assuntos. Chegou-se a um acordo em várias questões e outras serão ulteriormente examinadas» — avança o texto.

Recorde-se que estas conversações vêm na sequência

da visita efectuada no passado dia 20 de Junho, a Dili, capital de Timor, pelo general Moraes e Silva.

Antes da independência

Jornalista francês desaparecido em Angola

O Estado-Maior do Exército divulgou ontem uma nota sobre o desaparecimento em Angola, entre Setembro e Outubro de 1975 (antes da independência daquele território), de um jornalista francês. Na sua íntegra comunica o texto:

«Desapareceu em Angola, entre Setembro e Outubro de 1975, em local que se desconhece exactamente o jovem repórter francês Jean de Ferland, de quem se pretende obter informações que possam contribuir para a realização de buscas que determinem o seu paradeiro.

Sabe-se que foi transportado de avião, em princípios de Setembro daquele ano, de Luanda para a ex-Nova Lisboa, e daí para a ex-Sá da Bandeira, de onde escreveu à sua família, em 16 daquele mês.

Pede-se aos aviadores que o possam ter transportado entre aquelas cidades ou outras localidades, bem como a qual residente daquelas áreas, ao tempo, e que o possa reconhecer, que informem de quaisquer detalhes que contribuam para aquela localização.

O repórter francês desaparecido, que nasceu em 1955, tem 1,82 metros de altura, cabelos castanhos e olhos azuis.

Uma informação, proveniente do Departamento de Informação angolana, indica que próximo de 10 de Outubro se encontraria na região de Luso.

Todas as informações sobre este assunto podem ser endereçadas para o Estado-Maior do Exército, 5.ª Repartição, ou directamente para a Embaixada de França, em Lisboa.»

O atentado de Alverca

Duas grandes torres de ferro da CPE, que fazem parte da linha de transporte de energia Zêzere-Sacavém e Sacavém-Porto Ato com 150 kv e mais dois postes de cimento da CRGE, foram derrubadas pouco depois das 6 horas da manhã após a explosão de potentes cargas de plástico colocadas nas suas bases. Uma brigada do sector de minas e armadilhas da P. S. P., presente no local ao lado de um contingente da G. N. R., afirma que o «trabalho» foi executado por profissionais que sabiam muito bem o que faziam. As cargas foram detonadas depois de ter sido consumido um rastilho ligado a um detonador pirotécnico. Um trabalhador da

CPE, que por acaso passava pelo local e parou para ver o que acontecia tem a opinião de que antes de 15 dias as linhas e as torres não estarão novamente nos seus lugares.

O atentado ocorreu 20 quilómetros a Noroeste de Lisboa na auto-estrada Norte, em Alverca, quase em frente à fábrica de cerveja. Uma das cargas, colocada na base de uma terceira torre, talvez por defeito do dispositivo que a faria detonar arrancou apenas uma das «pernas» da torre, que permaneceu de pé.

A mesma hora dispararam também as linhas de 60 kv alimentadas a partir do Carregado. Estas foram reparadas dois minutos depois.

Teatro e canto livre

Promovida pela Comissão de Moradores da Rua da República Peruana e Zonas Adjacentes, terá amanhã lugar, pelas 21.30, uma sessão de teatro e de canto livre, na sede daquela comissão.

Será representada a peça «A força do povo» pelo grupo de teatro do CRARA, seguindo-se a sessão de canto.

Escalada da crise anglo-ugandesa

NAIROBI, 14 — (ANOP e R.) — Numa escalada da crise britânico-ugandesa, o presidente Idi Amin, do Uganda anunciou que vai expulsar «alguns súbditos» britânicos do país por razões de segurança e preveniu o Governo de Londres de que não deve fazer propaganda contra o Uganda.

O último surto de tensão entre os dois países regista-se na sequência do raide israelita contra o aeroporto de Entebbe, operação que resultou na libertação de mais de 100 reféns em poder de piratas do ar.

A Grã-Bretanha envolveu-se directamente no caso quando exigiu saber o destino de uma das reféns, Dora Block, uma israelo-britânica, de 75 anos

que estava a ser tratada num hospital de Kampala quando a operação teve lugar.

Julga-se actualmente que esteja morta.

Num discurso que proferiu ontem em Kampala, captado em Nairobi numa transmissão directa de Rádio Uganda, o marechal Amin afirmou que não tomaria uma decisão contra a Grã-Bretanha enquanto o Conselho de Segurança das Nações Unidas estivesse reunido em sessão para discutir o ataque de 4 de Julho ao aeroporto de Entebbe.

No seu discurso de ontem, Amin declarou que, quando tomar uma decisão, «ninguém me fará mudar de atitude, nem mesmo alguém da Lua».

PIERRE MENDÈS FRANCE

A OPÇÃO

coleção
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS—UNIVERSIDADE

OPTAR é um verbo de difícil conjugação.
 Pierre Mendès France nunca fugiu quando, ao longo de toda a sua vida, teve de OPTAR...

18

Livraria Bertrand